

# AO FAROL

VIRGINIA WOOLF



**Ao Farol**

Virginia Woolf

Tradução Literunico

Edição Literunico gratuita. Gerada em 20/05/2026 23:45.

## Nota editorial

Esta edição em português brasileiro foi preparada pela Literunico a partir de *To the Lighthouse*, de Virginia Woolf, em texto público validado pelo Wikisource. A tradução compõe o corpo do livro; comentário e orientação de leitura ficam separados no Almanaque, no curso e nos arquivos de descoberta.

Auditoria: 3 partes, 42 seções internas, 485 parágrafos e cerca de 66.863 palavras.

# Sumário

1. **01** A Janela
2. **02** O Tempo Passa
3. **03** O Farol

# 01. A Janela

Parte I da estrutura original: a casa dos Ramsay, a promessa do farol e o dia antes da travessia.

## I

“Sim, claro, se o tempo estiver bom amanhã”, disse a Sra. Ramsay. “Mas você terá que levantar com as cotovias”, acrescentou ela.

Para seu filho, essas palavras transmitiram uma alegria extraordinária, como se tudo estivesse resolvido, a expedição estivesse prestes a acontecer, e a maravilha pela qual ele ansiava, durante anos e anos ao que parecia, estivesse, depois de uma noite de escuridão e de um dia de navegação, ao alcance do toque. Como ele pertencia, mesmo aos seis anos de idade, àquele grande clã que não consegue manter esse sentimento separado daquele, mas deve deixar que as perspectivas futuras, com suas alegrias e tristezas, obscureçam o que está realmente próximo, já que para essas pessoas, mesmo na mais tenra infância, qualquer giro na roda da sensação tem o poder de cristalizar e paralisar o momento sobre o qual repousa sua escuridão ou brilho, James Ramsay, sentado no chão recortando figuras do catálogo ilustrado das Lojas do Exército e da Marinha, dotou a imagem de uma geladeira, como sua mãe falou, com felicidade celestial. Estava repleto de alegria. O carrinho de mão, o cortador de grama, o som dos choupos, as folhas embranquecendo antes da chuva, as gralhas grasnando, as vassouras batendo, os vestidos farfalhando, tudo isso era tão colorido e distinto em sua mente que ele já tinha seu código particular, sua linguagem secreta, embora parecesse a imagem de uma severidade austera e intransigente, com sua testa alta e seus olhos azuis ferozes, impecavelmente cândidos e puros,

franzindo levemente a testa ao ver a fragilidade humana, de modo que sua mãe, observando-o guiar sua tesoura cuidadosamente ao redor na geladeira, imaginava-o todo vermelho e arminho no banco ou dirigindo um empreendimento severo e importante em alguma crise de assuntos públicos.

"Mas", disse o pai, parando em frente à janela da sala, "não vai ficar bem."

Se houvesse um machado à mão, ou um atizador, qualquer arma que pudesse abrir um buraco no peito de seu pai e matá-lo, naquele momento, James a teria agarrado. Tais eram os extremos de emoção que o Sr. Ramsay despertava no peito de seus filhos com sua mera presença; parado, como agora, magro como uma faca, estreito como a lâmina de uma faca, sorrindo sarcasticamente, não apenas com o prazer de desiludir o filho e ridicularizar a esposa, que era dez mil vezes melhor em todos os aspectos do que ele (pensava James), mas também com alguma presunção secreta quanto à sua própria precisão de julgamento. O que ele disse era verdade. Sempre foi verdade. Ele era incapaz de mentir; nunca mexeu com um fato; nunca alterou uma palavra desagradável para se adequar ao prazer ou conveniência de qualquer ser mortal, muito menos de seus próprios filhos, que, nascidos de suas entranhas, deveriam saber desde a infância que a vida é difícil; fatos intransigentes; e a passagem para aquela terra lendária onde nossas mais brilhantes esperanças se extinguem, nossos frágeis barcos afundam na escuridão (aqui o Sr. Ramsay endireitaria as costas e estreitaria seus olhos azuis no horizonte), uma que precisa, acima de tudo, de coragem, verdade e força para resistir.

"Mas pode ficar bem - espero que fique bem", disse a Sra. Ramsay, torcendo um pouco a meia marrom-avermelhada que estava tricotando, com impaciência. Se ela terminasse esta noite, se eles fossem ao Farol, afinal,

seria dado ao faroleiro para seu filho, que estava ameaçado de tuberculose no quadril; junto com uma pilha de revistas velhas e um pouco de tabaco, na verdade, o que quer que ela encontrasse espalhado, não realmente desejado, mas apenas espalhado pelo quarto, para dar àqueles pobres sujeitos, que devem estar entediados sentados o dia todo sem nada para fazer a não ser polir a lamparina, aparar o pavio e varrer seu pedaço de jardim, algo para diverti-los. Pois como você gostaria de ficar trancado por um mês inteiro de cada vez, e possivelmente mais em caso de tempestade, sobre uma rocha do tamanho de um gramado de tênis? ela perguntaria; e não ter cartas ou jornais, e não ver ninguém; - se você fosse casado, não ver sua esposa, não saber como estavam seus filhos, se estavam doentes, se caíram e quebraram as pernas ou os braços; ver as mesmas ondas sombrias quebrando semana após semana, e depois uma terrível tempestade chegando, e as janelas cobertas de borrifos, e pássaros batendo contra a lâmpada, e todo o lugar balançando, e não ser capaz de colocar o nariz para fora de casa por medo de ser arrastado para o mar? Como você gostaria disso? ela perguntou, dirigindo-se especialmente às filhas. Então ela acrescentou, de forma bem diferente, é preciso levar a eles todos os confortos que pudermos.

“É para oeste”, disse o ateu Tansley, mantendo os dedos ossudos abertos de modo que o vento soprasse através deles, pois ele estava participando da caminhada noturna do Sr. Ramsay para cima e para baixo, para cima e para baixo no terraço. Ou seja, o vento soprou da pior direção possível para o pouso no Farol. Sim, ele disse coisas desagradáveis, admitiu a Sra. Ramsay; foi odioso da parte dele expor isso e deixar James ainda mais decepcionado; mas, ao mesmo tempo, ela não os deixava rir dele. “O ateu”, eles o chamavam; “o pequeno ateu.” Rose zombou dele; Prue zombou dele; Andrew, Jasper, Roger zombaram dele; até o velho Texugo, sem um dente na cabeça,

o mordera, por ser (como disse Nancy) o centésimo décimo jovem a persegui-los até as Hébridias, quando era muito melhor ficar sozinho.

“Bobagem”, disse a Sra. Ramsay, com grande severidade. Além do hábito de exagero que herdavam dela, e da insinuação (que era verdadeira) de que ela pedia muitas pessoas para ficarem, e tinha que hospedar algumas na cidade, ela não suportava a incivilidade para com seus convidados, especialmente para com os jovens, que eram pobres como ratos de igreja, “excepcionalmente capazes”, dizia seu marido, seus grandes admiradores, e vinham lá passar férias. Na verdade, ela tinha todo o outro sexo sob sua proteção; por razões que ela não conseguia explicar, pelo seu cavalheirismo e valor, pelo fato de negociarem tratados, governarem a Índia, controlarem as finanças; finalmente, por uma atitude para consigo mesma que nenhuma mulher poderia deixar de sentir ou achar agradável, algo de confiança, infantil, reverencial; que uma velha poderia tirar de um jovem sem perda de dignidade, e ai da menina - rezemos aos céus para que não fosse nenhuma de suas filhas! - que não sentia o valor disso, e tudo o que isso implicava, até a medula dos ossos!

Ela se voltou com severidade para Nancy. Ele não os perseguiu, disse ela. Ele foi questionado.

Eles devem encontrar uma saída para tudo isso. Poderia haver alguma maneira mais simples, menos trabalhosa, ela suspirou. Quando ela olhou no espelho e viu seu cabelo grisalho, seu rosto afundado, aos cinquenta anos, ela pensou, possivelmente ela poderia ter administrado melhor as coisas - seu marido; dinheiro; seus livros. Mas, por sua vez, ela nunca se arrependeria, nem por um segundo, de sua decisão, evitaria dificuldades ou menosprezaria seus deveres. Ela agora era formidável de se ver, e foi apenas

em silêncio, erguendo os olhos dos pratos, depois de ter falado tão severamente sobre Charles Tansley, que suas filhas, Prue, Nancy, Rose, puderam se divertir com ideias infieis que elas mesmas haviam preparado para uma vida diferente da dela; em Paris, talvez; uma vida mais selvagem; nem sempre cuidando de um homem ou de outro; pois havia em todas as suas mentes um questionamento mudo da deferência e do cavalheirismo, do Banco da Inglaterra e do Império Indiano, dos dedos anelados e das rendas, embora para todos eles houvesse algo da essência da beleza, que chamava a masculinidade em seus corações de menina, e os fazia, enquanto se sentavam à mesa sob os olhos de sua mãe, honrar sua estranha severidade, sua extrema cortesia, como uma rainha saindo da lama para lavar o pé sujo de um mendigo, quando ela assim os advertiu tão severamente sobre aquele miserável ateu que os perseguiu - ou, falando com precisão, foi convidado a ficar com eles - nas Ilhas de Skye.

“Não haverá pouso no Farol amanhã”, disse Charles Tansley, batendo palmas enquanto estava na janela com o marido dela. Certamente, ele havia dito o suficiente. Ela desejou que ambos deixassem ela e James sozinhos e continuassem conversando. Ela olhou para ele. Ele era um espécime tão miserável, disseram as crianças, todo corcunda e encovado. Ele não sabia jogar críquete; ele cutucou; ele embaralhou. Ele era um bruto sarcástico, disse Andrew. Eles sabiam o que ele mais gostava - estar sempre andando para cima e para baixo, para cima e para baixo, com o Sr. Ramsay, e dizendo quem havia ganhado isso, quem havia ganhado aquilo, quem era um "homem de primeira linha" em versos latinos, que era "brilhante, mas acho que fundamentalmente doentio", que era sem dúvida o "sujeito mais capaz de Balliol", que havia enterrado sua luz temporariamente em Bristol ou Bedford, mas certamente seria ouvido mais tarde quando seu Prolegômenos, dos quais

o Sr. em prova com ele se o Sr. Ramsay gostaria de vê-los, para algum ramo da matemática ou filosofia viu a luz do dia. Foi sobre isso que eles conversaram.

Ela não conseguia deixar de rir às vezes. Ela disse, outro dia, algo sobre “ondas altas como montanhas”. Sim, disse Charles Tansley, foi um pouco difícil. “Você não está encharcado até a pele?” ela havia dito. “Úmido, não totalmente molhado”, disse o Sr. Tansley, apertando a manga, apalpando as meias.

Mas não é que eles se importassem, disseram as crianças. Não era o rosto dele; não eram suas maneiras. Era ele — seu ponto de vista. Quando conversavam sobre algo interessante, pessoas, música, história, qualquer coisa, até diziam que estava uma bela noite, então por que não sentar ao ar livre, então o que eles reclamavam de Charles Tansley era que, até que ele mudasse a situação e fizesse com que ela de alguma forma refletisse sobre si mesmo e os menosprezasse, ele não estava satisfeito. E ele ia a galerias de arte, diziam, e perguntava uma: alguém gostou da gravata? Deus sabe, disse Rose, que não.

Desaparecendo da mesa de jantar tão furtivamente quanto cervos assim que a refeição terminou, os oito filhos e filhas do Sr. e da Sra. Ramsay procuraram seus quartos, seu refúgio numa casa onde não havia outra privacidade para debater qualquer coisa, tudo; A gravata de Tansley; a aprovação do Projeto de Reforma; aves marinhas e borboletas; pessoas; enquanto o sol se derramava sobre aqueles sótãos, que só uma tábua separava uns dos outros para que cada passo se ouvisse claramente e a suíça chorando pelo pai que morria de câncer num vale dos Grisões, e iluminava morcegos, flanelas, chapéus de palha, tinteiros, potes de tinta, besouros e

crânios de passarinhos, enquanto extraía das longas tiras de algas pregadas na parede um cheiro de sal e ervas daninhas, que também estavam nas toalhas, sujas de areia do banho.

Conflitos, divisões, diferenças de opinião, preconceitos retorcidos na própria fibra do ser, ah, que comessem tão cedo, lamentou a Sra. Ramsay. Eles eram tão críticos, seus filhos. Eles falaram tantas bobagens. Ela saiu da sala de jantar segurando James pela mão, já que ele não iria com os outros. Parecia-lhe um disparate inventar diferenças, quando as pessoas, só Deus sabe, eram suficientemente diferentes sem isso. As verdadeiras diferenças, pensou ela, parada junto à janela da sala, são suficientes, bastante. Ela tinha em mente naquele momento, ricos e pobres, altos e baixos; a grande de nascença recebendo dela, algumas com certa relutância, meio com respeito, pois se ela não tivesse em suas veias o sangue daquela muito nobre, embora ligeiramente mítica, casa italiana, cujas filhas, espalhadas pelas salas de estar inglesas no século XIX, balbuciavam tão encantadoramente, tinham atacado de forma tão selvagem, e toda a sua inteligência, seu porte e seu temperamento vinham delas, e não dos ingleses preguiçosos, ou dos escoceses frios; mas mais profundamente, ela ruminou o outro problema, de ricos e pobres, e as coisas que via com seus próprios olhos, semanalmente, diariamente, aqui ou em Londres, quando visitava pessoalmente aquela viúva, ou aquela esposa em dificuldades, com uma bolsa no braço, e um caderno e um lápis com os quais ela anotava em colunas cuidadosamente ordenadas para o efeito salários e despesas, emprego e desemprego, na esperança de que assim ela deixasse de ser uma mulher privada cuja caridade era metade um sopro para sua própria indignação, metade um alívio para sua própria indignação. curiosidade, e tornar-se o que com sua mente destreinada ela tanto admirava, uma investigadora, elucidando o problema

social.

Parecia-lhe que eram questões insolúveis, ali paradas, segurando James pela mão. Ele a seguiu até a sala de estar, aquele jovem de quem eles riam; ele estava parado ao lado da mesa, remexendo em alguma coisa, sem jeito, sentindo-se fora de controle, como ela sabia sem olhar ao redor. Todos tinham ido embora - as crianças; Minta Doyle e Paul Rayley; Augusto Carmichael; seu marido - todos eles tinham ido embora. Então ela se virou com um suspiro e disse: — Ficaria entediado em vir comigo, Sr. Tansley?

Ela tinha uma missão chata na cidade; ela tinha uma ou duas cartas para escrever; ela demoraria talvez dez minutos; ela colocaria o chapéu. E, com sua cesta e sua sombrinha, lá estava ela novamente, dez minutos depois, dando a sensação de estar pronta, de estar preparada para um passeio, que, no entanto, ela teve que interromper por um momento, enquanto passavam pelo gramado de tênis, para perguntar ao Sr. Carmichael, que estava se aquecendo com seus olhos amarelos de gato entreabertos, de modo que, como os de um gato, eles pareciam refletir o movimento dos galhos ou a passagem das nuvens, mas para não dar nenhuma pista de quaisquer pensamentos íntimos ou emoções, se ele quisesse alguma coisa.

Pois eles estavam fazendo uma grande expedição, disse ela, rindo. Eles estavam indo para a cidade. "Selos, papel para escrever, tabaco?" ela sugeriu, parando ao lado dele. Mas não, ele não queria nada. Suas mãos se entrelaçaram sobre a barriga espaçosa, seus olhos piscaram, como se ele quisesse responder gentilmente a essas lisonjas (ela era sedutora, mas um pouco nervosa), mas não pudesse, mergulhado como estava numa sonolência verde-acinzentada que os abraçava a todos, sem necessidade de palavras, numa vasta e benevolente letargia de bons desejos; toda a casa; todo o

mundo; todas as pessoas que estavam ali, pois durante o almoço ele havia colocado em seu copo algumas gotas de alguma coisa que explicava, pensavam as crianças, a vívida faixa amarelo-canário no bigode e na barba que, de outra forma, eram brancos como leite. Não, nada, ele murmurou.

Ele deveria ter sido um grande filósofo, disse a Sra. Ramsay, enquanto desciam a estrada para a vila de pescadores, mas ele fez um casamento infeliz. Mantendo a sombrinha preta bem ereta e movendo-se com um ar de expectativa indescritível, como se fosse encontrar alguém na esquina, ela contou a história; um caso em Oxford com uma garota; um casamento precoce; pobreza; indo para a Índia; traduzindo um pouco de poesia "muito lindamente, creio", estando disposto a ensinar persa ou hindustani aos meninos, mas qual era realmente a utilidade disso? — e depois deitando-se, como o viam, no gramado.

Isso o lisonjeou; esnobado como tinha sido, acalmou-o o fato de a Sra. Ramsay lhe contar isso. Charles Tansley reviveu. Insinuando também, como fez, a grandeza do intelecto do homem, mesmo em sua decadência, a sujeição de todas as esposas - não que ela culpasse a menina, e o casamento tinha sido bastante feliz, ela acreditava - ao trabalho do marido, ela o fez sentir-se mais satisfeito consigo mesmo do que antes, e ele teria gostado, se eles tivessem pegado um táxi, por exemplo, de ter pago por isso. Quanto à bolsinha dela, ele não poderia carregá-la? Não, não, ela disse, ela mesma sempre carregou isso. Ela também. Sim, ele sentia isso nela. Ele sentiu muitas coisas, algo em particular que o excitou e o perturbou por razões que ele não sabia explicar. Ele gostaria que ela o visse, vestido e encapuzado, andando em procissão. Uma bolsa, um cargo de professor, ele se sentia capaz de qualquer coisa e se via — mas para onde ela estava olhando? Para um homem colando uma nota. O vasto lençol esvoaçante achatava-se e cada

empurrão do pincel revelava pernas novas, arcos, cavalos, vermelhos e azuis brilhantes, lindamente lisos, até que metade da parede estivesse coberta com o anúncio de um circo; cem cavaleiros, vinte focas atuantes, leões, tigres... Esticando-se para a frente, pois era míope, ela leu... "visitará esta cidade", ela leu. Era um trabalho terrivelmente perigoso para um homem de um braço só, exclamou ela, ficar no topo de uma escada como aquela - seu braço esquerdo havia sido decepado em uma colheitadeira há dois anos.

"Vamos todos!" - gritou ela, seguindo em frente, como se todos aqueles cavaleiros e cavalos a tivessem enchido de exultação infantil e a tivessem feito esquecer a pena.

"Vamos", disse ele, repetindo as palavras dela, mas pronunciando-as com uma constrangimento que a fez estremecer. "Vamos ao circo." Não. Ele não conseguia dizer isso direito. Ele não conseguia sentir isso direito. Mas por que não? ela se perguntou. O que havia de errado com ele então? Ela gostava dele calorosamente, no momento. Não tinham sido levados, perguntou ela, a circos quando eram crianças? Nunca, ele respondeu, como se ela perguntasse exatamente o que ele queria; desejava todos esses dias dizer como eles não iam aos circos. Era uma família numerosa, nove irmãos e irmãs, e seu pai era trabalhador. "Meu pai é químico, Sra. Ramsay. Ele tem uma loja." Ele mesmo pagava suas despesas desde os treze anos. Muitas vezes ele ficava sem sobretudo no inverno. Ele nunca poderia "retribuir a hospitalidade" (essas foram suas palavras duras e ressequidas) na faculdade. Ele tinha que fazer as coisas durarem o dobro do tempo que outras pessoas duravam; ele fumava o tabaco mais barato; transar; o mesmo que os velhos faziam no cais. Ele trabalhou duro - sete horas por dia; seu assunto agora era a influência de algo sobre alguém - eles continuavam caminhando e a Sra. Ramsay não entendia bem o significado, apenas as palavras, aqui e ali...

dissertação... comunhão... leitores... palestras. Ela não conseguia entender o feio jargão acadêmico, que se espalhava com tanta loquacidade, mas disse para si mesma que agora entendia por que a ida ao circo o havia derrubado, pobre homenzinho, e por que ele saiu, instantaneamente, com tudo aquilo sobre seu pai, sua mãe, seus irmãos e irmãs, e ela faria com que eles não rissem mais dele; ela contaria a Prue sobre isso. O que ele teria gostado, ela supôs, seria dizer que não foi ao circo, mas a Ibsen com os Ramsay. Ele era um péssimo pedante — ah, sim, um chato insuportável. Pois, embora já tivessem chegado à cidade e estivessem na rua principal, com carroças passando pelas pedras da calçada, ele ainda continuava falando sobre assentamentos, e ensinando, e trabalhadores, e ajudando nossas próprias aulas, e palestras, até que ela percebeu que ele havia recuperado toda a autoconfiança, havia se recuperado do circo, e estava prestes (e agora novamente ela gostava dele calorosamente) para contar a ela - mas aqui, as casas caindo em ambos os lados, eles saíram no cais, e toda a baía espalhou-se diante deles e a Sra. Ramsay não pôde deixar de exclamar: "Oh, que lindo!" Pois o grande prato cheio de água azul estava diante dela; o velho Farol, distante, austero, no meio; e à direita, até onde a vista alcançava, desaparecendo e caindo, em suaves pregas baixas, as dunas de areia verde com ervas selvagens e esvoaçantes, que sempre pareciam estar fugindo para algum país lunar, desabitado de homens.

Essa era a vista, disse ela, parando e ficando com os olhos mais cinzentos, que seu marido adorava.

Ela parou por um momento. Mas agora, disse ela, os artistas tinham vindo para cá. Ali, de fato, a apenas alguns passos de distância, estava um deles, com chapéu panamá e botas amarelas, sério, suave, absorto, apesar de ser observado por dez meninos, com um ar de profundo contentamento em seu

rosto redondo e vermelho olhando, e depois, quando ele olhou, mergulhando; imbuindo a ponta do pincel em algum monte macio de verde ou rosa. Desde que o Sr. Paunceforte esteve lá, três anos antes, todos os quadros eram assim, disse ela, verdes e cinza, com barcos à vela cor de limão e mulheres rosadas na praia.

Mas os amigos de sua avó, disse ela, olhando discretamente enquanto passavam, eram os que mais se esforçavam; primeiro misturavam as próprias cores, depois moíam e depois colocavam panos úmidos para mantê-los úmidos.

Então o Sr. Tansley supôs que ela queria que ele visse que o quadro daquele homem era minúscula, foi isso que se disse? As cores não eram sólidas? Foi isso que alguém disse? Sob a influência daquela emoção extraordinária que vinha crescendo durante todo o passeio, que começara no jardim quando ele quis levar a bolsa dela, que aumentara na cidade quando ele quis contar-lhe tudo sobre si mesmo, ele foi ver ele mesmo, e tudo o que ele conhecia ficou um pouco torto. Foi muito estranho.

Lá estava ele, na sala da pequena casa para onde ela o levara, esperando por ela, enquanto ela subia por um momento para ver uma mulher. Ele a ouviu passos rápidos acima; ouvi sua voz alegre, depois baixa; olhou para as esteiras, caixas de chá, persianas de vidro; esperou com bastante impaciência; ansiava ansiosamente pela caminhada para casa; determinada a carregar sua bolsa; então a ouvi sair; feche uma porta; dizer que eles devem manter as janelas abertas e as portas fechadas, pedir em casa o que quiserem (ela deve estar conversando com uma criança) quando, de repente, ela entrou, ficou por um momento em silêncio (como se estivesse fingindo estar lá em cima, e por um momento se deixou estar agora), ficou imóvel por

um momento contra um retrato da Rainha Vitória usando a fita azul da Jarreteira; quando de repente ele percebeu que era isso: era isso: - ela era a pessoa mais linda que ele já tinha visto.

Com estrelas nos olhos e véus nos cabelos, com ciclames e violetas selvagens — que bobagem ele estava pensando? Ela tinha pelo menos cinquenta anos; ela teve oito filhos. Caminhando por campos floridos e levando ao peito botões quebrados e cordeiros caídos; com as estrelas nos olhos e o vento nos cabelos - Ele pegou a bolsa dela.

“Adeus, Elsie”, disse ela, e eles subiram a rua, ela segurando a sombrinha ereta e andando como se esperasse encontrar alguém na esquina, enquanto pela primeira vez na vida Charles Tansley sentia um orgulho extraordinário; um homem que cavava um ralo parou de cavar e olhou para ela, deixou cair o braço e olhou para ela; pela primeira vez na vida, Charles Tansley sentiu um orgulho extraordinário; sentiu o vento, o ciclâmen e as violetas, pois caminhava com uma linda mulher. Ele segurou a bolsa dela.

## II

"Não vá ao Farol, James", disse ele, parado perto da janela, falando sem jeito, mas tentando, em deferência à Sra. Ramsay, suavizar sua voz para pelo menos dar-lhe alguma aparência de genialidade.

Homenzinho odioso, pensou a Sra. Ramsay, por que continuar dizendo isso?

## III

"Talvez você acorde e encontre o sol brilhando e os pássaros cantando", disse ela com compaixão, alisando o cabelo do menino, pois seu marido, com sua

declaração cáustica de que não ficaria bem, havia frustrado seu ânimo, ela podia ver. Essa ida ao Farol era uma paixão dele, ela percebeu, e então, como se o marido não tivesse dito o suficiente, com sua cáustica afirmação de que amanhã não estaria tudo bem, aquele homenzinho odioso foi e esfregou tudo de novo.

"Talvez esteja tudo bem amanhã", disse ela, alisando o cabelo dele.

Tudo o que ela podia fazer agora era admirar a geladeira e folhear as páginas da lista de Lojas, na esperança de encontrar algo parecido com um ancinho ou uma máquina de cortar grama, que, com suas pontas e cabos, exigiria a maior habilidade e cuidado para ser cortado. Todos esses jovens parodiavam o marido, refletiu; ele disse que iria chover; eles disseram que seria um tornado positivo.

Mas aqui, ao virar a página, de repente sua busca pela imagem de um ancinho ou de uma máquina de cortar grama foi interrompida. O murmúrio áspero, irregularmente interrompido pela retirada e colocação dos canos, que lhe garantia, embora não conseguisse ouvir o que se dizia (enquanto estava sentada à janela que dava para o terraço), que os homens conversavam alegremente; esse som, que já durava meia hora e ocupava seu lugar suavemente na escala de sons que a pressionavam, como o bater das bolas nos tacos, o latido agudo e repentino de vez em quando: "Como é isso? Como é isso?" das crianças jogando críquete, havia cessado; de modo que a queda monótona das ondas na praia, que em sua maior parte marcava seus pensamentos com uma tatuagem comedida e calmante e parecia repetir continuamente, enquanto ela se sentava com as crianças, as palavras de alguma velha canção de berço, murmurada por natureza: "Estou protegendo você - eu sou seu apoio", mas em outras ocasiões, de repente e

inesperadamente, especialmente quando sua mente se levantava ligeiramente da tarefa realmente em mãos, não tinha esse significado gentil, mas como um rufar fantasmagórico de tambores tocados sem remorso a medida da vida, fazia-nos pensar na destruição da ilha e no seu mergulho no mar, e avisava aquela, cujo dia havia passado rapidamente, uma ação rápida após outra, que tudo era efêmero como um arco-íris - esse som que havia sido obscurecido e escondido sob os outros sons de repente trovejou oco em seus ouvidos e a fez olhar para cima com um impulso de terror.

Eles pararam de conversar; essa foi a explicação. Caindo num segundo da tensão que a dominava para o outro extremo que, como que para recuperá-la do gasto desnecessário de emoções, era frio, divertido e até um pouco malicioso, ela concluiu que o pobre Charles Tansley havia sido abandonado. Isso pouco importava para ela. Se o marido exigisse sacrifícios (e de fato exigia), ela lhe oferecia alegremente Charles Tansley, que havia desprezado seu filho.

Mais um momento, com a cabeça erguida, ela escutou, como se esperasse algum som habitual, algum som mecânico regular; e então, ouvindo algo rítmico, meio dito, meio cantado, começando no jardim, enquanto seu marido batia para cima e para baixo no terraço, algo entre um grasnido e uma canção, ela se acalmou mais uma vez, garantiu novamente que tudo estava bem, e olhando para o livro em seus joelhos encontrou a imagem de um canivete com seis lâminas que só poderia ser cortada se James fosse muito cuidadoso.

De repente, um grito alto, como o de um sonâmbulo, meio acordado, algo sobre

Atacado com tiro e granada

cantado com a maior intensidade em seu ouvido, fez com que ela se virasse apreensiva para ver se alguém o ouvia. Apenas Lily Briscoe, ela ficou feliz em descobrir; e isso não importava. Mas a visão da garota parada na beira do gramado pintando a lembrou; ela deveria manter a cabeça o mais na mesma posição possível para o quadro de Lily. O quadro de Lily! A Sra. Ramsay sorriu. Com seus olhinhos chineses e seu rosto enrugado, ela nunca se casaria; não se podia levar sua pintura muito a sério: ela era uma criaturinha independente, e a Sra. Ramsay gostava dela por isso; então, lembrando-se de sua promessa, ela inclinou a cabeça.

#### IV

Na verdade, ele quase derrubou o cavalete dela, caindo sobre ela com as mãos acenando e gritando: "Corajosamente cavalgamos e bem", mas, misericordiosamente, ele se virou bruscamente e partiu, para morrer gloriosamente, ela supôs, nas alturas de Balaclava. Nunca ninguém foi tão ridículo e tão alarmante ao mesmo tempo. Mas enquanto ele continuasse assim, acenando, gritando, ela estaria segura; ele não ficava parado olhando o quadro dela. E foi isso que Lily Briscoe não poderia ter suportado. Mesmo enquanto olhava para a massa, para a linha, para a cor, para a Sra. Ramsay sentada à janela com James, ela ficava atenta ao que estava ao seu redor, para que ninguém se aproximasse e de repente ela encontrasse sua imagem sendo examinada. Mas agora, com todos os seus sentidos aguçados como estavam, olhando, esforçando-se, até que a cor da parede e a jacmanna mais além queimaram em seus olhos, ela percebeu que alguém saía da casa, vindo em sua direção; mas de alguma forma adivinhou, a partir dos passos, William Bankes, de modo que, embora seu pincel tremesse, ela não virou a tela sobre a grama, como teria feito se fosse o Sr. Tansley, Paul Rayley, Minta Doyle ou

praticamente qualquer outra pessoa, mas deixou-a repousar. William Bankes estava ao lado dela.

Eles tinham quartos na aldeia e, assim, entrando, saindo, despedindo-se tarde nos capachos, diziam coisinhas sobre a sopa, sobre as crianças, sobre uma e outra coisa que os tornava aliados; de modo que quando ele ficou ao lado dela agora com seu jeito judicial (ele tinha idade suficiente para ser pai dela também, um botânico, um viúvo, cheirando a sabão, muito escrupuloso e limpo), ela simplesmente ficou ali parada. Ele apenas ficou lá. Os sapatos dela eram excelentes, observou ele. Eles permitiram que os dedos dos pés se expandissem naturalmente. Hospedando-se na mesma casa que ela, ele notou também como ela era organizada, acordando antes do café da manhã e saindo para pintar, ele acreditava, sozinha: pobre, presumivelmente, e sem a aparência ou o encanto de Miss Doyle, certamente, mas com um bom senso que a tornava, aos seus olhos, superior àquela jovem. Agora, por exemplo, quando Ramsay se aproximava deles, gritando, gesticulando, a Srta. Briscoe, ele tinha certeza, entendia.

"Alguém cometeu um erro."

O Sr. Ramsay olhou para eles. Ele olhou para eles sem parecer vê-los. Isso deixou os dois vagamente desconfortáveis. Juntos, eles viram algo que não deveriam ver. Eles haviam invadido a privacidade. Então, pensou Lily, provavelmente foi uma desculpa dele para se mudar, para ficar fora do alcance da voz, que fez o Sr. Bankes dizer quase imediatamente algo sobre estar frio e sugerir um passeio. Ela viria, sim. Mas foi com dificuldade que ela tirou os olhos do quadro.

A jacmanna era violeta brilhante; a parede ficando branca. Ela não teria considerado honesto mexer com o violeta brilhante e o branco brilhante, já

que os via assim, por mais que estivesse na moda, desde a visita do Sr. Paunceforte, ver tudo pálido, elegante, semitransparente. Então, abaixo da cor havia a forma. Ela podia ver tudo tão claramente, tão imponentemente, quando olhava: foi quando ela pegou o pincel que tudo mudou. Foi naquele momento de fuga entre o quadro e a tela que os demônios se lançaram sobre ela, muitas vezes levando-a à beira das lágrimas e tornando esta passagem da concepção ao trabalho tão terrível quanto qualquer outra passagem por uma passagem escura para uma criança. Ela mesma frequentemente se sentia assim - lutando contra probabilidades terríveis para manter sua coragem; dizer: "Mas isto é o que vejo; isto é o que vejo", e assim apertar contra o peito algum resquício miserável de sua visão, que mil forças fizeram o possível para arrancar dela. E foi então também, daquele jeito frio e ventoso, quando ela começou a pintar, que ela se impôs a outras coisas, sua própria inadequação, sua insignificância, cuidando da casa de seu pai na Brompton Road, e teve muito trabalho para controlar seu impulso de se atirar (graças a Deus ela sempre resistiu até agora) aos joelhos da Sra. "Estou apaixonado por você?" Não, isso não era verdade. "Estou apaixonada por tudo isso", acenando com a mão para a cerca viva, para a casa, para os filhos. Era um absurdo, era impossível. Então ela colocou os pincéis na caixa, lado a lado, e disse a William Bankes:

"De repente fica frio. O sol parece dar menos calor", disse ela, olhando ao redor, pois estava claro o suficiente, a grama ainda era de um verde suave e profundo, a casa brilhava em seu verde com flores roxas de maracujá e gralhas soltando gritos frios do azul alto. Mas algo se moveu, brilhou, virou uma asa prateada no ar. Afinal, era setembro, meados de setembro, e já passava das seis da tarde. Então eles caminharam pelo jardim na direção habitual, passando pelo gramado de tênis, passando pela grama dos pampas,

até aquela abertura na sebe espessa, guardada por atiçadores em brasa, como braseiros de carvão em chamas, entre os quais as águas azuis da baía pareciam mais azuis do que nunca.

Eles iam lá regularmente todas as noites, atraídos por alguma necessidade. Era como se a água flutuasse e colocasse em movimento pensamentos que haviam ficado estagnados em terra firme, e desse aos seus corpos até mesmo algum tipo de alívio físico. Primeiro, o pulso de cor inundou a baía de azul, e o coração se expandiu com ele e o corpo nadou, só no instante seguinte para ser controlado e resfriado pela escuridão espinhosa nas ondas agitadas. Depois, por trás da grande rocha negra, quase todas as noites jorrava irregularmente, de modo que era preciso ficar atento e era uma delícia quando aparecia, uma fonte de água branca; e então, enquanto se esperava por isso, observava-se, na pálida praia semicircular, onda após onda se espalhando suavemente, uma e outra vez, uma película de madrepora.

Ambos sorriram, parados ali. Ambos sentiam uma alegria comum, excitados pelo movimento das ondas; e depois pela corrida rápida de um barco à vela que, depois de fazer uma curva na baía, parou; estremeceu; deixou suas velas caírem; e então, com um instinto natural para completar o quadro, após esse movimento rápido, os dois olharam para as dunas distantes, e em vez de alegria sentiram tomar conta deles alguma tristeza - porque a coisa estava concluída em parte, e em parte porque as vistas distantes parecem durar um milhão de anos (pensou Lily) o observador e já estar em comunhão com um céu que contempla uma terra inteiramente em repouso.

Olhando para as distantes colinas de areia, William Bankes pensou em Ramsay: pensou em uma estrada em Westmorland, pensou em Ramsay caminhando sozinho por uma estrada, cercado por aquela solidão que

parecia ser seu ar natural. Mas isto foi subitamente interrompido, lembrou William Bankes (e isto deve referir-se a algum incidente real), por uma galinha, abrindo as asas para proteger um bando de pintinhos, sobre os quais Ramsay, parando, apontou a bengala e disse "Linda - linda", uma estranha iluminação em seu coração, Bankes pensou, que mostrava sua simplicidade, sua simpatia pelas coisas humildes; mas parecia-lhe que a amizade deles havia cessado ali, naquele trecho da estrada. Depois disso, Ramsay se casou. Depois disso, com uma coisa e outra, a amizade deles desapareceu. De quem era a culpa ele não sabia dizer, apenas, depois de algum tempo, a repetição tomou o lugar da novidade. Foi para repetir que eles se conheceram. Mas nesse diálogo mudo com as dunas de areia ele afirmou que sua afeição por Ramsay não havia diminuído em nada; mas ali, como o corpo de um jovem deitado na turfa durante um século, com o vermelho fresco nos lábios, estava a sua amizade, na sua agudeza e realidade, do outro lado da baía, entre os montes de areia.

Ele estava ansioso pelo bem dessa amizade e talvez também para se livrar da imputação de ter secado e encolhido - pois Ramsay vivia em uma confusão de crianças, enquanto Bankes não tinha filhos e era viúvo - ele estava ansioso para que Lily Briscoe não menosprezasse Ramsay (um grande homem à sua maneira), mas entendesse como estavam as coisas entre eles. Iniciada há muitos anos, a amizade deles se desvaneceu numa estrada de Westmorland, onde a galinha abriu as asas diante dos pintinhos; depois do qual Ramsay se casou, e seus caminhos seguiram caminhos diferentes, houve, certamente sem culpa de ninguém, alguma tendência, quando se conheceram, de repetir.

Sim. Foi isso. Ele terminou. Ele se afastou da vista. E, virando-se para voltar na direção oposta, subindo o caminho, o Sr. Bankes estava atento a coisas que não o teriam impressionado se aqueles montes de areia não lhe tivessem

revelado o corpo da sua amizade deitado com o vermelho nos lábios coberto de turfa - por exemplo, Cam, a menina, a filha mais nova de Ramsay. Ela estava escolhendo Sweet Alice na margem. Ela era selvagem e feroz. Ela não iria “dar uma flor ao cavalheiro”, como a babá lhe disse. Não! não! não! ela não iria! Ela cerrou o punho. Ela carimbou. E o Sr. Bankes sentiu-se envelhecido e triste e de alguma forma enganado por ela em relação à sua amizade. Ele deve ter secado e encolhido.

Os Ramsay não eram ricos e era surpreendente como conseguiram inventar tudo isso. Oito filhos! Para alimentar oito crianças com filosofia! Ali estava outro deles, dessa vez Jasper, passando por ali para atirar em um pássaro, ele disse, indiferente, balançando a mão de Lily como uma alavanca de bomba ao passar, o que fez o Sr. Bankes dizer, amargamente, que ela era uma das favoritas. Havia agora a educação a ser considerada (é verdade, a Sra. Ramsay talvez tivesse algo próprio), sem falar no uso e desgaste diário de sapatos e meias que aqueles "grandes sujeitos", todos jovens bem crescidos, angulosos e implacáveis, deviam exigir. Quanto a ter certeza de qual era qual, ou em que ordem eles vieram, isso estava além de sua capacidade. Ele os chamou em particular em homenagem aos Reis e Rainhas da Inglaterra; Cam, o Perverso, James, o Implacável, Andrew, o Justo, Prue, a Bela — pois Prue teria beleza, pensou ele, como ela poderia evitar? — e Andrew, cérebro. Enquanto ele caminhava pelo caminho e Lily Briscoe dizia sim e não e completava seus comentários (pois ela estava apaixonada por todos eles, apaixonada por este mundo), ele ponderou o caso de Ramsay, lamentou-o, invejou-o, como se o tivesse visto despojar-se de todas aquelas glórias de isolamento e austeridade que o coroaram na juventude para se sobrecarregar definitivamente com asas agitadas e domesticidades cacarejantes. Eles lhe deram algo - William Bankes reconheceu isso; teria

sido agradável se Cam tivesse enfiado uma flor em seu casaco ou subido em seu ombro para ver um quadro do Vesúvio em erupção; mas eles também tinham, como seus velhos amigos podiam sentir, destruído alguma coisa. O que um estranho pensaria agora? O que essa Lily Briscoe achou? Alguém poderia deixar de notar que os hábitos cresceram nele? excentricidades, fraquezas talvez? Era surpreendente que um homem com seu intelecto pudesse se rebaixar tanto - mas essa era uma frase muito dura - pudesse depender tanto dos elogios das pessoas.

"Ah, mas", disse Lily, "pense no trabalho dele!"

Sempre que ela "pensava no trabalho dele", via claramente diante dela uma grande mesa de cozinha. Foi obra de Andrew. Ela perguntou a ele sobre o que eram os livros de seu pai. "Sujeito e objeto e a natureza da realidade", dissera Andrew. E quando ela disse Céus, ela não tinha ideia do que isso significava.

"Pense em uma mesa de cozinha então", ele disse a ela, "quando você não estiver lá."

Então agora ela sempre via, quando pensava no trabalho do Sr. Ramsay, uma mesa de cozinha esfregada. Alojou-se agora na forquilha de uma pereira, pois tinham chegado ao pomar. E com um doloroso esforço de concentração, ela concentrou sua mente, não na casca prateada da árvore, ou em suas folhas em forma de peixe, mas em uma mesa de cozinha fantasma, uma daquelas mesas de madeira escovada, granulada e nodosa, cuja virtude parece ter sido revelada por anos de integridade muscular, que ali ficou presa, com as quatro pernas no ar. Naturalmente, se alguém passasse os dias nessa visão de essências angulosas, nessa redução de noites encantadoras, com todas as suas nuvens de flamingo, azuis e prateadas, a uma mesa de quatro pés de

madeira branca (e isso era uma marca das mentes mais refinadas), naturalmente não se poderia ser julgado como uma pessoa comum.

O Sr. Bankes gostou dela por lhe pedir "pensar no seu trabalho". Ele tinha pensado nisso, muitas e muitas vezes. Ele dissera inúmeras vezes: "Ramsay é um daqueles homens que fazem seu melhor trabalho antes dos quarenta anos". Ele deu uma contribuição definitiva à filosofia em um pequeno livro quando tinha apenas vinte e cinco anos; o que veio depois foi mais ou menos amplificação, repetição. Mas o número de homens que dão uma contribuição definitiva para qualquer coisa é muito pequeno, disse ele, parando perto da pereira, bem escovado, escrupulosamente exato, primorosamente judicial. De repente, como se o movimento da mão dele a tivesse libertado, a carga das impressões acumuladas dela sobre ele subiu e desceu, numa pesada avalanche, tudo o que ela sentia por ele. Essa foi uma sensação. Então surgiu em fumaça a essência de seu ser. Essa foi outra. Ela sentiu-se paralisada pela intensidade da sua percepção; foi a sua severidade; sua bondade. Eu respeito você (ela se dirigiu a ele em silêncio) em todos os átomos; você não é vaidoso; você é totalmente impessoal; você é melhor que o Sr. Ramsay; você é o melhor ser humano que eu conheço; você não tem esposa nem filho (sem nenhum sentimento sexual, ela ansiava por acalentar aquela solidão), você vive para a ciência (involuntariamente, pedaços de batatas surgiram diante de seus olhos); elogio seria um insulto para você; homem generoso, de coração puro e heróico! Mas, ao mesmo tempo, ela se lembrou de como ele trouxera um manobrista até aqui; objetou a cães em cadeiras; meditava durante horas (até o Sr. Ramsay sair da sala) sobre o sal nos vegetais e a iniquidade dos cozinheiros ingleses.

Como então funcionou tudo isso? Como alguém julgava as pessoas, pensava nelas? Como somar isso e aquilo e concluir que se sentia gostar ou não? E a

essas palavras, que significado está associado, afinal? De pé agora, aparentemente paralisada, perto da pereira, as impressões daqueles dois homens se derramaram sobre ela, e seguir seu pensamento era como seguir uma voz que fala rápido demais para ser anotada pelo lápis, e a voz era sua própria voz dizendo sem sugerir coisas inegáveis, eternas e contraditórias, de modo que até mesmo as fissuras e protuberâncias na casca da pereira ficaram irrevogavelmente fixadas ali para a eternidade. Você tem grandeza, ela continuou, mas o Sr. Ramsay não tem nada disso. Ele é mesquinho, egoísta, vaidoso, egoísta; ele é mimado; ele é um tirano; ele usa a Sra. Ramsay até a morte; mas ele tem o que você (ela se dirigiu ao Sr. Bankes) não tem; uma ardente falta de mundo; ele não sabe nada sobre ninharias; ele adora cachorros e seus filhos. Ele tem oito. O Sr. Bankes não tem nenhum. Ele não desceu com dois casacos outra noite e deixou a Sra. Ramsay cortar seu cabelo em uma bacia de pudim? Tudo isso dançava para cima e para baixo, como um grupo de mosquitos, cada um separado, mas todos maravilhosamente controlados por uma rede elástica invisível - dançava para cima e para baixo na mente de Lily, dentro e ao redor dos galhos da pereira, onde ainda pendia em efígie a mesa de cozinha esfregada, símbolo de seu profundo respeito pela mente do Sr. ela se sentiu libertada; um tiro disparou bem perto e veio, voando de seus fragmentos, assustado, efusivo, tumultuado, um bando de estorninhos.

"Jasper!" disse o Sr. Viraram-se no mesmo sentido que os estorninhos voavam, sobre o terraço. Seguindo a dispersão de pássaros voando velozes no céu, eles atravessaram a abertura na sebe alta e deram de cara com o Sr. Ramsay, que gritou tragicamente para eles: "Alguém cometeu um erro!"

Seus olhos, vidrados de emoção, desafiadores com intensidade trágica, encontraram os deles por um segundo e tremeram à beira do reconhecimento; mas então, erguendo a mão, a meio caminho do rosto, como se quisesse desviar, afastar, numa agonia de vergonha rabugenta, o olhar normal deles, como se implorasse que retivessem por um momento o que ele sabia ser inevitável, como se imprimisse neles seu próprio ressentimento infantil de interrupção, mas mesmo no momento da descoberta não deveria ser totalmente derrotado, mas estava determinado a se apegar a algo dessa emoção deliciosa, dessa rapsódia impura da qual ele se envergonhava, mas no qual ele se divertiu - ele se virou abruptamente e bateu sua porta particular na cara deles; e Lily Briscoe e o Sr. Bankes, olhando inquietos para o céu, observaram que o bando de estorninhos que Jasper havia derrotado com sua arma havia pousado no topo dos olmos.

## V

"E mesmo que não esteja bom amanhã", disse a Sra. Ramsay, erguendo os olhos para olhar para William Bankes e Lily Briscoe enquanto eles passavam, "será outro dia. E agora", disse ela, pensando que o charme de Lily eram seus olhos chineses, oblíquos em seu rostinho branco e enrugado, mas seria preciso ser um homem inteligente para vê-lo, "e agora levante-se e deixe-me medir sua perna", pois eles poderiam ir ao Farol, afinal, e ela deve ver se a meia não precisa ter uma ou duas polegadas a mais na perna.

Sorrindo, pois era uma ideia admirável que lhe ocorreu naquele exato momento - William e Lily deveriam se casar - ela pegou a meia de mistura de urze, com seu cruzamento de agulhas de aço na boca, e mediu-a contra a perna de James.

"Meu querido, fique quieto", ela disse, pois em seu ciúme, não gostando de servir de medida para o filho do faroleiro, James ficava inquieto propositalmente; e se ele fizesse isso, como ela poderia ver se era muito longo, era muito curto? ela perguntou.

Ela olhou para cima — que demônio o possuía, seu filho mais novo, seu querido? — e viu a sala, viu as cadeiras, achou-as terrivelmente surradas. Suas entranhas, como Andrew disse outro dia, estavam espalhadas pelo chão; mas então qual era o sentido, perguntou ela, de comprar boas cadeiras para deixá-las estragar aqui durante todo o inverno, quando a casa, com apenas uma velha para cuidar dela, definitivamente pingava de umidade? Não importa, o aluguel era exatamente dois centavos e meio; as crianças adoraram; fazia bem ao marido estar a três mil, ou, para ser mais exato, a trezentos quilômetros de suas bibliotecas, de suas palestras e de seus discípulos; e havia espaço para visitantes. Esteiras, camas de campanha, fantasmas malucos de cadeiras e mesas cuja vida de serviço em Londres havia terminado — eles se saíram muito bem aqui; e uma ou duas fotografias e livros. Os livros, pensou ela, cresceram por si mesmos. Ela nunca teve tempo de lê-los. Infelizmente! até os livros que lhe foram dados e inscritos pela mão do próprio poeta: "Para aquela cujos desejos devem ser obedecidos"... "A Helena mais feliz dos nossos dias"... é vergonhoso dizer, ela nunca os leu. E Croom sobre a Mente e Bates sobre os Costumes Selvagens da Polinésia ("Meu querido, fique quieto", disse ela) — nenhum deles poderia ser enviado ao Farol. Num determinado momento, supunha ela, a casa ficaria tão degradada que alguma coisa teria de ser feita. Se pudessem ser ensinados a limpar os pés e a não trazer a praia com eles, isso já seria alguma coisa. Caranguejos, ela tinha que admitir, se Andrew realmente quisesse dissecá-los, ou se Jasper acreditasse que era possível fazer sopa

com algas marinhas, não seria possível evitar; ou os objetos de Rose — conchas, juncos, pedras; pois eles eram talentosos, seus filhos, mas todos de maneiras bem diferentes. E o resultado disso, ela suspirou, observando toda a sala, do chão ao teto, enquanto segurava a meia contra a perna de James, foi que as coisas ficaram cada vez mais ruins, verão após verão. O tapete estava desaparecendo; o papel de parede estava balançando. Você não poderia mais dizer que aquelas eram rosas. Ainda assim, se todas as portas de uma casa forem deixadas perpetuamente abertas e nenhum serralheiro em toda a Escócia conseguir consertar uma fechadura, as coisas podem estragar-se. Todas as portas foram deixadas abertas. Ela ouviu. A porta da sala estava aberta; a porta do corredor estava aberta; parecia que as portas do quarto estavam abertas; e certamente a janela do patamar estava aberta, para isso ela mesma abrisse. Que as janelas deveriam estar abertas e as portas fechadas - por mais simples que fosse, nenhum deles se lembrava disso? Ela entrava nos quartos das empregadas à noite e os encontrava fechados como fornos, exceto o de Marie, a suíça, que preferia ficar sem banho do que sem ar fresco, mas em casa, ela dissera, "as montanhas são tão lindas". Ela havia dito isso ontem à noite olhando pela janela com lágrimas nos olhos. "As montanhas são tão lindas." O pai dela estava morrendo lá, a Sra. Ramsay sabia. Ele os estava deixando órfãos de pai. Repreensões e demonstrações (como fazer uma cama, como abrir uma janela, com as mãos que se fecham e se abrem como as de uma francesa) tudo se dobrava silenciosamente em torno dela, quando a menina falava, como, depois de um voo através do sol, as asas de um pássaro dobram-se silenciosamente e o azul da sua plumagem muda de aço brilhante para roxo suave. Ela ficou ali em silêncio, pois não havia nada a ser dito. Ele tinha câncer na garganta. Ao se lembrar de como ela ficou ali, de como a garota dissera: "Em casa as

montanhas são tão lindas”, e não havia esperança, nenhuma esperança, ela teve um espasmo de irritação e, falando bruscamente, disse a James:

"Fique parado. Não seja cansativo", para que ele soubesse instantaneamente que a severidade dela era real, e esticou a perna e ela mediu.

A meia era curta demais, pelo menos meia polegada, levando em conta o fato de que o filho de Sorley seria menos crescido do que James.

"É muito curto", ela disse, "muito curto."

Nunca ninguém pareceu tão triste. Amargo e negro, a meio caminho, na escuridão, no poço que ia da luz do sol às profundezas, talvez se tenha formado uma lágrima; uma lágrima caiu; as águas balançaram para um lado e para outro, receberam-no e descansaram. Nunca ninguém pareceu tão triste.

Mas não era nada além de aparência, diziam as pessoas? O que havia por trás disso - sua beleza e esplendor? Teria ele estourado os miolos, perguntaram, teria morrido uma semana antes de se casarem — algum outro amante anterior, sobre o qual chegaram rumores? Ou não havia nada? nada além de uma beleza incomparável que ela vivia e não podia fazer nada para perturbar? Pois embora ela pudesse ter dito facilmente, em algum momento de intimidade, quando histórias de grande paixão, de amor frustrado, de ambição frustrada, como ela também sabia, sentiu ou passou por isso, ela nunca falou. Ela ficou em silêncio sempre. Ela sabia então — ela sabia sem ter aprendido. Sua simplicidade compreendia o que as pessoas inteligentes falsificavam. Sua singeleza de espírito a fez cair exatamente como uma pedra, exatamente como um pássaro, deu-lhe, naturalmente, esse mergulho e queda do espírito sobre a verdade que deleitou, aliviou, sustentou -

falsamente, talvez.

("A natureza tem pouco barro", disse certa vez o Sr. Bankes, muito emocionado com a voz dela ao telefone, embora ela estivesse apenas lhe contando um fato sobre um trem, "como aquele com o qual ela moldou você". Ele a viu no final da linha muito claramente grega, reta, de olhos azuis. Como parecia incongruente telefonar para uma mulher assim. As Graças reunidas pareciam ter dado as mãos em prados de asfódelo para compor aquele rosto. Ele pegaria o 10h30 em Euston.

"No entanto, ela não tem mais consciência de sua beleza do que uma criança", disse Bankes, recolocando o fone no gancho e atravessando a sala para ver o progresso que os trabalhadores estavam fazendo com um hotel que estavam construindo nos fundos de sua casa. E ele pensou na Sra. Ramsay enquanto olhava para aquela agitação entre as paredes inacabadas. Pois sempre, pensou ele, havia algo incongruente a ser trabalhado na harmonia do rosto dela. Ela colocou um chapéu de caçador de cervos na cabeça; ela correu pelo gramado em galochas para roubar uma criança da travessura. De modo que, se o que se pensava era apenas na beleza dela, era preciso lembrar-se da coisa trêmula, da coisa viva (eles carregavam tijolos até uma pequena tábua enquanto ele os observava), e inseri-la no quadro; ou se alguém pensasse nela simplesmente como uma mulher, deveria dotá-la de algum capricho de idiossincrasia - ela não gostava de admiração - ou supor algum desejo latente de se livrar de sua realeza de forma, como se sua beleza a aborrecesse e tudo o que os homens dizem sobre beleza, e ela quisesse apenas ser como as outras pessoas, insignificante. Ele não sabia. Ele não sabia. Ele deve ir para o trabalho.)

Tricotando sua meia peluda marrom-avermelhada, com a cabeça absurdamente delineada pela moldura dourada, o xale verde que ela havia jogado na borda da moldura e a obra-prima autenticada de Michael Angelo, a Sra. "Vamos encontrar outro quadro para recortar", disse ela.

## VI

Mas o que aconteceu?

Alguém cometeu um erro.

A partir de suas reflexões, ela deu significado a palavras que ela mantinha sem sentido em sua mente por um longo período de tempo. "Alguém cometeu um erro..." Fixando os olhos míopes no marido, que agora se aproximava dela, ela olhou fixamente até que a proximidade dele lhe revelou (o jingle ecoou em sua cabeça) que algo havia acontecido, alguém havia cometido um erro. Mas ela não conseguia pensar no quê.

Ele estremeceu; ele estremeceu. Toda a sua vaidade, toda a sua satisfação com o seu próprio esplendor, cavalcando caiu como um raio, feroz como um falcão à frente dos seus homens através do vale da morte, foi despedaçado, destruído. Atacados por tiros e granadas, cavalgamos corajosamente e bem, atravessamos o vale da morte, atacamos e tropejamos - direto para Lily Briscoe e William Bankes. Ele estremeceu; ele estremeceu.

Nem por nada ela teria falado com ele, percebendo, pelos sinais familiares, seus olhos desviados e alguma curiosa concentração de sua pessoa, como se ele se enrolasse e precisasse de privacidade para recuperar o equilíbrio, que ele estava indignado e angustiado. Ela acariciou a cabeça de James; ela transferiu para ele o que sentia pelo marido e, ao vê-lo pintar de amarelo a

camisa branca de um cavalheiro do catálogo das Lojas do Exército e da Marinha, pensou que prazer seria para ela se ele se tornasse um grande artista; e por que ele não deveria? Ele tinha uma testa esplêndida. Então, olhando para cima, quando o marido passou por ela mais uma vez, ela ficou aliviada ao descobrir que a ruína estava velada; a domesticidade triunfou; o costume cantava seu ritmo suave, de modo que, ao parar deliberadamente, quando chegou sua vez novamente, na janela ele se curvou interrogativamente e caprichosamente para fazer cócegas na panturrilha nua de James com um raminho de alguma coisa, ela o repreendeu por ter despachado "aquele pobre jovem", Charles Tansley. Tansley teve que entrar e escrever sua dissertação, disse ele.

"James terá que escrever sua dissertação um dia desses", acrescentou ironicamente, sacudindo seu raminho.

Odiando o pai, James afastou o spray que fazia cócegas com o qual, de um modo que lhe era peculiar, composto de severidade e humor, brincava com a perna nua do filho mais novo.

Ela estava tentando terminar aquelas meias cansativas para mandar para o filhinho de Sorley amanhã, disse a Sra. Ramsay.

Não havia a menor chance possível de que eles pudessem ir ao Farol amanhã, o Sr. Ramsay retrucou irascivelmente.

Como ele sabia? ela perguntou. O vento mudava frequentemente.

A extraordinária irracionalidade do comentário dela e a loucura das mentes das mulheres o enfureceram. Ele cavalgou pelo vale da morte, foi despedaçado e estremeceu; e agora, ela enfrentava os fatos, fazia seus filhos esperarem o que estava totalmente fora de questão, na verdade, contava

mentiras. Ele bateu o pé no degrau de pedra. “Maldito seja”, ele disse. Mas o que ela disse? Simplesmente que pode ficar tudo bem amanhã. Então pode ser.

Não com o barômetro caindo e o vento oeste.

Buscar a verdade com uma tão surpreendente falta de consideração pelos sentimentos das outras pessoas, rasgar os finos véus da civilização de forma tão desenfreada e tão brutal, era para ela um ultraje tão horrível à decência humana que, sem responder, atordoada e cega, ela inclinou a cabeça como se quisesse deixar que a chuva de granizo irregular, a torrente de água suja, a respingasse sem repreensão. Não havia nada a ser dito.

Ele ficou ao lado dela em silêncio. Muito humildemente, por fim, ele disse que iria se aproximar e perguntar à Guarda Costeira se ela gostava.

Não havia ninguém a quem ela reverenciasse como ela o reverenciava.

Ela estava pronta para acreditar na palavra dele, disse ela. Só então eles não precisariam cortar sanduíches - isso era tudo. Eles vinham até ela, naturalmente, já que ela era mulher, o dia todo com isso e aquilo; um querendo isso, outro aquilo; as crianças estavam crescendo; muitas vezes ela sentia que não passava de uma esponja encharcada de emoções humanas. Então ele disse: Maldito seja. Ele disse: Deve chover. Ele disse: Não vai chover; e instantaneamente um paraíso de segurança se abriu diante dela. Não havia ninguém que ela reverenciasse mais. Ela sentia que ela não era boa o suficiente para amarrar os cadarços do sapato.

Já envergonhado daquela petulância, daquela gesticulação das mãos ao atacar à frente de suas tropas, o Sr. Ramsay cutucou mais uma vez, timidamente, as pernas nuas do filho, e então, como se a tivesse deixado ir,

com um movimento que estranhamente lembrou à sua esposa o grande leão marinho do Zoológico caindo para trás depois de engolir seu peixe e batendo forte para que a água do tanque lavasse de um lado para o outro, ele mergulhou no ar da noite que, já mais rarefeito, era tirando a substância das folhas e sebes, mas, como que em troca, devolvendo às rosas e rosas um brilho que não tinham durante o dia.

"Alguém cometeu um erro", disse ele novamente, caminhando para cima e para baixo no terraço.

Mas quão extraordinariamente sua nota havia mudado! Era como o cuco; "em junho ele desafina;" como se ele estivesse experimentando, procurando provisoriamente, alguma frase para um novo clima e, tendo apenas isso em mãos, a usasse, por mais quebrada que fosse. Mas parecia ridículo - "Alguém cometeu um erro" - dito assim, quase como uma pergunta, sem qualquer convicção, melodiosamente. A Sra. Ramsay não pôde deixar de sorrir e logo, com certeza, andando de um lado para o outro, ele cantarolou, largou a música e ficou em silêncio.

Ele estava seguro, sua privacidade foi restaurada. Ele parou para acender seu cachimbo, olhou uma vez para sua esposa e seu filho pela janela, e assim como alguém levanta os olhos de um pajem em um trem expresso e vê uma fazenda, uma árvore, um conjunto de casas como uma ilustração, uma confirmação de algo na página impressa à qual retorna, fortalecido e satisfeito, assim sem distinguir entre seu filho ou sua esposa, a visão deles o fortaleceu e o satisfez e consagrou seu esforço para chegar a uma compreensão perfeitamente clara do problema que agora ocupava as energias de sua mente esplêndida.

Era uma mente esplêndida. Pois se o pensamento é como o teclado de um piano, dividido em tantas notas, ou como o alfabeto é organizado em vinte e seis letras, todas em ordem, então sua mente esplêndida não teve nenhum tipo de dificuldade em percorrer essas letras uma por uma, com firmeza e precisão, até chegar, digamos, à letra Q. Ele alcançou Q. Muito poucas pessoas em toda a Inglaterra chegam a chegar a Q. Aqui, parando por um momento perto da urna de pedra que continha os gerânios, ele viu, mas agora muito, muito longe, como crianças catando conchas, divinamente inocente e ocupado com pequenas ninharias aos pés e de alguma forma totalmente indefeso contra uma desgraça que ele percebeu, sua esposa e filho, juntos, na janela. Eles precisavam de sua proteção; ele deu a eles. Mas depois de Q? O que vem a seguir? Depois de Q há uma série de letras, a última das quais dificilmente é visível aos olhos mortais, mas brilha em vermelho à distância. Z só é alcançado uma vez por um homem em cada geração. Ainda assim, se ele conseguisse alcançar R, seria alguma coisa. Aqui pelo menos estava Q. Ele fincou o pé em Q. Q ele tinha certeza. Q ele poderia demonstrar. Se Q então é Q—R— Aqui ele derrubou seu cachimbo, com duas ou três batidas ressonantes na alça da urna, e prosseguiu. "Então R..." Ele se preparou. Ele se apertou.

Qualidades que teriam salvado a companhia de um navio exposta num mar escaldante com seis biscoitos e um frasco de água — resistência e justiça, previsão, devoção, habilidade, vieram em seu auxílio. R é então - o que é R?

Uma veneziana, como a pálpebra de couro de um lagarto, tremeluziu sobre a intensidade de seu olhar e obscureceu a letra R. Naquele clarão de escuridão ele ouviu pessoas dizendo — ele era um fracasso — que R estava além dele. Ele nunca alcançaria R. Para R, mais uma vez. R — —

Qualidades que numa expedição desolada pelas solidões geladas da região polar teriam feito dele o líder, o guia, o conselheiro, cujo temperamento, nem otimista nem desanimado, examina com serenidade o que vai ser e o enfrenta, veio novamente em seu auxílio. R — —

O olho do lagarto piscou mais uma vez. As veias de sua testa incharam. O gerânio na urna tornou-se surpreendentemente visível e, exposto entre as folhas, ele pôde ver, sem desejar, aquela antiga e óbvia distinção entre as duas classes de homens; por um lado, os fiéis praticantes de força sobre-humana que, penosamente e perseverantemente, repetem todo o alfabeto em ordem, vinte e seis letras ao todo, do início ao fim; por outro lado, os talentosos, os inspirados que, milagrosamente, juntam todas as letras num piscar de olhos - o caminho do gênio. Ele não tinha gênio; ele não reivindicou isso: mas ele tinha, ou poderia ter tido, o poder de repetir cada letra do alfabeto de A a Z com precisão e ordem. Enquanto isso, ele ficou em Q. Em seguida, em R.

Sentimentos que não teriam desonrado um líder que, agora que a neve começou a cair e o topo da montanha está coberto de neblina, sabe que deve deitar-se e morrer antes do amanhecer, roubaram-no, empalidecendo a cor dos seus olhos, dando-lhe, mesmo nos dois minutos da sua vez no terraço, o aspecto descorado da velhice murcha. No entanto, ele não morreria deitado; encontraria algum penhasco rochoso e ali, com os olhos fixos na tempestade, tentando até o fim perfurar a escuridão, morreria em pé. Ele nunca alcançaria R.

Ele ficou imóvel, perto da urna, com o gerânio fluindo sobre ela. Quantos homens em um bilhão, perguntou-se ele, chegam afinal a Z? Certamente o líder de uma esperança desamparada pode perguntar-se isso e responder,

sem traição à expedição que o segue: "Talvez um." Um em uma geração. Ele deve ser culpado então se ele não for esse? desde que ele tenha trabalhado honestamente, dando o melhor de seu poder, e até que não tenha mais nada para dar? E a fama dele dura quanto tempo? É permitido até mesmo a um herói moribundo pensar antes de morrer como os homens falarão dele no futuro. Sua fama dura talvez dois mil anos. E o que são dois mil anos? (perguntou o Sr. Ramsay ironicamente, olhando para a cerca viva). E se você olhar do topo de uma montanha para os longos desertos dos séculos? A própria pedra que se chuta com a bota durará mais que Shakespeare. Sua pequena luz brilharia, não muito intensamente, por um ano ou dois, e então se fundiria em alguma luz maior, e esta em uma luz ainda maior. (Ele olhou para a sebe, para a complexidade dos galhos.) Quem então poderia culpar o líder daquele grupo desamparado que, afinal, subiu alto o suficiente para ver o desperdício dos anos e o desaparecimento das estrelas, se antes da morte enrijecer seus membros além da capacidade de movimento, ele levanta um pouco conscientemente os dedos dormentes até a testa e endireita os ombros, de modo que quando o grupo de busca chegar eles o encontrarão morto em seu posto, a bela figura de um soldado? O Sr. Ramsay endireitou os ombros e ficou muito ereto perto da urna.

Quem o culpará se, permanecendo assim por um momento, ele insistir na fama, nos grupos de busca, nos marcos erguidos por seguidores agradecidos sobre seus ossos? Finalmente, quem culpará o líder da expedição condenada, se, tendo se aventurado ao máximo, e usado toda a sua força até a última gota e adormecido sem se importar muito se ele acorda ou não, ele agora percebe, por alguma picada nos dedos dos pés, que ele vive, e não tem a intenção de viver, mas precisa de simpatia, e uísque, e de alguém para contar a história de seu sofrimento imediatamente? Quem o culpará? Quem

não se alegrará secretamente quando o herói tirar a armadura e parar na janela e olhar para sua esposa e filho, que, a princípio muito distantes, gradualmente se aproximam cada vez mais, até que os lábios, o livro e a cabeça estejam claramente diante dele, embora ainda adoráveis e desconhecidos da intensidade de seu isolamento e do desperdício de eras e do desaparecimento das estrelas, e finalmente colocando seu cachimbo no bolso e inclinando sua cabeça magnífica diante dela - quem o culpará se ele prestar homenagem à beleza do mundo?

## VII

Mas seu filho o odiava. Ele o odiava por ter vindo até eles, por parar e olhar para eles; ele o odiava por interrompê-los; odiava-o pela exaltação e sublimidade dos seus gestos; pela magnificência de sua cabeça; por sua exatidão e egoísmo (pois ali estava ele, ordenando que o atendessem); mas acima de tudo ele odiava o sotaque e o chilrear das emoções do pai que, vibrando ao redor deles, perturbavam a perfeita simplicidade e o bom senso de suas relações com a mãe. Olhando fixamente para a página, ele esperava fazê-lo seguir em frente; ao apontar o dedo para uma palavra, ele esperava chamar a atenção da mãe, que, ele sabia com raiva, vacilou no mesmo instante em que o pai parou. Mas não. Nada faria o Sr. Ramsay seguir em frente. Lá estava ele, exigindo simpatia.

A Sra. do macho mergulhou, como um bico de bronze, estéril e nu. Ele queria simpatia. Ele foi um fracasso, disse ele. A Sra. Ramsay mostrou suas agulhas. O Sr. Ramsay repetiu, sem tirar os olhos do rosto dela, que ele era um fracasso. Ela soprou as palavras de volta para ele. "Charles Tansley..." ela disse. Mas ele deve ter mais do que isso. Era simpatia o que ele queria, para ter certeza de seu gênio, antes de tudo, e depois ser levado para dentro do

círculo da vida, aquecido e acalmado, para ter seus sentidos restaurados, sua esterilidade tornada fértil, e todos os cômodos da casa tornavam a sala de estar cheia de vida; atrás da sala, a cozinha; acima da cozinha os quartos; e além deles os viveiros; eles devem ser mobiliados, devem estar cheios de vida.

Charles Tansley o considerava o maior metafísico da época, disse ela. Mas ele deve ter mais do que isso. Ele deve ter simpatia. Ele deve ter certeza de que também viveu no coração da vida; era necessário; não apenas aqui, mas em todo o mundo. Mostrando as agulhas, confiante, ereta, ela criou a sala de estar e a cozinha, iluminando-as todas; ordenou-lhe que ficasse à vontade ali, entrasse e saísse, divertisse-se. Ela riu, ela tricou. Parada entre os joelhos dela, muito rígida, James sentiu todas as suas forças se inflamarem para serem bêbadas e extinguidas pelo bico de bronze, a árida cimitarra do macho, que golpeava impiedosamente, repetidas vezes, exigindo simpatia.

Ele foi um fracasso, repetiu. Bem, olhe então, sinta então. Mostrando as agulhas, olhando ao redor, pela janela, para o quarto, para o próprio James, ela garantiu-lhe, sem sombra de dúvida, por meio de sua risada, seu equilíbrio, sua competência (como uma enfermeira carregando uma luz através de um quarto escuro garante a uma criança rebelde), que era real; a casa estava cheia; o jardim soprando. Se ele depositasse fé implícita nela, nada deveria machucá-lo; por mais fundo que ele se enterrasse ou subisse alto, nem por um segundo ele deveria ficar sem ela. Assim, gabando-se de sua capacidade de cercar e proteger, quase não sobrou uma casca de si mesma pela qual ela pudesse se identificar; tudo foi tão pródigo e gasto; e James, enquanto permanecia rígido entre os joelhos dela, sentiu-a subir em uma árvore frutífera de flores rosadas, repleta de folhas e galhos dançantes, na qual o bico de bronze, a cimitarra árida de seu pai, o homem egoísta,

mergulhou e feriu, exigindo simpatia.

Cheio de suas palavras, como uma criança que cai satisfeita, ele disse, finalmente, olhando-a com humilde gratidão, restaurado, renovado, que daria uma volta; ele observava as crianças jogando críquete. Ele foi.

Imediatamente, a Sra. Ramsay pareceu se dobrar, uma pétala fechada na outra, e todo o tecido caiu exausto sobre si mesmo, de modo que ela só teve força suficiente para mover o dedo, em requintado abandono até a exaustão, através da página do conto de fadas de Grimm, enquanto pulsava através dela, como o pulso de uma mola que se expandiu em toda a sua largura e agora suavemente para de bater, o êxtase da criação bem-sucedida.

Cada pulsação dessa pulsação parecia, enquanto ele se afastava, envolver ela e o marido, e dar a cada um aquele consolo que duas notas diferentes, uma alta e uma baixa, tocadas juntas, parecem dar uma à outra quando se combinam. No entanto, quando a ressonância morreu e ela voltou-se para o Conto de Fadas novamente, a Sra. Ramsay sentiu-se não apenas exausta fisicamente (depois, não naquele momento, ela sempre sentiu isso), mas também tingiu seu cansaço físico de uma sensação ligeiramente desagradável com outra origem. Não que, ao ler em voz alta a história da Esposa do Pescador, ela soubesse exatamente de onde ela vinha; nem se deixou expressar em palavras a sua insatisfação quando percebeu, na virada da página, quando parou e ouviu, surda e sinistramente, uma onda cair, como isso acontecia: ela não gostava, nem por um segundo, de se sentir melhor do que o marido; e além disso, não suportava não ter plena certeza, quando falava com ele, da veracidade do que dizia. Universidades e pessoas que o desejavam, palestras e livros e o fato de eles serem da mais alta importância — de tudo isso ela não duvidou nem por um momento; mas foi a

relação deles, e o fato de ele ter vindo até ela assim, abertamente, para que qualquer um pudesse ver, que a perturbou; pois então as pessoas diziam que ele dependia dela, quando deviam saber que dos dois ele era infinitamente mais importante, e o que ela dava ao mundo, em comparação com o que ele dava, era insignificante. Mas, novamente, havia outra coisa também: não ser capaz de lhe contar a verdade, ter medo, por exemplo, do telhado da estufa e da despesa que seria, talvez cinquenta libras, para consertá-lo; e depois sobre os livros dele, com medo de que ele pudesse adivinhar, o que ela suspeitava um pouco, que o último livro dele não era exatamente o seu melhor livro (ela deduziu isso de William Bankes); e então esconder pequenas coisas do dia a dia, e as crianças vendo isso, e o fardo que isso representava para elas - tudo isso diminuía toda a alegria, a alegria pura, das duas notas soando juntas, e deixava o som morrer em seu ouvido agora com uma monotonia sombria.

Havia uma sombra na página; ela olhou para cima. Era Augustus Carmichael passando, precisamente agora, no exato momento em que era doloroso ser lembrado da inadequação das relações humanas, de que o mais perfeito era defeituoso e não suportava o exame que, amando o marido, com seu instinto de verdade, ela o dirigia; quando foi doloroso sentir-se condenada por indignidade e impedida de desempenhar seu devido papel por essas mentiras, esses exageros - foi nesse momento em que ela estava tão ignóbilmente perturbada após sua exaltação, que o Sr. Carmichael passou arrastando os pés, em seus chinelos amarelos, e algum demônio dentro dela fez com que ela gritasse, enquanto ele passava:

"Indo para dentro, Sr. Carmichael?"

## VIII

Ele não disse nada. Ele consumiu ópio. As crianças disseram que ele havia manchado a barba de amarelo com isso. Talvez. O que lhe era óbvio era que o pobre homem era infeliz, vinha procurá-los todos os anos como uma fuga; e ainda assim, todos os anos ela sentia a mesma coisa; ele não confiava nela. Ela disse: "Estou indo para a cidade. Devo pegar selos, papel, tabaco?" e ela o sentiu estremecer. Ele não confiava nela. Foi obra de sua esposa. Ela se lembrou daquela iniquidade da esposa dele para com ele, que a fez se transformar em aço e inflexível ali, no horrível quartinho de St. John's Wood, quando com seus próprios olhos ela viu aquela mulher odiosa expulsá-lo de casa. Ele estava desleixado; ele deixou cair coisas no casaco; tinha o cansaço de um velho que não tem nada para fazer no mundo; e ela o expulsou da sala. Ela disse, com seu jeito odioso: "Agora, a Sra. Ramsay e eu queremos conversar um pouco", e a Sra. Ramsay pôde ver, como se estivesse diante de seus olhos, as inúmeras misérias de sua vida. Ele tinha dinheiro suficiente para comprar tabaco? Ele teve que pedir isso a ela? meia coroa? dezoito centavos? Ah, ela não suportava pensar nas pequenas indignidades que ela o fazia sofrer. E sempre agora (por que, ela não conseguia adivinhar, exceto que provavelmente vinha daquela mulher de alguma forma) ele se encolhia dela. Ele nunca contou nada a ela. Mas o que mais ela poderia ter feito? Houve um quarto ensolarado cedido a ele. As crianças eram boas para ele. Ela nunca deu sinal de não o querer. Ela realmente se esforçou para ser amigável. Você quer selos, você quer tabaco? Aqui está um livro que você pode gostar e assim por diante. E, afinal de contas — afinal de contas (aqui, insensivelmente, ela se recompôs fisicamente, a sensação de sua própria beleza tornando-se, como raramente acontecia, presente para ela) — afinal, ela geralmente não tinha nenhuma dificuldade em fazer as pessoas gostarem dela; por exemplo, George Manning; Sr. por mais famosos que fossem, eles

vinham até ela à noite, em silêncio, e conversavam sozinhos diante da lareira. Ela andava com ela, não podia deixar de saber disso, a tocha de sua beleza; ela o carregava ereto para qualquer sala em que entrasse; e, afinal, por mais que pudesse velar e fugir da monotonia de comportamento que isso lhe impunha, sua beleza era aparente. Ela tinha sido admirada. Ela tinha sido amada. Ela havia entrado em salas onde os enlutados estavam sentados. Lágrimas correram em sua presença. Os homens, e também as mulheres, deixando de lado a multiplicidade das coisas, permitiram-se com ela o alívio da simplicidade. Machucou-a o fato de ele encolher. Isso a machucou. E ainda assim não de forma limpa, não corretamente. Era com isso que ela se importava, somando-se ao seu descontentamento com o marido; a sensação que ela teve agora, quando o Sr. Carmichael passou, apenas acenando com a cabeça para sua pergunta, com um livro debaixo do braço, em seus chinelos amarelos, de que ela era suspeita; e que toda essa vontade dela de dar, de ajudar, era vaidade. Para sua própria satisfação, ela desejava tão instintivamente ajudar, dar, que as pessoas pudessem dizer dela: "Ó Sra. Ramsay! Querida Sra. Ramsay... Sra. Ramsay, é claro!" e precisar dela e mandar buscá-la e admirá-la? Não era isso que ela queria secretamente e, portanto, quando o Sr. Carmichael se afastou dela, como fez naquele momento, fugindo para algum canto onde fazia acrósticos intermináveis, ela não se sentiu apenas desprezada em seu instinto, mas consciente da mesquinhez de alguma parte dela, e das relações humanas, quão imperfeitas elas são, quão desprezíveis, quão egoístas, no seu melhor. Maltrapilha e desgastada, e provavelmente (suas bochechas estavam encovadas, seu cabelo era branco) não era mais uma visão que enchia os olhos de alegria, era melhor que ela dedicasse sua mente à história do Pescador e sua Mulher e assim pacificasse aquele feixe de sensibilidade (nenhum de seus filhos era

tão sensível quanto ele), seu filho James.

"O coração do homem ficou pesado", ela leu em voz alta, "e ele não quis ir. Ele disse para si mesmo: 'Não está certo', e ainda assim ele foi. E quando ele chegou ao mar a água estava bastante roxa e azul escura, e cinza e espessa, e não mais tão verde e amarela, mas ainda estava quieta. E ele ficou lá e disse — -"

A Sra. Ramsay poderia ter desejado que seu marido não tivesse escolhido aquele momento para parar. Por que ele não foi, como disse, observar as crianças jogando críquete? Mas ele não falou; ele olhou; ele assentiu; ele aprovou; ele continuou. Ele escorregou, vendo diante de si aquela cerca viva que repetidamente contornava alguma pausa, significava alguma conclusão, vendo sua esposa e filho, vendo novamente as urnas com gerânios vermelhos que tantas vezes decoravam processos de pensamento e traziam, escritos entre suas folhas, como se fossem pedaços de papel nos quais se rabiscam notas na pressa da leitura - ele caiu, vendo tudo isso, suavemente na especulação sugerida por um artigo no *The Times* sobre o número de americanos que visitam a casa de Shakespeare todos os anos. Se Shakespeare nunca tivesse existido, perguntou ele, o mundo teria sido muito diferente do que é hoje? O progresso da civilização depende de grandes homens? A situação do ser humano médio é melhor agora do que na época dos Faraós? Será, no entanto, a sorte do ser humano médio, perguntou-se ele, o critério pelo qual julgamos a medida da civilização? Possivelmente não. Possivelmente, o maior bem requer a existência de uma classe escrava. O ascensorista do metrô é uma necessidade eterna. O pensamento era desagradável para ele. Ele balançou a cabeça. Para evitá-lo, ele encontraria uma forma de desprezar a predominância das artes. Ele argumentaria que o mundo existe para o ser humano médio; que as artes são apenas uma

decoração imposta ao topo da vida humana; eles não expressam isso. Nem Shakespeare é necessário para isso. Sem saber exatamente por que queria menosprezar Shakespeare e vir em socorro do homem que fica eternamente na porta do elevador, ele arrancou bruscamente uma folha da sebe. Tudo isso teria de ser distribuído aos jovens de Cardiff no próximo mês, pensou ele; aqui, em seu terraço, ele estava apenas procurando alimentos e fazendo piquenique (ele jogou fora a folha que havia colhido com tanta irritação), como um homem que desce do cavalo para colher um buquê de rosas ou enche os bolsos com nozes enquanto caminha à vontade pelas vielas e campos de um país que ele conhece desde a infância. Tudo era familiar; esta curva, aquele degrau, que cortava os campos. Ele passava horas assim, com seu cachimbo, à noite, pensando para cima e para baixo, dentro e fora das velhas vielas e áreas comuns, que estavam todas presas à história daquela campanha ali, à vida desse estadista aqui, com poemas e com anedotas, com figuras também, esse pensador, aquele soldado; tudo muito rápido e claro; mas por fim o caminho, o campo, o terreno comum, a noqueira frutífera e a sebe florida levaram-no até aquela outra curva da estrada onde ele sempre desmontava, amarrava o cavalo a uma árvore e prosseguia sozinho a pé. Chegou à beira do gramado e olhou para a baía abaixo.

Era seu destino, sua peculiaridade, quer ele quisesse ou não, sair assim para uma faixa de terra que o mar está lentamente corroendo, e ali permanecer, como uma ave marinha desolada, sozinho. Era seu poder, seu dom, livrar-se repentinamente de todas as superfluidades, encolher-se e diminuir de modo que parecesse mais nu e se sentisse mais magro, até mesmo fisicamente, mas não perdesse nada de sua intensidade mental, e assim permanecer em sua pequena saliência enfrentando a escuridão da ignorância humana, como não sabemos nada e o mar corrói o chão em que pisamos - esse foi seu

destino, seu presente. Mas tendo jogado fora, ao desmontar, todos os gestos e bugigangas, todos os troféus de nozes e rosas, e encolhido de modo que não apenas a fama, mas até mesmo seu próprio nome foi esquecido por ele, ele manteve mesmo naquela desolação uma vigilância que não poupou nenhum fantasma e não se deleitou com nenhuma visão, e foi nesse disfarce que ele inspirou em William Bankes (intermitentemente) e em Charles Tansley (observavelmente) e em sua esposa agora, quando ela olhou levantou-se e viu-o parado na beira do gramado, profundamente reverente, e piedade, e gratidão também, como uma estaca cravada no leito de um canal sobre o qual as gaivotas pousam e as ondas batem, inspirando em alegres barcos carregados um sentimento de gratidão pelo dever que está assumindo de marcar o canal lá fora, apenas nas enchentes.

“Mas o pai de oito filhos não tem escolha.” Resmungando meio alto, ele parou, virou-se, suspirou, ergueu os olhos, procurou a figura da esposa lendo histórias para o filho, encheu o cachimbo. Ele abandonou a visão da ignorância humana e do destino humano e do mar devorando o chão em que pisamos, o que, se ele tivesse sido capaz de contemplá-lo fixamente, poderia ter levado a alguma coisa; e encontrava consolo em ninharias tão insignificantes em comparação com o tema augusto que agora tinha diante de si, que estava disposto a desprezar esse conforto, a depreciá-lo, como se ser pego feliz em um mundo de miséria fosse, para um homem honesto, o mais desprezível dos crimes. Era verdade; ele estava em grande parte feliz; ele tinha sua esposa; ele teve seus filhos; ele havia prometido, dentro de seis semanas, falar "algumas bobagens" aos jovens de Cardiff sobre Locke, Hume, Berkeley e as causas da Revolução Francesa. Mas isto e o seu prazer nisso, a sua glória nas frases que pronunciava, no ardor da juventude, na beleza da sua esposa, nas homenagens que lhe chegavam de Swansea, Cardiff, Exeter,

Southampton, Kidderminster, Oxford, Cambridge - tudo teve de ser depreciado e escondido sob a expressão "falar disparates", porque, na verdade, ele não tinha feito o que poderia ter feito. Foi um disfarce; era o refúgio de um homem com medo de assumir os próprios sentimentos, que não conseguia dizer: Isto é o que eu gosto, isto é o que sou; e bastante lamentável e desagradável para William Bankes e Lily Briscoe, que se perguntavam por que tais ocultações seriam necessárias; por que ele sempre precisava de elogios; por que um homem tão corajoso em pensamentos deveria ser tão tímido na vida; quão estranhamente ele era venerável e risível ao mesmo tempo.

Ensinar e pregar estão além do poder humano, suspeitava Lily. (Ela estava guardando suas coisas.) Se você é exaltado, você deve de alguma forma obter uma colheita. A Sra. Ramsay deu-lhe o que ele pediu com muita facilidade. Então a mudança deve ser muito perturbadora, disse Lily. Ele volta de seus livros e nos encontra jogando e falando bobagens. Imagine que mudança nas coisas que ele pensa, disse ela.

Ele estava atacando-os. Agora ele parou e ficou olhando em silêncio para o mar. Agora ele se virou novamente.

## IX

Sim, disse o Sr. Bankes, observando-o partir. Foi mil penas. (Lily dissera algo sobre ele a assustar — ele mudava de um estado de espírito para outro tão repentinamente.) Sim, disse o Sr. Bankes, era uma pena que Ramsay não conseguisse se comportar um pouco mais como as outras pessoas. (Pois ele gostava de Lily Briscoe; podia discutir abertamente sobre Ramsay com ela.) Era por essa razão, disse ele, que os jovens não lêem Carlyle. Um velho

resmungão que perdeu a paciência se o mingau estava frio, por que ele deveria pregar para nós? foi o que o Sr. Bankes entendeu que os jovens dizem hoje em dia. Seria uma pena se você pensasse, como ele, que Carlyle foi um dos grandes professores da humanidade. Lily ficou com vergonha de dizer que não lia Carlyle desde que estava na escola. Mas, na opinião dela, gostavam ainda mais do Sr. Ramsay por pensar que se o seu dedinho doía, o mundo inteiro teria de acabar. Não é que ela se importasse. Pois quem poderia ser enganado por ele? Ele pediu abertamente que você o bajulasse, que o admirasse, seus pequenos truques não enganavam ninguém. O que ela não gostava era da sua estreiteza, da sua cegueira, disse ela, cuidando dele.

"Um pouco hipócrita?" — sugeriu Bankes, olhando também para as costas do Sr. Ramsay, pois ele não estava pensando em sua amizade, e em Cam se recusando a lhe dar uma flor, e em todos aqueles meninos e meninas, e em sua própria casa, cheia de conforto, mas, desde a morte de sua esposa, bastante tranquila? Claro, ele tinha seu trabalho... Mesmo assim, ele preferia que Lily concordasse que Ramsay era, como ele disse, "um pouco hipócrita".

Lily Briscoe continuou guardando os pincéis, olhando para cima e para baixo. Olhando para cima, lá estava ele - Sr. Ramsay - avançando em direção a eles, balançando, descuidado, alheio, distante. Um pouco hipócrita? ela repetiu. Ah, não, o mais sincero dos homens, o mais verdadeiro (aqui estava ele), o melhor; mas, olhando para baixo, ela pensou, ele está absorto em si mesmo, é tirânico, é injusto; e continuou olhando para baixo, propositalmente, pois só assim ela poderia se manter firme, permanecendo com os Ramsays. Assim que alguém olhou para cima e os viu, o que ela chamou de "estar apaixonado" os inundou. Tornaram-se parte daquele universo irreal, mas penetrante e excitante, que é o mundo visto através dos olhos do amor. O céu grudava neles; os pássaros cantavam através deles. E, o que era ainda mais

emocionante, ela também sentiu, ao ver o Sr. Ramsay avançando e recuando, e a Sra.

O Sr. Bankes esperava que ela respondesse. E ela estava prestes a dizer algo criticando a Sra. Ramsay, como ela também era alarmante, à sua maneira, arrogante, ou palavras nesse sentido, quando o Sr. Bankes tornou totalmente desnecessário que ela falasse, em seu êxtase. Para tal foi considerando a sua idade, completar sessenta anos, e o seu asseio e a sua impessoalidade, e o jaleco científico branco que parecia vesti-lo. Para ele, olhar como Lily o via olhando para a Sra. Ramsay era um êxtase, equivalente, Lily sentia, ao amor de dezenas de rapazes (e talvez a Sra. Ramsay nunca tivesse despertado o amor de dezenas de rapazes). Era amor, pensou ela, fingindo mover a tela, destilada e filtrada; amor que nunca tentou agarrar seu objeto; mas, como o amor que os matemáticos carregam com seus símbolos, ou os poetas com suas frases, deveria ser espalhado pelo mundo e tornar-se parte do ganho humano. Então foi de fato. O mundo certamente deveria ter compartilhado isso, se o Sr. Bankes pudesse ter dito por que aquela mulher o agradava tanto; por que a visão dela lendo um conto de fadas para seu filho teve sobre ele exatamente o mesmo efeito que a solução de um problema científico, de modo que ele descansou na contemplação do problema e sentiu, como sentiu quando provou algo absoluto sobre o sistema digestivo das plantas, que a barbárie foi domesticada, o reino do caos subjugado.

Tal êxtase - pois que outro nome alguém poderia chamá-lo? - fez Lily Briscoe esquecer completamente o que estava prestes a dizer. Não foi nada de importante; algo sobre a Sra. Ramsay. Empalidecia diante desse "arrebatamento", desse olhar silencioso, pelo qual ela sentia intensa gratidão; pois nada a consolou tanto, aliviou-a da perplexidade da vida, e milagrosamente elevou seus fardos, como este poder sublime, este dom

celestial, e ninguém o perturbaria mais, enquanto durasse, do que quebrar o raio de luz do sol, deitado no chão.

Que as pessoas amassem assim, que o Sr. Bankes sentisse isso pela Sra. Ramsay (ela olhou para ele, pensativa) era útil, era exaltante. Ela limpou um pincel após o outro em um pedaço de pano velho, servilmente, de propósito. Ela se abrigou na reverência que cobria todas as mulheres; ela se sentiu elogiada. Deixe-o olhar; ela iria dar uma olhada em seu quadro.

Ela poderia ter chorado. Foi ruim, foi ruim, foi infinitamente ruim! Ela poderia ter feito diferente, é claro; a cor poderia ter ficado mais fina e desbotada; as formas etéreas; era assim que Paunceforte teria visto as coisas. Mas então ela não viu assim. Ela viu a cor queimando numa estrutura de aço; a luz da asa de uma borboleta sobre os arcos de uma catedral. De tudo isso, restaram apenas algumas marcas aleatórias rabiscadas na tela. E isso nunca seria visto; nunca será enforcado, e lá estava o Sr. Tansley sussurrando em seu ouvido: "As mulheres não sabem pintar, as mulheres não sabem escrever..."

Ela agora se lembrou do que ia dizer sobre a Sra. Ramsay. Ela não sabia como diria; mas teria sido algo crítico. Ela havia ficado irritada na outra noite por alguma arrogância. Olhando ao longo do nível do olhar do Sr. Bankes para ela, ela pensou que nenhuma mulher poderia adorar outra mulher da maneira que ele adorava; só podiam procurar abrigo sob a sombra que o Sr. Bankes estendia sobre ambos. Olhando ao longo do facho, ela acrescentou a ele seu raio diferente, pensando que era inquestionavelmente a mais adorável das pessoas (inclinada sobre o livro); o melhor talvez; mas também, diferente também da forma perfeita que se via ali. Mas por que diferente e quão diferente? ela se perguntou, raspando sua paleta de todos aqueles

montes de azul e verde que agora lhe pareciam torrões sem vida, mas ela jurou que iria inspirá-los, forçá-los a se mover, fluir, cumprir suas ordens amanhã. Como ela difere? Qual era o espírito nela, a coisa essencial pela qual, se você encontrasse uma luva amassada no canto de um sofá, você a reconheceria, pelo dedo torcido, indiscutivelmente dela? Ela era como um pássaro pela velocidade, uma flecha pela franqueza. Ela era obstinada; ela era autoritária (é claro, Lily lembrou a si mesma, estou pensando em suas relações com as mulheres, e sou muito mais jovem, uma pessoa insignificante, morando perto de Brompton Road). Ela abriu as janelas do quarto. Ela fechou portas. (Então ela tentou começar a música da Sra. Ramsay em sua cabeça.) Chegando tarde da noite, com uma leve batida na porta do quarto, envolta em um velho casaco de pele (pois o cenário de sua beleza sempre foi isso - apressado, mas adequado), ela representava novamente o que quer que fosse - Charles Tansley perdendo seu guarda-chuva; Sr. Carmichael fungando e farejando; Sr. Bankes dizendo: "Os sais vegetais estão perdidos." Tudo isso ela moldaria habilmente; até mesmo torcer maliciosamente; e, aproximando-se da janela, fingindo que precisava ir, - era madrugada, ela podia ver o sol nascendo, - meio voltada para trás, mais intimamente, mas ainda sempre rindo, insiste que ela deve, Minta deve, todos eles devem se casar, já que no mundo inteiro quaisquer louros que possam ser atirados para ela (mas a Sra. Ramsay não se importava nem um pouco com sua pintura), ou triunfos conquistados por ela (provavelmente a Sra. entristecida, sombria e voltou para sua cadeira, não havia como contestar isso: uma mulher solteira (ela pegou levemente sua mão por um momento), uma mulher solteira perdeu o melhor da vida. A casa parecia cheia de crianças dormindo e a Sra. Ramsay ouvindo; luzes sombreadas e respiração regular.

Ah, mas, diria Lily, havia o pai dela; sua casa; até mesmo, se ela ousasse dizê-lo, sua pintura. Mas tudo isso parecia tão pouco, tão virginal, em relação ao outro. No entanto, à medida que a noite avançava e as luzes brancas abriam as cortinas, e mesmo de vez em quando algum pássaro cantava no jardim, reunindo uma coragem desesperada, ela insistia na sua própria isenção da lei universal; implore por isso; ela gostava de ficar sozinha; ela gostava de ser ela mesma; ela não foi feita para isso; e assim ter que enfrentar um olhar sério de olhos de profundidade incomparável e confrontar a simples certeza da Sra. Ramsay (e ela era infantil agora) de que sua querida Lily, seu pequeno Brisk, era uma tola. Depois, lembrou-se, deitou a cabeça no colo da Sra. Ramsay e riu e riu e riu, riu quase histericamente ao pensar na Sra. Ramsay presidindo com uma calma imutável destinos que ela não conseguia compreender completamente. Lá estava ela sentada, simples, séria. Ela havia recuperado a noção dela agora — esse era o dedo torcido da luva. Mas em que santuário alguém havia penetrado? Lily Briscoe finalmente ergueu os olhos e lá estava a Sra. Ramsay, sem perceber completamente o que lhe causara o riso, ainda presidindo, mas agora com todos os vestígios de teimosia abolidos, e em seu lugar, algo claro como o espaço que as nuvens finalmente revelam - o pequeno espaço do céu que dorme ao lado da lua.

Foi sabedoria? Foi conhecimento? Seria, mais uma vez, o engano da beleza, de modo que todas as percepções, a meio caminho da verdade, ficassem emaranhadas numa malha dourada? ou será que ela guardou dentro de si algum segredo que Lily Briscoe certamente acreditava que as pessoas deveriam ter para que o mundo continuasse? Nem todos poderiam ser tão desordenados, precários quanto ela. Mas se soubessem, poderiam contar a alguém o que sabiam? Sentada no chão, com os braços em volta dos joelhos da Sra. Ramsay, o mais próximo possível, sorrindo ao pensar que a Sra. Que

arte existia, conhecida pelo amor ou pela astúcia, pela qual alguém penetrava naquelas câmaras secretas? Que dispositivo para se tornar, como águas despejadas em uma jarra, inextricavelmente a mesma, unida ao objeto que se adora? Poderia o corpo realizar, ou a mente, misturando-se sutilmente nas intrincadas passagens do cérebro? ou o coração? Poderia o amor, como as pessoas o chamavam, fazer dela e da Sra. Ramsay uma só? pois não era o conhecimento, mas sim a unidade que ela desejava, não inscrições em tábuas, nada que pudesse ser escrito em qualquer língua conhecida pelos homens, mas a própria intimidade, que é conhecimento, pensara ela, apoiando a cabeça no joelho da Sra. Ramsay.

Nada aconteceu. Nada! Nada! enquanto ela apoiava a cabeça no joelho da Sra. Ramsay. E, no entanto, ela sabia que o conhecimento e a sabedoria estavam armazenados no coração da Sra. Ramsay. Como então, ela se perguntou, alguém sabia uma coisa ou outra sobre pessoas seladas como eram? Apenas como uma abelha, atraída por alguma doçura ou agudeza do ar, intangível ao toque ou ao paladar, ela assombrava a colmeia em forma de cúpula, percorria os desertos do ar apenas sobre os países do mundo e depois assombrava as colmeias com seus murmúrios e agitações; as colmeias, que eram pessoas. A Sra. Ramsay levantou-se. Lírio levantou-se. A Sra. Ramsay foi. Durante dias pairou sobre ela, como depois de um sonho, alguma mudança sutil é sentida na pessoa com quem se sonhou, mais vividamente do que qualquer coisa que ela disse, o som de murmúrios e, enquanto ela se sentava na poltrona de vime na janela da sala de estar, ela usava, aos olhos de Lily, uma forma augusta; a forma de uma cúpula.

Este raio passou ao nível do raio do Sr. Bankes direto para a Sra. Ramsay sentada lendo ali com James em seus joelhos. Mas agora, enquanto ela ainda olhava, o Sr. Bankes tinha feito isso. Ele havia colocado os óculos. Ele havia

recuado. Ele levantou a mão. Ele estreitou ligeiramente os olhos azuis claros quando Lily, despertando, viu o que ele estava fazendo e estremeceu como um cachorro que vê uma mão levantada para bater nele. Ela teria arrancado o quadro do cavalete, mas disse para si mesma: É preciso. Ela se preparou para suportar o terrível julgamento de alguém olhando para seu quadro. É preciso, ela disse, é preciso. E se for preciso ver, o Sr. Bankes foi menos alarmante do que outro. Mas que quaisquer outros olhos vissem o resíduo dos seus trinta e três anos, o depósito de cada dia de vida misturado com algo mais secreto do que ela jamais havia falado ou mostrado no decorrer de todos aqueles dias, era uma agonia. Ao mesmo tempo, foi imensamente emocionante.

Nada poderia ser mais fresco e silencioso. Pegando um canivete, o Sr. Bankes bateu na tela com o cabo de osso. O que ela queria indicar com a forma triangular roxa, “bem ali”? ele perguntou.

Era a Sra. Ramsay lendo para James, ela disse. Ela conhecia a objeção dele – que ninguém poderia dizer se era uma forma humana. Mas ela não fez nenhuma tentativa de semelhança, disse ela. Por que razão ela os apresentou então? ele perguntou. Por que, de fato? — exceto que se ali, naquele canto, estava claro, aqui, nisto, ela sentia necessidade de escuridão. Por mais simples, óbvio e comum que fosse, o Sr. Bankes estava interessado. Mãe e filho então — objetos de veneração universal, e neste caso a mãe era famosa por sua beleza — poderiam ser reduzidos, ponderou ele, a uma sombra roxa sem irreverência.

Mas o quadro não era deles, disse ela. Ou não no sentido dele. Havia também outros sentidos em que se poderia reverenciá-los. Por uma sombra aqui e uma luz ali, por exemplo. Sua homenagem assumiu a forma de que, como ela

vagamente supunha, um quadro devia ser uma homenagem. Mãe e filho podem ser reduzidos a uma sombra sem irreverência. Uma luz aqui exigia uma sombra ali. Ele considerou. Ele estava interessado. Ele tomou isso cientificamente e de total boa fé. A verdade é que todos os seus preconceitos estavam do outro lado, explicou. O maior quadro da sua sala de estar, que os pintores tinham elogiado e avaliado por um preço mais elevado do que ele pagara por ele, era o das cerejeiras em flor nas margens do Kennet. Ele passou a lua de mel nas margens do Kennet, disse ele. Lily precisa vir ver aquele quadro, ele disse. Mas agora... ele se virou, com os óculos erguidos para o exame científico da tela dela. Sendo a questão das relações de massas, de luzes e sombras, que, para ser honesto, ele nunca havia considerado antes, ele gostaria que ela fosse explicada, o que ela queria então fazer com isso? E ele indicou a cena diante deles. Ela olhou. Ela não podia mostrar-lhe o que queria fazer com aquilo, não conseguia ver nem ela mesma, sem um pincel na mão. Ela retomou sua antiga posição de pintura com os olhos turvos e os modos distraídos, subjugando todas as suas impressões de mulher a algo muito mais geral; tornando-se mais uma vez sob o poder daquela visão que ela teve claramente uma vez e que agora precisa tatear entre sebes e casas e mães e filhos - a sua imagem. Era uma questão, ela lembrou, como conectar a massa da mão direita com a da esquerda. Ela poderia fazer isso trazendo a linha do galho assim; ou quebrar a vaga em primeiro plano por um objeto (talvez James). Mas o perigo era que, ao fazer isso, a unidade do todo pudesse ser quebrada. Ela parou; ela não queria aborrecê-lo; ela tirou a tela levemente do cavalete.

Mas isso foi visto; havia sido tirado dela. Este homem havia compartilhado com ela algo profundamente íntimo. E, agradecendo ao Sr. Ramsay por isso e à Sra. e aquele vilão selvagem, Cam, passando correndo.

## X

Pois Cam roçou o cavalete por um centímetro; ela não iria parar para ver o Sr. Bankes e Lily Briscoe; embora o Sr. Bankes, que teria gostado de ter uma filha, estendesse a mão; ela não parava para ver o pai, a quem também roçou por um centímetro; nem para sua mãe, que gritou "Cam! Quero um momento para você!" enquanto ela passava correndo. Ela partiu como um pássaro, uma bala ou uma flecha, impelida por que desejo, atirada por quem, contra que direção, quem poderia dizer? O que, o que? A Sra. Ramsay ponderou, observando-a. Poderia ser uma visão — de uma concha, de um carrinho de mão, de um reino de fadas do outro lado da sebe; ou pode ser a glória da velocidade; ninguém sabia. Mas quando a Sra. Ramsay chamou "Cam!" pela segunda vez, o projétil caiu no meio da carreira e Cam voltou atrás, puxando uma folha para a mãe.

Ramsay se perguntou, vendo-a absorta, ali parada, com alguns pensamentos próprios, de modo que teve que repetir a mensagem duas vezes - perguntar a Mildred se Andrew, a Srta. a mente da criança. Que mensagem Cam daria ao cozinheiro? A Sra. Ramsay se perguntou. E, na verdade, foi apenas esperando pacientemente e ouvindo que havia uma velha na cozinha com as bochechas muito vermelhas, tomando sopa em uma bacia, que a Sra. Ramsay finalmente despertou aquele instinto de papagaio que havia captado as palavras de Mildred com bastante precisão e agora poderia produzi-las, se esperasse, em uma canção monótona e incolor. Mudando de um pé para o outro, Cam repetiu as palavras: "Não, não o fizeram, e eu disse a Ellen para retirar o chá."

Minta Doyle e Paul Rayley ainda não haviam voltado. Isso só poderia significar, pensou a Sra. Ramsay, uma coisa. Ela deve aceitá-lo ou deve

recusá-lo. Essa saída depois do almoço para passear, embora Andrew estivesse com eles — o que poderia significar? exceto que ela havia decidido, corretamente, pensou a Sra. Ramsay (e ela gostava muito, muito de Minta), de aceitar aquele bom sujeito, que poderia não ser brilhante, mas então, pensou a Sra. Charles Tansley, por exemplo. Já deve ter acontecido, de uma forma ou de outra.

Mas ela leu: “Na manhã seguinte, a esposa acordou primeiro, e era apenas o amanhecer, e de sua cama ela viu a bela paisagem à sua frente. Seu marido ainda estava se espreguiçando...”.

Mas como poderia Minta dizer agora que não o aceitaria? Não se ela concordasse em passar tardes inteiras viajando sozinha pelo campo - pois Andrew iria atrás de seus caranguejos -, mas possivelmente Nancy estava com eles. Ela tentou se lembrar da visão deles parados na porta do corredor depois do almoço. Lá estavam eles, olhando para o céu, imaginando como estava o tempo, e ela dissera, pensando em parte para encobrir a timidez deles, em parte para encorajá-los a ir embora (pois ela simpatizava com Paul):

"Não há nenhuma nuvem em nenhum lugar num raio de quilômetros", e ela sentiu o pequeno Charles Tansley, que os havia seguido, dar uma risadinha. Mas ela fez isso de propósito. Se Nancy estava lá ou não, ela não tinha certeza, olhando mentalmente de um para outro.

Ela continuou lendo: “Ah, esposa”, disse o homem, “por que deveríamos ser rei? Eu não quero ser rei”.

"Bem", disse a esposa, "se você não for rei, eu serei; vá para o Linguado, pois eu serei rei."

"Entre ou saia, Cam," ela disse, sabendo que Cam estava atraído apenas pela palavra "Linguado" e que em um momento ela ficaria inquieta e brigaria com James como sempre. Cam disparou. A Sra. Ramsay continuou lendo, aliviada, pois ela e James compartilhavam os mesmos gostos e se sentiam confortáveis juntos.

"E quando ele chegou ao mar, era um cinza bastante escuro, e a água subia de baixo e tinha um cheiro pútrido. Então ele foi, parou perto dele e disse:

'Bem, o que ela quer então?' - disse o Linguado. - E onde eles estavam agora? A Sra. Ramsay se perguntou, lendo e pensando, com bastante facilidade, as duas coisas ao mesmo tempo; descendo o caminho e contá-los). Ela era responsável perante os pais de Minta - a Coruja e o Pôquer. Seus apelidos para eles surgiram em sua mente enquanto ela lia - sim, eles ficariam irritados se ouvissem - e eles certamente ouviriam - que Minta, ficando com os Ramsays, tinha sido vista etc., etc. da escada", repetiu ela, tirando-os da cabeça com uma frase que, voltando de alguma festa, ela havia feito para divertir o marido. Querido, querido, disse a Sra. façanhas - interessantes talvez, mas limitadas, afinal - daquele pássaro? Naturalmente, alguém a convidou para almoçar, tomar chá, jantar e, finalmente, para ficar com eles em Finlay, o que resultou em alguns atritos com a Coruja, sua mãe, e mais chamadas, e mais conversa, e mais areia, e realmente, no final de tudo, ela contou mentiras suficientes sobre papagaios para durar a vida toda (assim ela disse ao marido naquela noite, no entanto, Minta veio... Sim, ela disse). veio, pensou a Sra. Ramsay, suspeitando de algum espinho no emaranhado desse pensamento; acusá-la de se esforçar para impressionar. Ela muitas vezes se envergonhava de sua própria mesquinhez, nem era dominadora, nem era mais verdadeira em relação aos hospitais, aos esgotos e aos laticínios. Em relação a coisas assim, ela teria gostado, se tivesse tido a

oportunidade, de pegar o leite pela nuca e fazê-las ver que era uma vergonha. uma leiteria modelo e um hospital aqui em cima — essas duas coisas que ela mesma teria gostado de fazer. Mas como? Quando eles fossem mais velhos, talvez ela tivesse tempo, quando todos estivessem na escola.

Ah, mas ela nunca quis que James crescesse um dia mais! ou Cam também. Ela teria gostado de manter esses dois como eram para sempre, demônios de maldade, anjos de deleite, para nunca vê-los crescer e se transformar em monstros de pernas longas. Nada compensou a perda. Quando ela acabou de ler para James, “e havia vários soldados com tambores e trombetas”, e os olhos dele escureceram, ela pensou, por que eles deveriam crescer e perder tudo isso? Ele era o mais talentoso e o mais sensível de seus filhos. Mas todos, ela pensou, eram cheios de promessas. Prue, um anjo perfeito com os outros, e às vezes agora, especialmente à noite, ela tirava o fôlego com sua beleza. Andrew – até o marido dela admitiu que seu dom para a matemática era extraordinário. E Nancy e Roger, ambos eram criaturas selvagens agora, correndo pelo país o dia todo. Quanto a Rose, sua boca era grande demais, mas ela tinha um dom maravilhoso com as mãos. Se tivessem charadas, Rose fazia os vestidos; fez tudo; gostava mais de arrumar mesas, flores, qualquer coisa. Ela não gostou que Jasper atirasse em pássaros; mas foi apenas um palco; todos eles passaram por etapas. Por que, ela perguntou, pressionando o queixo na cabeça de James, eles deveriam crescer tão rápido? Por que eles deveriam ir para a escola? Ela teria gostado de ter sempre tido um filho. Ela estava mais feliz carregando um nos braços. Então as pessoas poderiam dizer que ela era tirânica, dominadora, dominadora, se quisessem; ela não se importou. E, tocando o cabelo dele com os lábios, ela pensou, ele nunca mais será tão feliz, mas se conteve, lembrando-se de como seu marido irritava o fato de ela dizer isso. Ainda assim, era verdade. Eles estavam mais felizes

agora do que jamais seriam novamente. Um jogo de chá de dez centavos deixou Cam feliz por dias. Ela os ouviu batendo os pés e cantando no chão acima de sua cabeça no momento em que acordaram. Eles vieram movimentados ao longo da passagem. Então a porta se abriu e eles entraram, frescos como rosas, olhando, bem despertos, como se essa entrada na sala de jantar depois do café da manhã, o que faziam todos os dias de suas vidas, fosse um acontecimento positivo para eles, e assim por diante, com uma coisa após a outra, o dia todo, até que ela subiu para lhes dizer boa-noite, e os encontrou presos em suas camas como pássaros entre cerejas e framboesas, ainda inventando histórias sobre alguma besteira - algo que eles tinham ouvido. algo que haviam apanhado no jardim. Eles tinham todos os seus pequenos tesouros... E então ela desceu e disse ao marido: Por que eles devem crescer e perder tudo? Nunca mais eles serão tão felizes. E ele estava com raiva. Por que ter uma visão tão sombria da vida? ele disse. Não é sensato. Pois era estranho; e ela acreditou que era verdade; que, apesar de toda a sua melancolia e desespero, ele estava mais feliz, mais esperançoso no geral, do que ela. Menos exposto às preocupações humanas — talvez fosse isso. Ele sempre tinha seu trabalho em que se apoiar. Não que ela fosse “pessimista”, como ele a acusou de ser. Só ela pensava na vida — e uma pequena faixa de tempo se apresentou aos seus olhos — seus cinquenta anos. Lá estava ela: a vida. Vida, ela pensou — mas não terminou o pensamento. Ela olhou para a vida, pois tinha uma noção clara dela, algo real, algo privado, que ela não compartilhava nem com os filhos nem com o marido. Entre eles acontecia uma espécie de transação, na qual ela ficava de um lado e a vida do outro, e ela sempre tentava tirar vantagem disso, como acontecia com ela; e às vezes eles negociavam (quando ela se sentava sozinha); houve, ela lembrou, grandes cenas de reconciliação; mas na maioria das vezes, por

incrível que pareça, ela deve admitir que sentia aquela coisa que chamava de vida terrível, hostil e rápida em atacar você se você lhe desse uma chance. Ali estavam os problemas eternos: sofrimento; morte; os pobres. Sempre houve uma mulher morrendo de câncer até aqui. E ainda assim ela disse a todas essas crianças: Vocês passarão por tudo isso. Ela disse isso incansavelmente a oito pessoas (e a conta da estufa seria de cinquenta libras). Por essa razão, sabendo o que estava diante deles - amor e ambição e ser miserável e sozinho em lugares sombrios - ela tinha muitas vezes a sensação: Por que eles devem crescer e perder tudo? E então ela disse para si mesma, brandindo sua espada contra a vida, Bobagem. Eles ficarão perfeitamente felizes. E aqui estava ela, refletiu, sentindo a vida um tanto sinistra novamente, fazendo Minta se casar com Paul Rayley; porque, independentemente do que ela sentisse em relação à sua própria transação, ela tivera experiências que não precisavam acontecer com todos (ela não a nomeou para si mesma); ela foi levada a prosseguir, muito rapidamente, ela sabia, quase como se fosse uma fuga para ela também, dizer que as pessoas devem se casar; as pessoas devem ter filhos.

Será que ela estava errada nisso, ela se perguntou, revendo sua conduta nas últimas duas semanas e se perguntando se realmente havia pressionado Minta, que tinha apenas vinte e quatro anos, para que se decidisse. Ela estava inquieta. Ela não riu disso? Ela não estava esquecendo novamente o quão fortemente ela influenciava as pessoas? O casamento é necessário — ah, todos os tipos de qualidades (a conta da estufa seria de cinquenta libras); um — ela não precisa nomeá-lo — que era essencial; a coisa que ela teve com o marido. Eles tinham isso?

“Então ele vestiu as calças e fugiu como um louco”, ela leu. “Mas lá fora uma grande tempestade assolava e soprava com tanta força que ele mal

conseguia manter os pés; casas e árvores tombaram, as montanhas tremeram, as pedras rolaram no mar, o céu estava escuro como breu, e trovejou e iluminou, e o mar entrou com ondas negras tão altas quanto torres de igrejas e montanhas, e tudo com espuma branca no topo."

Ela virou a página; faltavam apenas mais algumas linhas, para que ela pudesse terminar a história, embora já passasse da hora de dormir. Estava ficando tarde. A luz do jardim lhe dizia isso; e o branqueamento das flores e algo cinzento nas folhas conspiraram juntos para despertar nela um sentimento de ansiedade. Do que se tratava ela não conseguia pensar a princípio. Então ela se lembrou; Paul, Minta e Andrew não voltaram. Ela convocou novamente o pequeno grupo que estava no terraço em frente à porta do corredor, olhando para o céu. Andrew estava com sua rede e cesta. Isso significava que ele iria pegar caranguejos e coisas assim. Isso significava que ele subiria numa rocha; ele seria cortado. Ou voltando em fila indiana por um daqueles pequenos caminhos acima do penhasco, um deles poderia escorregar. Ele rolaria e depois cairia. Estava ficando bastante escuro.

Mas ela não deixou que sua voz mudasse em nada ao terminar a história, e acrescentou, fechando o livro e pronunciando as últimas palavras como se ela mesma as tivesse inventado, olhando nos olhos de James: "E lá estão eles, vivendo ainda neste exato momento."

"E esse é o fim", disse ela, e viu nos olhos dele, à medida que o interesse pela história desaparecia neles, algo mais tomando seu lugar; algo curioso, pálido, como o reflexo de uma luz, que ao mesmo tempo o fez olhar e maravilhar-se. Virando-se, ela olhou para o outro lado da baía e lá, com certeza, cruzando regularmente as ondas, primeiro com duas braçadas rápidas e depois uma braçada longa e constante, estava a luz do Farol. Estava aceso.

Num momento ele lhe perguntaria: “Vamos ao Farol?” E ela teria que dizer: “Não; amanhã não; seu pai diz que não”. Felizmente, Mildred entrou para buscá-los e a agitação os distraiu. Mas ele ficava olhando por cima do ombro enquanto Mildred o carregava, e ela tinha certeza de que ele estava pensando: não vamos ao Farol amanhã; e ela pensou, ele se lembrará disso por toda a vida.

## XI

Não, pensou ela, juntando algumas das imagens que ele havia recortado — uma geladeira, uma máquina de cortar grama, um cavalheiro em vestido de noite — as crianças nunca esquecem. Por isso era tão importante o que se dizia e o que se fazia, e era um alívio quando iam para a cama. Por enquanto ela não precisa pensar em ninguém. Ela poderia ser ela mesma, sozinha. E era disso que agora ela frequentemente sentia necessidade: de pensar; bem, nem mesmo para pensar. Ficar em silêncio; ficar sozinho. Todo o ser e o fazer, expansivos, brilhantes, vocais, evaporaram; e a pessoa encolhia-se, com uma sensação de solenidade, a ser ela mesma, um núcleo de escuridão em forma de cunha, algo invisível para os outros. Embora ela continuasse a tricotar e se sentasse ereta, era assim que ela se sentia; e esse eu, tendo abandonado seus apegos, estava livre para as aventuras mais estranhas. Quando a vida afundou por um momento, o leque de experiências parecia ilimitado. E para todos sempre houve essa sensação de recursos ilimitados, ela supôs; uma após a outra, ela, Lily, Augustus Carmichael, devem sentir que nossas aparições, as coisas pelas quais você nos conhece, são simplesmente infantis. Por baixo está tudo escuro, tudo se espalha, é insondavelmente profundo; mas de vez em quando subimos à superfície e é por isso que você nos vê. Seu horizonte parecia-lhe ilimitado. Ali estavam

todos os lugares que ela não tinha visto; as planícies indianas; ela sentiu-se afastando a grossa cortina de couro de uma igreja em Roma. Este núcleo de escuridão poderia ir a qualquer lugar, pois ninguém o via. Eles não poderiam impedir isso, ela pensou, exultante. Houve liberdade, houve paz, houve, o que é mais bem-vindo de tudo, uma convocação conjunta, um descanso numa plataforma de estabilidade. Não como se alguém encontrasse descanso em sua experiência (ela realizou aqui algo hábil com suas agulhas), mas como uma cunha de escuridão. Perdendo a personalidade, perde-se a preocupação, a pressa, a agitação; e sempre subia aos seus lábios alguma exclamação de triunfo sobre a vida quando as coisas se reuniam nesta paz, neste descanso, nesta eternidade; e parando ali, ela olhou para aquela batida do Farol, a batida longa e constante, a última das três, que era a batida dela, pois observá-los sempre com esse humor, a esta hora, não se podia deixar de se apegar a uma coisa, especialmente às coisas que se via; e essa coisa, o golpe longo e constante, foi o golpe dela. Muitas vezes ela se via sentada e olhando, sentada e olhando, com o trabalho nas mãos, até se tornar aquilo para o qual olhava — aquela luz, por exemplo. E levantava uma frase ou outra que estava em sua mente assim - "As crianças não esquecem, as crianças não esquecem" - que ela repetia e começava a acrescentar: Vai acabar, vai acabar, ela disse. Chegará, virá, quando de repente ela acrescentou: Estamos nas mãos do Senhor.

Mas instantaneamente ela ficou irritada consigo mesma por dizer isso. Quem disse isso? Ela não; ela estava presa a dizer algo que não queria dizer. Ela olhou para o tricô e encontrou o terceiro golpe e pareceu-lhe que seus próprios olhos encontravam seus próprios olhos, procurando como só ela poderia pesquisar em sua mente e em seu coração, purificando da existência aquela mentira, qualquer mentira. Ela se elogiou ao elogiar a luz, sem

vaidade, pois era severa, buscava, era linda como aquela luz. Era estranho, pensou ela, como, quando alguém estava sozinho, se inclinava para coisas inanimadas; árvores, riachos, flores; senti que eles expressaram um; sentiram que se tornaram um; sentiram que conheciam um, em certo sentido eram um; sentia uma ternura irracional assim (ela olhou para aquela luz longa e constante) como por si mesmo. Lá se levantou, e ela olhou e olhou com as agulhas suspensas, ali enrolada no chão da mente, surgiu do lago do ser, uma névoa, uma noiva para encontrar seu amante.

O que a levou a dizer isso: “Estamos nas mãos do Senhor?” ela se perguntou. A insinceridade que se infiltrava entre as verdades a despertou e a irritou. Ela voltou ao tricô novamente. Como poderia algum Senhor ter feito este mundo? ela perguntou. Com a sua mente ela sempre captou o fato de que não existe razão, ordem, justiça: mas sofrimento, morte, pobres. Não houve traição demasiado vil para o mundo cometer; ela sabia disso. Nenhuma felicidade durou; ela sabia disso. Ela tricotava com compostura firme, franzindo levemente os lábios e, sem se dar conta disso, enrijeceu e compôs as linhas do rosto com um hábito de severidade que, quando o marido faleceu, embora risse ao pensar que Hume, o filósofo, que engordou enormemente, havia ficado preso em um pântano, ele não pôde deixar de notar, ao passar, a severidade no cerne de sua beleza. Isso o entristeceu e o distanciamento dela o doeu, e ele sentiu, ao passar, que não poderia protegê-la e, quando chegou à cerca viva, ficou triste. Ele não podia fazer nada para ajudá-la. Ele deve ficar parado e observá-la. Na verdade, a verdade infernal era que ele piorou as coisas para ela. Ele estava irritado - ele estava melindroso. Ele havia perdido a paciência por causa do Farol. Ele olhou para a cerca viva, para sua complexidade, sua escuridão.

Sempre, pensava a Sra. Ramsay, alguém se ajudava a sair da solidão com relutância, agarrando-se a algum pequeno fim estranho, algum som, alguma visão. Ela ouviu, mas tudo estava muito quieto; o críquete acabou; as crianças estavam tomando banho; havia apenas o som do mar. Ela parou de tricotar; ela segurou a longa meia marrom-avermelhada pendurada em suas mãos por um momento. Ela viu a luz novamente. Com certa ironia em seu interrogatório, pois quando alguém acordava, suas relações mudavam, ela olhava para a luz constante, a impiedosa, a implacável, que era tanto ela, mas tão pequena ela, que a tinha à sua disposição (ela acordou no meio da noite e viu-a curvada sobre a cama deles, acariciando o chão), mas apesar de tudo o que ela pensava, observando-a com fascinação, hipnotizada, como se estivesse acariciando com seus dedos prateados algum recipiente selado em seu cérebro cujo o estouro iria inundá-la de alegria, ela conhecera a felicidade, a felicidade extraordinária, a felicidade intensa, e isso prateava as ondas agitadas com um pouco mais de brilho, à medida que a luz do dia desaparecia, e o azul saía do mar e rolava em ondas de puro limão que se curvavam e inchavam e quebravam na praia e o êxtase explodia em seus olhos e ondas de puro leite corriam pelo chão de sua mente e ela sentiu, É o suficiente! É o suficiente!

Ele se virou e a viu. Ah! Ela era adorável, mais adorável agora do que ele pensava. Mas ele não conseguia falar com ela. Ele não podia interrompê-la. Ele queria falar com ela com urgência, agora que James havia partido e ela finalmente estava sozinha. Mas ele decidiu, não; ele não iria interrompê-la. Ela estava distante dele agora em sua beleza, em sua tristeza. Ele a deixaria em paz e passou por ela sem dizer uma palavra, embora lhe doesse que ela parecesse tão distante e ele não pudesse alcançá-la, não pudesse fazer nada para ajudá-la. E mais uma vez ele teria passado por ela sem dizer uma

palavra se ela, naquele exato momento, não tivesse lhe dado de livre e espontânea vontade o que ela sabia que ele nunca pediria, e não o tivesse chamado, tirado o xale verde do porta-retratos e ido até ele. Pois ele desejava, ela sabia, protegê-la.

## XII

Ela dobrou o xale verde sobre os ombros. Ela pegou o braço dele. A beleza dele era tão grande, disse ela, começando a falar do jardineiro Kennedy, ao mesmo tempo ele era tão bonito, que ela não conseguia ignorá-lo. Havia uma escada encostada na estufa e pequenos pedaços de massa grudados, pois estavam começando a consertar a estufa. Sim, mas enquanto caminhava com o marido, ela sentiu que essa fonte específica de preocupação havia sido colocada. Ela estava na ponta da língua para dizer, enquanto caminhavam: "Vai custar cinquenta libras", mas em vez disso, porque seu coração lhe falhava por causa de dinheiro, ela falou sobre Jasper atirando em pássaros, e ele disse, imediatamente, acalmando-a instantaneamente, que isso era natural em um menino, e ele confiava que encontraria maneiras melhores de se divertir em breve. O marido dela era tão sensato, tão justo. E então ela disse: "Sim; todas as crianças passam por estágios", e começou a considerar as dalias na cama grande, e a se perguntar o que aconteceria com as flores do próximo ano, e se ele tivesse ouvido o apelido das crianças para Charles Tansley, ela perguntou. O ateu, como o chamavam, o pequeno ateu. "Ele não é um espécime polido", disse Ramsay. "Longe disso", disse a Sra. Ramsay.

Ela achava que não havia problema em deixá-lo sozinho, disse a Sra. Ramsay, perguntando-se se adiantaria enviar lâmpadas; eles os plantaram? "Ah, ele tem uma dissertação para escrever", disse o Sr. Ramsay. Ela sabia tudo sobre isso, disse a Sra. Ramsay. Ele não falou de mais nada. Era sobre a

influência de alguém sobre alguma coisa. “Bem, é tudo com que ele pode contar”, disse o Sr. Ramsay. “Reze aos céus para que ele não se apaixone por Prue”, disse a Sra. Ramsay. Ele a deserdaria se ela se casasse com ele, disse o Sr. Ramsay. Ele não olhou para as flores, que sua esposa estava considerando, mas para um ponto cerca de trinta centímetros acima delas. Não havia nenhum mal nele, acrescentou, e estava prestes a dizer que, de qualquer forma, ele era o único jovem na Inglaterra que admirava o seu — — quando ele se engasgou. Ele não a incomodaria novamente por causa de seus livros. Essas flores pareciam dignas de crédito, disse o Sr. Ramsay, baixando o olhar e notando algo vermelho, algo marrom. Sim, mas ela colocou isso com as próprias mãos, disse a Sra. Ramsay. A questão era: o que aconteceria se ela enviasse lâmpadas; Kennedy os plantou? Era a sua preguiça incurável; ela acrescentou, seguindo em frente. Se ela ficasse diante dele o dia todo com uma pá na mão, ele às vezes fazia um trabalho duro. Então eles caminharam em direção aos atijadores em brasa. “Você está ensinando suas filhas a exagerar”, disse o Sr. Ramsay, reprovando-a. Sua tia Camilla era muito pior do que ela, observou a Sra. Ramsay. “Que eu saiba, ninguém jamais considerou sua tia Camilla um modelo de virtude”, disse o Sr. Ramsay. “Ela era a mulher mais linda que já vi”, disse a Sra. Ramsay. “Foi outra pessoa”, disse o Sr. Ramsay. Prue seria muito mais bonita do que era, disse a Sra. Ramsay. Ele não viu nenhum vestígio disso, disse o Sr. Ramsay. “Bem, então olhe esta noite”, disse a Sra. Ramsay. Eles fizeram uma pausa. Ele desejou que Andrew pudesse ser induzido a trabalhar mais. Ele perderia todas as chances de uma bolsa de estudos se não o fizesse. “Oh, bolsas de estudo!” ela disse. O Sr. Ramsay achou que ela era tola por dizer isso, sobre uma coisa séria, como uma bolsa de estudos. Ele deveria ficar muito orgulhoso de Andrew se conseguisse uma bolsa de estudos, disse ele.

Ela ficaria igualmente orgulhosa dele se ele não o fizesse, respondeu ela. Eles sempre discordaram sobre isso, mas isso não importava. Ela gostava que ele acreditasse em bolsas de estudo, e ele gostava que ela se orgulhasse de Andrew, independentemente do que ele fizesse. De repente ela se lembrou daqueles pequenos caminhos à beira dos penhascos.

Não era tarde? ela perguntou. Eles ainda não tinham voltado para casa. Ele abriu o relógio descuidadamente. Mas eram apenas sete e pouco. Ele manteve o relógio aberto por um momento, decidindo que contaria a ela o que havia sentido no terraço. Para começar, não era razoável ficar tão nervoso. Andrew poderia cuidar de si mesmo. Então, ele quis dizer a ela que quando estava andando no terraço agora há pouco - aqui ele ficou desconfortável, como se estivesse invadindo aquela solidão, aquela indiferença, aquele afastamento dela... Mas ela o pressionou. O que ele queria lhe contar, ela perguntou, pensando que era sobre ir ao Farol; que ele estava arrependido de ter dito "Maldito seja". Mas não. Ele não gostou de vê-la tão triste, disse ele. Apenas lã juntando, ela protestou, corando um pouco. Ambos se sentiram desconfortáveis, como se não soubessem se deviam continuar ou voltar. Ela estava lendo contos de fadas para James, disse ela. Não, eles não poderiam compartilhar isso; eles não poderiam dizer isso.

Tinham chegado ao espaço entre os dois grupos de atizadores em brasa e lá estava o Farol novamente, mas ela não se permitiu olhar para ele. Se ela soubesse que ele estava olhando para ela, pensou, não teria se deixado ficar ali sentada, pensando. Ela não gostava de nada que a lembrasse de ter sido vista sentada pensando. Então ela olhou por cima do ombro, para a cidade. As luzes ondulavam e corriam como se fossem gotas de água prateada mantidas firmes pelo vento. E toda a pobreza, todo o sofrimento se transformaram nisso, pensou a Sra. Ramsay. As luzes da cidade, do porto e

dos barcos pareciam uma rede fantasma flutuando ali para marcar algo que havia afundado. Bem, se ele não pudesse compartilhar os pensamentos dela, disse o Sr. Ramsay para si mesmo, então ele partiria sozinho. Ele queria continuar pensando, contando a si mesmo a história de como Hume ficou preso num pântano; ele queria rir. Mas primeiro era um absurdo ficar preocupado com Andrew. Quando tinha a idade de Andrew, costumava caminhar o dia todo pelo campo, com nada além de um biscoito no bolso e ninguém se importava com ele, ou pensava que ele havia caído de um penhasco. Ele disse em voz alta que achava que sairia para uma caminhada de um dia se o tempo melhorasse. Ele estava farto de Bankes e Carmichael. Ele gostaria de um pouco de solidão. Sim, ela disse. Irritou-o que ela não protestasse. Ela sabia que ele nunca faria isso. Ele já estava velho demais para andar o dia todo com um biscoito no bolso. Ela se preocupava com os meninos, mas não com ele. Anos atrás, antes de se casar, pensou ele, olhando para o outro lado da baía, enquanto estavam entre os grupos de aticadores em brasa, ele havia caminhado o dia todo. Ele havia preparado uma refeição com pão e queijo em um bar. Ele havia trabalhado dez horas seguidas; uma velha simplesmente enfiava a cabeça de vez em quando e cuidava do fogo. Esse era o país que ele mais gostava, lá; aqueles montes de areia diminuindo na escuridão. Podia-se caminhar o dia todo sem encontrar ninguém. Quase não havia uma casa, nem uma única aldeia num raio de quilômetros a fio. Alguém poderia resolver as coisas sozinho. Havia pequenas praias de areia onde ninguém havia estado desde o início dos tempos. As focas sentaram-se e olharam para você. Às vezes lhe parecia que numa casinha ali, sozinho, ele parava, suspirando. Ele não tinha direito. Pai de oito filhos — lembrou a si mesmo. E ele teria sido uma fera e um vira-lata se desejasse que alguma coisa fosse alterada. Andrew seria um homem melhor do que antes. Prue

seria uma beleza, disse sua mãe. Eles conteriam um pouco a enchente. No geral, foi um bom trabalho: seus oito filhos. Eles mostravam que ele não condenava totalmente o pobre universo, pois numa noite como aquela, pensou ele, olhando para a terra cada vez menor, a pequena ilha parecia pateticamente pequena, meio engolida pelo mar.

"Pobre lugarzinho", ele murmurou com um suspiro.

Ela o ouviu. Ele dizia as coisas mais melancólicas, mas ela notou que assim que ele as dizia ele sempre parecia mais alegre do que de costume. Toda aquela criação de frases era um jogo, pensou ela, pois se tivesse dito metade do que ele disse, já teria estourado os miolos.

Essa frase a irritava, e ela disse a ele, com naturalidade, que estava uma noite perfeitamente adorável. E por que ele estava reclamando, ela perguntou, meio rindo, meio reclamando, pois adivinhou o que ele estava pensando: ele teria escrito livros melhores se não tivesse se casado.

Ele não estava reclamando, disse ele. Ela sabia que ele não reclamava. Ela sabia que ele não tinha nada do que reclamar. E ele agarrou a mão dela e levou-a aos lábios e beijou-a com uma intensidade que trouxe lágrimas aos olhos dela, e rapidamente a deixou cair.

Eles se afastaram da vista e começaram a subir o caminho onde cresciam as plantas verde-prateadas em forma de lança, de braços dados. Seu braço era quase como o braço de um jovem, pensou a Sra. Ramsay, fino e duro, e ela pensou com prazer como ele ainda era forte, embora tivesse mais de sessenta anos, e como era indomável e otimista, e como era estranho que estar convencido, como estava, de todos os tipos de horrores, parecesse não deprimi-lo, mas animá-lo. Não era estranho, ela refletiu? Na verdade, ele às

vezes lhe parecia diferente das outras pessoas, nascido cego, surdo e mudo, para as coisas comuns, mas para as coisas extraordinárias, com um olho como o de uma águia. Sua compreensão muitas vezes a surpreendia. Mas ele notou as flores? Não. Ele notou a vista? Não. Será que ele notou a beleza da própria filha, ou se havia pudim ou rosbife no prato? Ele se sentava à mesa com eles como uma pessoa num sonho. E seu hábito de falar em voz alta, ou recitar poesia em voz alta, estava crescendo nele, ela estava com medo; pois às vezes era estranho -

Os melhores e mais brilhantes vão embora!

a pobre senhorita Giddings, quando ele gritou isso para ela, quase pulou fora de sua pele. Mas então, a Sra. Ramsay, embora instantaneamente tenha ficado do lado dele contra todos os Giddings tolos do mundo, então, ela pensou, insinuando com uma pequena pressão no braço dele que ele subiu a colina rápido demais para ela, e ela deveria parar por um momento para ver se aqueles eram montículos frescos na margem, então, ela pensou, inclinando-se para olhar, uma grande mente como a dele deve ser diferente da nossa em todos os aspectos. Todos os grandes homens que ela conheceu, pensou ela, concluindo que um coelho devia ter entrado, eram assim, e era bom para os jovens (embora a atmosfera das salas de aula fosse abafada e deprimente para ela, quase insuportável) simplesmente ouvi-lo, simplesmente olhá-lo. Mas sem atirar em coelhos, como mantê-los no chão? ela se perguntou. Pode ser um coelho; pode ser uma toupeira. De qualquer forma, alguma criatura estava arruinando suas Prímulas. E olhando para cima, ela viu acima das árvores finas o primeiro pulso da estrela pulsante e quis fazer seu marido olhar para ela; pois a visão lhe deu um grande prazer. Mas ela se conteve. Ele nunca olhou para as coisas. Se o fizesse, tudo o que diria seria: Pobre mundinho, com um dos seus suspiros.

Naquele momento, ele disse: “Muito bem”, para agradá-la, e fingiu admirar as flores. Mas ela sabia muito bem que ele não os admirava, nem mesmo percebia que eles estavam ali. Foi só para agradá-la... Ah, mas não era Lily Briscoe passeando com William Bankes? Ela focou seus olhos míopes nas costas de um casal em retirada. Sim, de fato foi. Isso não significava que eles se casariam? Sim, deve! Que ideia admirável! Eles devem se casar!

### XIII

Ele estivera em Amsterdã, dizia o sr. Bankes enquanto passeava pelo gramado com Lily Briscoe. Ele tinha visto os Rembrandt. Ele esteve em Madri. Infelizmente era Sexta-Feira Santa e o Prado estava fechado. Ele esteve em Roma. Teria Miss Briscoe nunca estado em Roma? Ah, ela deveria — — Seria uma experiência maravilhosa para ela — a Capela Sistina; Miguel Ângelo; e Pádua, com seus Giotto. Sua esposa estava com a saúde debilitada há muitos anos, de modo que os passeios turísticos eram modestos.

Ela esteve em Bruxelas; ela estivera em Paris, mas apenas para uma visita rápida para ver uma tia que estava doente. Ela esteve em Dresden; havia muitos quadros que ela não tinha visto; entretanto, refletiu Lily Briscoe, talvez fosse melhor não ver quadros: elas apenas deixavam alguém irremediavelmente descontente com seu próprio trabalho. O Sr. Bankes pensou que esse ponto de vista poderia ser levado longe demais. Não podemos todos ser Ticianos e nem todos podemos ser Darwins, disse ele; ao mesmo tempo, duvidava que se pudesse ter o seu Darwin e o seu Ticiano se não fosse por pessoas humildes como nós. Lily teria gostado de elogiá-lo; você não é humilde, Sr. Bankes, ela gostaria de ter dito. Mas ele não queria elogios (a maioria dos homens quer, pensou ela), e ela ficou um pouco

envergonhada do seu impulso e não disse nada enquanto ele comentava que talvez o que ele dizia não se aplicasse o quadrografias. De qualquer forma, disse Lily, deixando de lado sua pequena insinceridade, ela sempre continuaria pintando, porque isso a interessava. Sim, disse o Sr. Bankes, ele tinha certeza de que ela o faria, e, quando chegaram ao final do gramado, ele perguntou se ela tinha dificuldade em encontrar assuntos em Londres quando eles se viraram e viram os Ramsays. Então isso é casamento, pensou Lily, um homem e uma mulher olhando para uma garota jogando uma bola. Foi isso que a Sra. Ramsay tentou me dizer outra noite, pensou. Pois a Sra. Ramsay estava usando um xale verde, e eles estavam próximos um do outro observando Prue e Jasper jogando bola. E de repente o significado que, sem motivo algum, como talvez eles estejam saindo do metrô ou tocando uma campainha, desce sobre as pessoas, tornando-as simbólicas, tornando-as representativas, veio sobre elas e fez delas, no crepúsculo, de pé, olhando, os símbolos do casamento, marido e mulher. Então, depois de um instante, o contorno simbólico que transcendia as figuras reais afundou novamente, e eles se tornaram, ao encontrá-los, o Sr. e a Sra. Ramsay observando as crianças jogando a bola. Mas ainda por um momento, embora a Sra. Ramsay os tenha cumprimentado com seu sorriso habitual (ah, ela está pensando que vamos nos casar, pensou Lily) e dito: "Eu triunfei esta noite", querendo dizer que pela primeira vez o Sr. ainda assim, por um momento, houve uma sensação de que as coisas haviam explodido, de espaço, de irresponsabilidade enquanto a bola subia alto, e eles a seguiram e a perderam e viram a única estrela e os galhos cobertos. À luz fraca, todos pareciam afiados, etéreos e divididos por grandes distâncias. Então, correndo para trás sobre o vasto espaço (pois parecia que a solidez havia desaparecido completamente), Prue correu até eles e pegou a bola

brilantemente no alto com a mão esquerda, e sua mãe disse: "Eles ainda não voltaram?" então o feitiço foi quebrado. O Sr. Ramsay sentiu-se livre agora para rir alto ao pensar que Hume havia ficado preso em um pântano e uma velha o resgatou com a condição de que ele rezasse o Pai Nosso e, rindo consigo mesmo, foi para seu escritório. A Sra. Ramsay, trazendo Prue de volta ao arremesso de bolas, do qual ela havia escapado, perguntou:

"Nancy foi com eles?"

#### XIV

(Certamente, Nancy tinha ido com eles, já que Minta Doyle havia perguntado isso com seu olhar idiota, estendendo a mão, enquanto Nancy partia, depois do almoço, para seu sótão, para escapar do horror da vida familiar. Ela supôs que deveria ir então. Ela não queria ir. Ela não queria ser atraída para tudo isso. Pois enquanto eles caminhavam ao longo da estrada para o penhasco, Minta continuou segurando sua mão. Então ela a deixaria ir. Depois ela a pegaria novamente. O que ela queria? Nancy perguntou a si mesma. Havia algo, é claro, que as pessoas queriam; pois quando Minta pegou sua mão e a segurou, Nancy, relutantemente, viu o mundo inteiro se espalhar abaixo dela, como se fosse Constantinopla vista através de uma névoa, e então, por mais pesado que fosse, era preciso perguntar: "Isso é o Chifre de Ouro?" a névoa (enquanto Nancy contemplava a vida espalhada abaixo dela) um pináculo, uma cúpula; Knickerbockers. Ela era uma covarde terrível com relação aos touros, disse ela. Ela pensou que devia ter sido jogada em seu carrinho quando era bebê. Ela não parecia se importar com o que dizia ou fazia.

Malditos sejam seus olhos, malditos sejam seus olhos.

Todos tiveram que se juntar e cantar o refrão e gritar juntos:

Malditos sejam seus olhos, malditos sejam seus olhos,

mas seria fatal deixar a maré subir e cobrir todos os bons terrenos de caça antes de chegarem à praia.

"Fatal", concordou Paul, levantando-se e, enquanto desciam, ele citava o guia sobre "estas ilhas sendo justamente celebradas por suas perspectivas de parque e pela extensão e variedade de suas curiosidades marinhas". Mas não daria certo, gritar e amaldiçoar os olhos, Andrew sentiu, descendo o penhasco, dando tapinhas nas costas dele, chamando-o de "velho camarada" e tudo mais; isso não serviria de todo. Era o pior de levar mulheres para passear. Já na praia separaram-se, ele foi até o Nariz do Papa, tirou os sapatos, enrolou as meias e deixou aquele casal cuidar de si; Nancy caminhou até suas próprias pedras e procurou em suas próprias piscinas e deixou aquele casal cuidar de si mesmo. Ela se agachou e tocou as anêmonas do mar, lisas e parecidas com borracha, que estavam presas como pedaços de gelatina na lateral da rocha. Meditando, ela transformou o lago em mar, e transformou os peixinhos em tubarões e baleias, e lançou vastas nuvens sobre este pequeno mundo, segurando a mão contra o sol, e assim trouxe escuridão e desolação, como o próprio Deus, para milhões de criaturas ignorantes e inocentes, e então retirou a mão de repente e deixou o sol cair. Na areia clara e entrecruzada, com passos altos, franjados, manoplas, espreitava algum leviatã fantástico (ela ainda estava ampliando o lago) e escorregava pelas vastas fissuras da encosta da montanha. E então, deixando os olhos deslizarem imperceptivelmente sobre a piscina e pousarem naquela linha oscilante do mar e do céu, nos troncos das árvores que a fumaça dos vapores fazia oscilar no horizonte, ela ficou hipnotizada com toda aquela força, varrendo selvagememente e inevitavelmente retirando-se, e os dois sentidos daquela vastidão e dessa pequenez (a piscina havia diminuído

novamente) florescendo dentro dela fizeram-na sentir que estava de mãos e pés amarrados e incapaz de se mover pela intensidade dos sentimentos que reduziam seu próprio corpo, sua própria vida e a vida de todas as pessoas do mundo, para sempre, até o nada. Então, ouvindo as ondas, agachada sobre a piscina, ela meditava.

E Andrew gritou que o mar estava se aproximando, então ela pulou através das ondas rasas até a praia e correu pela praia e foi levada por sua própria impetuosidade e seu desejo de movimento rápido logo atrás de uma pedra e ali - oh, céus! nos braços um do outro, provavelmente Paul e Minta estavam se beijando. Ela ficou indignada, indignada. Ela e Andrew calçaram os sapatos e as meias em um silêncio mortal, sem dizer nada sobre isso. Na verdade, eles eram bastante duros um com o outro. Ela poderia ter ligado para ele quando viu o lagostim ou o que quer que fosse, Andrew resmungou. No entanto, ambos sentiram que não é nossa culpa. Eles não queriam que esse incômodo horrível acontecesse. Mesmo assim, Andrew irritava o fato de Nancy ser uma mulher, e a Nancy, de Andrew ser um homem, e eles amarraram os sapatos com muito cuidado e apertaram bem os laços.

Só depois de terem subido novamente ao topo do penhasco é que Minta gritou que tinha perdido o broche da avó — o broche da avó, o único ornamento que possuía —, um salgueiro-chorão, era (devem lembrar-se disso) incrustado de pérolas. Eles devem ter visto, disse ela, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, o broche com o qual sua avó prendeu seu boné até o último dia de sua vida. Agora ela havia perdido o controle. Ela preferiria ter perdido qualquer coisa do que isso! Ela voltaria e procuraria. Todos eles voltaram. Eles cutucaram, espiaram e olharam. Eles mantinham a cabeça muito baixa e diziam coisas de forma breve e ríspida. Paul Rayley procurou como um louco por toda a rocha onde estavam sentados. Toda essa conversa

sobre um broche realmente não serviu de nada, pensou Andrew, enquanto Paul lhe dizia para fazer uma "pesquisa completa entre este ponto e aquele". A maré estava subindo rapidamente. O mar cobriria o lugar onde eles estavam sentados em um minuto. Não havia a menor chance de encontrá-lo agora. "Seremos isolados!" Minta gritou, subitamente aterrorizada. Como se houvesse algum perigo disso! Foi como aconteceu com os touros novamente - ela não tinha controle sobre suas emoções, pensou Andrew. As mulheres não. O miserável Paul teve que acalmá-la. Os homens (Andrew e Paul tornaram-se imediatamente viris e diferentes do habitual) aconselharam-se brevemente e decidiram que plantariam a bengala de Rayley onde estavam sentados e voltariam na maré baixa novamente. Não havia mais nada que pudesse ser feito agora. Se o broche estivesse lá, ainda estaria lá pela manhã, garantiram-lhe, mas Minta continuou soluçando durante todo o caminho até o topo do penhasco. Era o broche da avó; ela preferiria ter perdido qualquer coisa, menos isso, mas Nancy sentia que poderia ser verdade que ela se importasse em perder o broche, mas ela não estava chorando apenas por isso. Ela estava chorando por outra coisa. Poderíamos todos sentar e chorar, ela sentiu. Mas ela não sabia para quê.

Eles avançaram juntos, Paul e Minta, e ele a confortou e disse como era famoso por descobrir coisas. Certa vez, quando ele era menino, encontrou um relógio de ouro. Ele se levantava ao amanhecer e tinha certeza de que o encontraria. Parecia-lhe que já estaria quase escuro e que ele estaria sozinho na praia e, de alguma forma, seria bastante perigoso. Ele começou a dizer-lhe, porém, que certamente o encontraria, e ela disse que não queria saber que ele se levantaria de madrugada: estava perdido: ela sabia disso: tivera um pressentimento quando o colocou naquela tarde. E secretamente ele resolveu que não contaria a ela, mas sairia de casa de madrugada, quando

todos estivessem dormindo, e se não conseguisse encontrá-lo, iria a Edimburgo e compraria outro para ela, igualzinho, mas mais bonito. Ele provaria o que poderia fazer. E quando chegaram à colina e viram as luzes da cidade abaixo deles, as luzes que se apagaram de repente, uma por uma, pareciam coisas que iriam acontecer com ele — seu casamento, seus filhos, sua casa; e novamente ele pensou, ao chegarem à estrada principal, que era sombreada por arbustos altos, como eles se retirariam juntos para a solidão e caminhariam sem parar, ele sempre a conduzindo, e ela apertando-se ao seu lado (como ela fazia agora). Ao virarem no cruzamento, ele pensou na terrível experiência pela qual havia passado, e precisava contar a alguém — a Sra. Ramsay, é claro, pois ficava sem fôlego pensar no que ele havia feito e feito. Foi de longe o pior momento de sua vida quando ele pediu a Minta em casamento. Ele iria direto até a Sra. Ramsay, porque de alguma forma sentia que ela era a pessoa que o obrigou a fazer isso. Ela o fez pensar que poderia fazer qualquer coisa. Ninguém mais o levou a sério. Mas ela o fez acreditar que ele poderia fazer o que quisesse. Ele sentiu os olhos dela o dia todo, seguindo-o (embora ela nunca tenha dito uma palavra), como se estivesse dizendo: "Sim, você consegue. Eu acredito em você. Espero isso de você". Ela o fizera sentir tudo isso, e assim que voltassem (ele procurou as luzes da casa acima da baía), ele iria até ela e diria: "Consegui, Sra. Ramsay; graças a você." E assim, entrando no caminho que levava à casa, ele viu luzes se movendo nas janelas superiores. Eles devem estar muito atrasados então. As pessoas estavam se preparando para o jantar. A casa estava toda iluminada, e as luzes depois da escuridão faziam seus olhos ficarem cheios, e ele dizia para si mesmo, infantilmente, enquanto subia o caminho, Luzes, luzes, luzes, e repetia de maneira atordoada, Luzes, luzes, luzes, enquanto eles entravam na casa olhando ao redor com seu rosto bastante rígido. Mas, meu Deus,

disse consigo mesmo, pondo a mão na gravata, não devo fazer papel de bobo.)

## XV

"Sim", disse Prue, com seu jeito pensativo, respondendo à pergunta da mãe, "acho que Nancy foi com eles."

## XVI

Pois bem, Nancy tinha ido com eles, supôs a Sra. Ramsay, perguntando-se, enquanto largava uma escova, pegava um pente e dizia "Entre" após uma batida na porta (Jasper e Rose entraram), se o fato de Nancy estar com eles tornava menos ou mais provável que algo acontecesse; isso tornava tudo menos provável, de alguma forma, pensou a Sra. Ramsay, de forma muito irracional, exceto que, afinal de contas, um holocausto em tal escala não era provável. Nem todos poderiam morrer afogados. E novamente ela se sentiu sozinha na presença de seu antigo antagonista, a vida.

Jasper e Rose disseram que Mildred queria saber se ela deveria esperar para jantar.

"Não para a Rainha da Inglaterra", disse a Sra. Ramsay enfaticamente.

"Não para a Imperatriz do México", acrescentou ela, rindo de Jasper; pois ele compartilhava do vício de sua mãe: ele também exagerou.

E se Rose gostasse, disse ela, enquanto Jasper anotava a mensagem, ela poderia escolher quais joias usar. Quando há quinze pessoas sentadas para jantar, não se pode deixar as coisas esperando para sempre. Ela agora estava começando a ficar irritada com eles por estarem tão atrasados; foi falta de

consideração da parte deles, e isso a aborreceu, além de sua ansiedade em relação a eles, que eles escolhessem aquela mesma noite para ficarem fora até tarde, quando, na verdade, ela desejava que o jantar fosse particularmente agradável, já que William Bankes finalmente consentira em jantar com eles; e eles estavam tendo a obra-prima de Mildred — Boeuf en Daube. Tudo dependia de as coisas serem servidas até o momento exato em que estivessem prontas. A carne, a folha de louro e o vinho - tudo deve ser feito de uma só vez. Mantê-lo esperando estava fora de questão. No entanto, é claro que esta noite, entre todas as noites, eles saíram e chegaram tarde, e as coisas tiveram que ser enviadas, as coisas tiveram que ser mantidas quentes; o Bœuf en Daube ficaria totalmente estragado.

Jasper ofereceu a ela um colar de opalas; Rose um colar de ouro. O que ficava melhor com seu vestido preto? O que de fato aconteceu, disse a Sra. Ramsay distraidamente, olhando para o pescoço e os ombros (mas evitando o rosto) no espelho. E então, enquanto as crianças vasculhavam suas coisas, ela olhou pela janela para algo que sempre a divertiu: as gralhas tentando decidir em qual árvore pousar. A cada vez, eles pareciam mudar de ideia e se erguiam no ar novamente, porque, ela pensava, a velha torre, a torre pai, o velho José era o nome que ela dava a ele, era um pássaro de temperamento muito penoso e difícil. Ele era um velho pássaro de má reputação, com metade das penas das asas faltando. Ele parecia um velho cavalheiro de cartola que ela tinha visto tocando trompa na frente de um bar.

"Olha!" ela disse, rindo. Eles estavam realmente brigando. José e Maria estavam brigando. De qualquer forma, todos subiram novamente, e o ar foi empurrado para o lado por suas asas negras e cortado em lindas formas de cimitarras. O movimento das asas batendo para fora, para fora, para fora — ela nunca conseguia descrevê-lo com precisão suficiente para agradar a si

mesma — era um dos mais encantadores de todos para ela. Veja só, ela disse a Rose, esperando que Rose visse isso com mais clareza do que ela. Pois os filhos muitas vezes davam um pequeno impulso às próprias percepções.

Mas o que seria? Eles tinham todas as bandejas do seu porta-jóias abertas. O colar de ouro, que era italiano, ou o colar de opalas, que tio James trouxera para ela da Índia; ou ela deveria usar suas ametistas?

“Escolha, querido, escolha”, disse ela, esperando que eles se apressassem.

Mas ela deixou que elas escolhessem com calma: ela deixou Rose, particularmente, pegar isso e aquilo, e segurar suas joias contra o vestido preto, pois essa pequena cerimônia de escolha de joias, que acontecia todas as noites, era o que Rose mais gostava, ela sabia. Ela tinha alguma razão oculta para atribuir grande importância à escolha do que sua mãe deveria vestir. Qual seria o motivo, perguntou-se a Sra. Ramsay, parando para deixá-la apertar o colar que escolhera, adivinhando, através de seu próprio passado, algum sentimento profundo, alguns enterrado, algum sentimento bastante mudo que alguém tinha pela mãe na idade de Rose. Como todos os sentimentos que alguém sente por si mesmo, pensou a Sra. Ramsay, isso deixava a pessoa triste. Era tão inadequado o que se poderia dar em troca; e o que Rose sentia era totalmente desproporcional a tudo o que ela realmente era. E Rose cresceria; e Rose iria sofrer, ela supôs, com esses sentimentos profundos, e ela disse que estava pronta agora, e eles iriam descer, e Jasper, porque ele era o cavalheiro, deveria dar-lhe o braço, e Rose, como ela era a senhora, deveria carregar seu lenço (ela deu-lhe o lenço), e o que mais? ah, sim, pode estar frio: um xale. Escolha um xale para mim, disse ela, pois isso agradaria a Rose, que certamente sofreria tanto. “Lá”, disse ela, parando perto da janela do patamar, “lá estão eles de novo.” Joseph havia se

estabelecido no topo de outra árvore. "Você não acha que eles se importam", ela disse a Jasper, "que tenham as asas quebradas?" Por que ele quis atirar nos pobres José e Maria? Ele se arrastou um pouco na escada e sentiu-se repreendido, mas não seriamente, pois ela não entendia a diversão de atirar em pássaros; e eles não sentiram; e sendo sua mãe, ela morava em outra divisão do mundo, mas ele gostava bastante das histórias dela sobre Maria e José. Ela o fez rir. Mas como ela sabia que aqueles eram Maria e José? Será que ela achava que os mesmos pássaros vinham para as mesmas árvores todas as noites? ele perguntou. Mas aqui, de repente, como todas as pessoas adultas, ela deixou de lhe prestar a mínima atenção. Ela estava ouvindo um barulho no corredor.

"Eles voltaram!" ela exclamou, e imediatamente se sentiu muito mais irritada com eles do que aliviada. Então ela se perguntou, isso aconteceu? Ela desceria e eles contariam a ela - mas não. Eles não podiam contar nada a ela, com toda aquela gente por perto. Então ela deveria descer e começar o jantar e esperar. E, como uma rainha que, ao encontrar seu povo reunido no salão, olha para eles, e desce entre eles, e reconhece seus tributos silenciosamente, e aceita sua devoção e sua prostração diante dela (Paulo não moveu um músculo, mas olhou diretamente para ele quando ela passou), ela desceu, atravessou o salão e inclinou levemente a cabeça, como se aceitasse o que eles não podiam dizer: o tributo à sua beleza.

Mas ela parou. Havia um cheiro de queimado. Poderiam ter deixado o Bœuf en Daube ferver demais? ela se perguntou, reze para que os céus não! quando o grande clangor do gongo anunciou solenemente, com autoridade, que todos aqueles espalhados, nos sótãos, nos quartos, em pequenos poleiros próprios, lendo, escrevendo, passando a última lisinha nos cabelos, ou

apertando os vestidos, deveriam deixar tudo isso, e as pequenas bugigangas em suas mesas de lavar e penteadeiras, e os romances nas mesas de cabeceira, e os diários que eram tão privados, e reunir-se na sala de jantar para jantar.

## XVII

Mas o que eu fiz da minha vida? pensou a Sra. Ramsay, ocupando seu lugar na cabeceira da mesa e olhando para todos os pratos formando círculos brancos sobre ela. "William, sente-se ao meu lado", disse ela. "Lily," ela disse, cansada, "ali." Eles tinham aquilo — Paul Rayley e Minta Doyle — ela, só isso — uma mesa infinitamente longa, pratos e facas. No outro extremo, estava o marido dela, sentado, todo amontoado, carrancudo. Em quê? Ela não sabia. Ela não se importou. Ela não conseguia entender como alguma vez sentiu qualquer emoção ou afeição por ele. Ela tinha a sensação de ter passado por tudo, de tudo, de tudo, enquanto servia a sopa, como se houvesse um redemoinho — ali — e alguém pudesse estar nele, ou pudesse estar fora dele, e ela estava fora disso. Tudo chegou ao fim, pensou ela, enquanto eles chegavam um após o outro, Charles Tansley — "Sente-se aí, por favor", disse ela — Augustus Carmichael — e sentou-se. E enquanto isso ela esperava, passivamente, que alguém lhe respondesse, que algo acontecesse. Mas isso não é uma coisa, pensou ela, servindo a sopa, diz aquele.

Erguendo as sobrancelhas diante da discrepância - era isso que ela estava pensando, era isso que ela estava fazendo - servindo sopa - ela se sentia, cada vez mais fortemente, fora daquele redemoinho; ou como se uma sombra tivesse caído e, despojada de cor, ela visse as coisas com verdade. O quarto (ela olhou em volta) era muito pobre. Não havia beleza em lugar nenhum. Ela se absteve de olhar para o Sr. Tansley. Nada parecia ter se fundido. Todos

sentaram-se separados. E todo o esforço de fusão, fluxo e criação dependia dela. Mais uma vez ela sentiu, como um fato sem hostilidade, a esterilidade dos homens, pois se ela não o fizesse, ninguém o faria, e assim, dando a si mesma a pequena sacudida que se dá a um relógio que parou, o velho e familiar pulso começou a bater, à medida que o relógio começa a tique-taque - um, dois, três, um, dois, três. E assim por diante, ela repetiu, ouvindo, protegendo e estimulando o pulso ainda fraco como alguém protegeria uma chama fraca com um jornal. E então, concluiu ela, dirigindo-se silenciosamente em sua direção a William Bankes — pobre homem! que não tinha esposa nem filhos e jantava sozinho em alojamentos, exceto esta noite; e com pena dele, a vida sendo agora forte o suficiente para carregá-la novamente, ela começou todo esse negócio, como um marinheiro não sem cansaço vê o vento encher sua vela e ainda assim dificilmente quer partir novamente e pensa como, se o navio tivesse afundado, ele teria girado e girado e encontrado descanso no fundo do mar.

“Você encontrou suas cartas? Eu disse a eles para colocá-las no corredor para você”, disse ela a William Bankes.

Lily Briscoe observou-a entrar naquela estranha terra de ninguém onde seguir as pessoas é impossível e, no entanto, a sua ida causa um arrepio tão grande naqueles que as observam que estes tentam sempre, pelo menos, segui-las com os olhos, como se segue um navio que se desvanece até as velas afundarem no horizonte.

Quantos anos ela parece, quão desgastada ela parece, pensou Lily, e quão distante. Depois, quando se virou para William Bankes, sorrindo, foi como se o navio tivesse virado e o sol tivesse voltado a bater nas velas, e Lily pensou com alguma diversão porque estava aliviada: Por que é que ela tem pena

dele? Pois foi essa a impressão que ela deu quando lhe contou que as cartas dele estavam no corredor. Pobre William Bankes, ela parecia estar dizendo, como se seu próprio cansaço fosse em parte a pena das pessoas, e a vida nela, sua resolução de viver novamente, tivesse sido estimulada pela pena. E não era verdade, pensou Lily; era um daqueles seus erros de julgamento que pareciam ser instintivos e surgir de alguma necessidade própria e não de outras pessoas. Ele não é nem um pouco lamentável. Ele tem o trabalho dele, Lily disse para si mesma. Ela lembrou, de repente, como se tivesse encontrado um tesouro, que tinha o seu trabalho. Num piscar de olhos ela viu seu quadro e pensou: Sim, vou colocar a árvore mais no meio; então evitarei aquele espaço estranho. Isso é o que farei. Isso é o que tem me intrigado. Ela pegou o saleiro e colocou-o novamente sobre uma flor estampada na toalha de mesa, para se lembrar de mover a árvore.

"É estranho que quase ninguém receba algo que valha a pena pelo correio, mas sempre queremos as nossas cartas", disse Bankes.

Que maldita conversa eles falam, pensou Charles Tansley, pousando a colher exatamente no meio do prato, que havia varrido, como se, pensou Lily (ele estava sentado em frente a ela, de costas para a janela, exatamente no meio da vista), ele estivesse determinado a garantir suas refeições. Tudo nele tinha aquela fraca fixidez, aquela pura falta de beleza. Mas, mesmo assim, permanecia o fato: era quase impossível não gostar de alguém se alguém olhasse para ele. Ela gostou dos olhos dele; eles eram azuis, profundos, assustadores.

"Você escreve muitas cartas, Sr. Tansley?" — perguntou a Sra. Ramsay, com pena dele também, Lily supôs; pois isso era verdade para a Sra. Ramsay - ela sempre tinha pena dos homens como se lhes faltasse alguma coisa - das

mulheres nunca, como se tivessem alguma coisa. Ele escreveu para sua mãe; caso contrário, ele não achava que escrevia uma carta por mês, disse o Sr. Tansley brevemente.

Pois ele não iria falar o tipo de besteira que essas pessoas queriam que ele falasse. Ele não seria condescendente por essas mulheres tolas. Ele estava lendo em seu quarto e agora desceu e tudo lhe pareceu bobo, superficial, frágil. Por que eles se vestiram? Ele desceu com suas roupas comuns. Ele não tinha nenhuma roupa formal. “Nunca se consegue nada que valha a pena pelo correio” — esse era o tipo de coisa que eles sempre diziam. Eles fizeram os homens dizerem esse tipo de coisa. Sim, era bem verdade, pensou ele. Eles nunca conseguiram nada que valesse a pena do final de um ano para outro. Eles não fizeram nada além de conversar, conversar, conversar, comer, comer, comer. A culpa foi das mulheres. As mulheres tornaram a civilização impossível com todo o seu “charme”, com todas as suas tolices.

“Não vá ao Farol amanhã, Sra. Ramsay”, disse ele, afirmando-se. Ele gostava dela; ele a admirava; ele ainda pensava no homem no cano olhando para ela; mas ele sentiu necessidade de se afirmar.

Ele era mesmo, pensou Lily Briscoe, apesar dos olhos, mas depois olhe para o nariz, olhe para as mãos, o ser humano mais nada encantador que ela já conheceu. Então por que ela se importou com o que ele disse? As mulheres não sabem escrever, as mulheres não sabem pintar — o que importava isso vindo dele, já que claramente não era verdade para ele, mas por alguma razão útil para ele, e foi por isso que ele disse isso? Por que todo o seu ser se curvou, como milho ao vento, e só se ergueu novamente desse abaixamento com um esforço grande e um tanto doloroso? Ela deve fazer isso mais uma vez. Aí está o raminho na toalha da mesa; aí está minha pintura; Devo mover

a árvore para o meio; isso importa - nada mais. Será que ela não poderia se apegar a isso, ela se perguntou, e não perder a paciência, e não discutir; e se ela queria vingança rindo dele?

"Oh, Sr. Tansley", disse ela, "leve-me ao Farol com você. Eu adoraria."

Ela estava contando mentiras que ele podia ver. Ela estava dizendo o que queria, não para irritá-lo, por algum motivo. Ela estava rindo dele. Ele estava com suas velhas calças de flanela. Ele não tinha outros. Ele se sentia muito rude, isolado e solitário. Ele sabia que ela estava tentando provocá-lo por algum motivo; ela não queria ir ao Farol com ele; ela o desprezava: Prue Ramsay também; todos eles também. Mas ele não ia deixar-se fazer de bobo pelas mulheres, então virou-se deliberadamente na cadeira, olhou pela janela e disse, de repente, com muita grosseria, que amanhã seria muito difícil para ela. Ela ficaria doente.

Irritou-o que ela o tivesse feito falar daquele jeito, com a Sra. Ramsay ouvindo. Se ao menos pudesse ficar sozinho em seu quarto trabalhando, pensou, entre seus livros. Foi aí que ele se sentiu à vontade. E ele nunca endividou-se um centavo; ele nunca custou um centavo ao pai desde os quinze anos; ele os ajudou em casa com suas economias; ele estava educando sua irmã. Ainda assim, ele desejou ter sabido como responder adequadamente à Srta. Briscoe; ele desejou que tudo não tivesse saído de uma forma brusca como aquela. "Você ficaria doente." Desejou poder pensar em algo para dizer à Sra. Ramsay, algo que lhe mostrasse que ele não era apenas um pedante seco. Isso era o que todos pensavam dele. Ele se virou para ela. Mas a Sra. Ramsay estava falando sobre pessoas das quais ele nunca tinha ouvido falar com William Bankes.

"Sim, leve embora", ela disse brevemente, interrompendo o que estava dizendo ao Sr. Bankes para falar com a empregada. "Deve ter sido há quinze, não, vinte anos, que a vi pela última vez", dizia ela, voltando-se novamente para ele, como se não pudesse perder um momento da conversa, pois estava absorva no que diziam. Então ele realmente teve notícias dela esta noite! E Carrie ainda morava em Marlow e tudo continuava igual? Ah, ela conseguia se lembrar como se fosse ontem — de entrar no rio, sentindo muito frio. Mas se os Manning traçaram um plano, eles o cumpriram. Ela nunca deveria esquecer Herbert matando uma vespa com uma colher de chá na margem! E isso ainda estava acontecendo, refletiu a Sra. Ramsay, deslizando como um fantasma entre as cadeiras e mesas daquela sala de estar às margens do Tâmsa, onde ela sentira tanto, muito frio vinte anos atrás; mas agora ela andava entre eles como um fantasma; e isso a fascinou, como se, embora ela tivesse mudado, aquele dia específico, agora muito calmo e lindo, tivesse permanecido ali, todos esses anos. Teria sido Carrie quem lhe escrevera pessoalmente? ela perguntou.

"Sim. Ela disse que estão construindo uma nova sala de bilhar", disse ele. Não! Não! Isso estava fora de questão! Construindo uma sala de bilhar! Parecia-lhe impossível.

O Sr. Bankes não conseguia ver que houvesse algo de muito estranho nisso. Eles estavam muito bem agora. Ele deveria dar amor a Carrie?

"Oh", disse a Sra. Ramsay com um pequeno sobressalto, "Não", acrescentou ela, refletindo que não conhecia essa Carrie que construiu uma nova sala de bilhar. Mas que estranho, repetiu ela, para diversão do Sr. Bankes, que eles ainda continuassem lá. Pois era extraordinário pensar que eles tinham sido capazes de continuar a viver todos estes anos quando ela não tinha pensado

neles mais do que uma vez durante todo esse tempo. Quão agitada foi sua vida durante esses mesmos anos. No entanto, talvez Carrie Manning também não tivesse pensado nela. O pensamento era estranho e desagradável.

“As pessoas logo se separam”, disse Bankes, sentindo, no entanto, alguma satisfação ao pensar que, afinal, conhecia tanto os Manning quanto os Ramsay. Ele não havia se afastado, pensou, largando a colher e enxugando cuidadosamente os lábios barbeados. Mas talvez ele fosse bastante incomum nisso, pensou ele; ele nunca se deixou entrar no ritmo. Ele tinha amigos em todos os círculos... A Sra. Ramsay teve que parar aqui para dizer à empregada algo sobre como manter a comida quente. Por isso preferia jantar sozinho. Todas essas interrupções o irritaram. Bem, pensou William Bankes, preservando um comportamento de requintada cortesia e apenas espalhando os dedos da mão esquerda sobre a toalha de mesa como um mecânico examina uma ferramenta lindamente polida e pronta para uso num intervalo de lazer, tais são os sacrifícios que os amigos nos pedem. Teria magoado ela se ele se recusasse a vir. Mas não valeu a pena para ele. Olhando para a mão, pensou que, se estivesse sozinho, o jantar já estaria quase acabando; ele estaria livre para trabalhar. Sim, pensou ele, é uma terrível perda de tempo. As crianças ainda estavam chegando. “Gostaria que um de vocês corresse até o quarto de Roger”, dizia a Sra. Ramsay. Como tudo isso é insignificante, como tudo isso é chato, pensou ele, comparado com a outra coisa: o trabalho. Ali estava ele, tamborilando os dedos na toalha da mesa, quando deveria estar - ele teve uma visão panorâmica de seu trabalho. Que perda de tempo tudo isso foi, com certeza! No entanto, pensou ele, ela é uma das minhas amigas mais antigas. Estou sendo devotado a ela. Mas agora, neste momento, a presença dela não significava absolutamente nada para ele: a beleza dela não significava nada para ele; ela sentada com o filho na

janela - nada, nada. Ele desejava apenas ficar sozinho e pegar aquele livro. Ele se sentiu desconfortável; ele se sentia traiçoeiro por poder sentar-se ao lado dela e não sentir nada por ela. A verdade é que ele não gostava da vida familiar. Foi neste tipo de estado que nos perguntamos: Para que se vive? Por que, alguém se perguntou, alguém sofre todos esses esforços para que a raça humana continue? É tão desejável? Somos atraentes como espécie? Nem tanto, pensou ele, olhando para aqueles meninos um tanto desarrumados. Seu favorito, Cam, estava na cama, supôs. Perguntas tolas, perguntas vãs, perguntas que nunca se faziam quando se estava ocupado. A vida humana é isso? A vida humana é isso? Nunca se teve tempo para pensar sobre isso. Mas ali estava ele a fazer-se esse tipo de perguntas, porque a Sra. Ramsay dava ordens aos criados, e também porque lhe tinha ocorrido pensar como a Sra. Um deles se separa. Ele se repreendeu novamente. Ele estava sentado ao lado da Sra. Ramsay e não tinha nada no mundo para lhe dizer.

"Sinto muito", disse a Sra. Ramsay, virando-se finalmente para ele. Ele parecia rígido e estéril, como um par de botas que ficaram encharcadas e secas, de modo que mal dá para forçar os pés a calçá-las. No entanto, ele deve forçar os pés neles. Ele deve se forçar a falar. A menos que ele fosse muito cuidadoso, ela descobriria essa traição dele; que ele não se importava nem um pouco com ela, e isso não seria nada agradável, pensou ele. Então ele inclinou a cabeça cortesmente na direção dela.

"Como você deve detestar jantar neste jardim de ursos", disse ela, valendo-se, como fazia quando estava distraída, de seus modos sociais. Assim, quando há conflito de línguas, em alguma reunião, o presidente, para obter unidade, sugere que todos falem em francês. Talvez seja um francês ruim; O francês não pode conter palavras que expressem os pensamentos do locutor; no entanto, falar francês impõe alguma ordem, alguma uniformidade.

Respondendo a ela na mesma língua, o Sr. Bankes disse: "Não, de jeito nenhum", e o Sr. Tansley, que não tinha conhecimento dessa língua, mesmo falando assim em palavras de uma sílaba, imediatamente suspeitou de sua falta de sinceridade. Eles falavam bobagens, pensou ele, os Ramsay; e ele aproveitou com alegria esse novo exemplo, fazendo uma nota que, um dia desses, leria em voz alta para um ou dois amigos. Lá, numa sociedade onde se podia dizer o que se queria, ele descrevia sarcasticamente "ficar com os Ramsays" e as bobagens que eles falavam. Valeu a pena fazer isso uma vez, ele dizia; mas não novamente. As mulheres entediavam tanto, ele dizia. É claro que Ramsay se deu bem ao se casar com uma mulher bonita e ter oito filhos. Ele iria se moldar de alguma forma, mas agora, neste momento, sentado ali com um assento vazio ao lado dele, nada havia se moldado. Estava tudo em pedaços e fragmentos. Ele se sentiu extremamente desconfortável, até mesmo fisicamente. Ele queria que alguém lhe desse uma chance de se afirmar. Ele queria isso com tanta urgência que se remexeu na cadeira, olhou para essa pessoa, depois para aquela pessoa, tentou interromper a conversa, abriu a boca e fechou-a novamente. Eles estavam falando sobre a indústria pesqueira. Por que ninguém lhe perguntou sua opinião? O que eles sabiam sobre a indústria pesqueira?

Lily Briscoe sabia de tudo isso. Sentada à sua frente, ela não conseguia ver, como numa radiografia, as costelas e os ossos das coxas do desejo do jovem de impressionar-se, jazendo escuros na névoa de sua carne — aquela névoa fina que a convenção havia colocado sobre seu desejo ardente de interromper a conversa? Mas, pensou ela, apertando os olhos chineses e lembrando-se de como ele zombava das mulheres, "não sabe pintar, não sabe escrever", por que deveria eu ajudá-lo a fazer suas necessidades?

Há um código de comportamento, ela sabia, cujo sétimo artigo (pode ser) diz que em ocasiões deste tipo cabe à mulher, qualquer que seja a sua ocupação, ir em ajuda do jovem que está à sua frente, para que ele possa expor e aliviar os ossos da coxa, as costelas, da sua vaidade, do seu desejo urgente de se afirmar; como de fato é seu dever, refletiu ela, em sua antiga justiça virginal, ajudar-nos, caso o metrô pegue fogo. Então, pensou ela, eu certamente esperaria que o Sr. Tansley me tirasse de lá. Mas como seria, pensou ela, se nenhum de nós fizesse nenhuma dessas coisas? Então ela ficou lá sorrindo.

"Você não está planejando ir ao Farol, está, Lily?" disse a Sra. Ramsay. "Lembre-se do pobre Sr. Langley; ele já deu a volta ao mundo dezenas de vezes, mas me disse que nunca sofreu como sofreu quando meu marido o levou para lá. Você é um bom marinheiro, Sr. Tansley?" ela perguntou.

O Sr. Tansley ergueu um martelo: balançou-o bem alto; mas percebendo, enquanto descia, que ele não poderia atingir aquela borboleta com um instrumento como este, disse apenas que nunca tinha estado doente em sua vida. Mas naquela frase estava claro, como pólvora, que seu avô era pescador; seu pai, químico; que ele havia subido inteiramente sozinho; que ele estava orgulhoso disso; que ele era Charles Tansley — um fato que ninguém ali parecia perceber; mas um dia desses todas as pessoas saberiam disso. Ele fez uma careta à sua frente. Ele quase podia sentir pena daquelas pessoas moderadamente cultas, que seriam levadas para o alto, como fardos de lã e barris de maçãs, um dia desses pela pólvora que havia dentro dele.

"Você me levará, Sr. Tansley?" - disse Lily, rápida e gentilmente, pois, é claro, se a Sra. Ramsay dissesse a ela, como de fato ela disse: "Estou me afogando, minha querida, em mares de fogo. A menos que você aplique um pouco de bálsamo à angústia desta hora e diga algo de bom para aquele

jovem ali, a vida correrá sobre as rochas - na verdade, eu ouço o rangido e o rosnado neste momento. Meus nervos estão tensos como cordas de violino. Outro toque e eles vão quebrar" - quando a Sra. Ramsay disse tudo isso, como o olhar dela disse, é claro que pela centésima quinquagésima vez Lily Briscoe teve que renunciar ao experimento — o que acontece se alguém não for gentil com aquele jovem ali — e ser gentil.

Julgando corretamente a mudança de humor dela — que agora ela era amigável com ele —, ele foi aliviado de seu egoísmo e contou-lhe como havia sido jogado para fora de um barco quando era bebê; como seu pai costumava pescá-lo com um anzol; foi assim que ele aprendeu a nadar. Um de seus tios mantinha a luz acesa em alguma rocha ou outra na costa escocesa, disse ele. Ele esteve lá com ele durante uma tempestade. Isso foi dito em voz alta em uma pausa. Eles tiveram que ouvi-lo quando ele disse que esteve com o tio em um farol durante uma tempestade. Ah, pensou Lily Briscoe, enquanto a conversa tomava esse rumo auspicioso e ela sentia a gratidão da Sra. Ramsay (pois a Sra. Ramsay agora estava livre para conversar por um momento), ah, ela pensou, mas quanto é que eu não paguei para conseguir isso para você? Ela não tinha sido sincera.

Ela fez o truque de sempre: foi legal. Ela nunca o conheceria. Ele nunca a conheceria. As relações humanas eram todas assim, pensou ela, e as piores (se não fosse o Sr. Bankes) eram entre homens e mulheres. Inevitavelmente, estes eram extremamente falsos, ela pensou. Então seu olhar capturou o saleiro, que ela havia colocado ali para lembrá-la, e ela se lembrou de que na manhã seguinte moveria a árvore mais para o meio, e seu ânimo aumentou tanto com a ideia de pintar amanhã que ela riu alto do que o Sr. Deixe-o conversar a noite toda, se ele gostar.

"Mas por quanto tempo eles deixam os homens no Farol?" ela perguntou. Ele disse a ela. Ele estava incrivelmente bem informado. E como ele estava grato, e como gostava dela, e como estava começando a se divertir, agora, pensou a Sra. Ramsay, ela poderia retornar àquela terra dos sonhos, aquele lugar irreal, mas fascinante, a sala de estar dos Mannings em Marlow, vinte anos atrás; onde se movia sem pressa ou ansiedade, pois não havia futuro com que se preocupar. Ela sabia o que tinha acontecido com eles, o que aconteceu com ela. Era como ler de novo um bom livro, pois ela sabia o final daquela história, pois acontecera há vinte anos, e a vida, que descia em cascatas até daquela mesa de jantar, só Deus sabe onde, estava ali selada e jazia, como um lago, placidamente entre as suas margens. Ele disse que haviam construído uma sala de bilhar — seria possível? William continuaria falando sobre os Mannings? Ela queria que ele fizesse isso. Mas não, por algum motivo ele não estava mais com disposição. Ela tentou. Ele não respondeu. Ela não poderia forçá-lo. Ela ficou desapontada.

"As crianças são uma vergonha", disse ela, suspirando. Ele disse algo sobre a pontualidade ser uma das virtudes menores que só adquirimos mais tarde na vida.

"Se é que existe", disse a Sra. Ramsay apenas para preencher espaço, pensando em como William estava se tornando uma solteirona. Consciente de sua traição, consciente do desejo dela de falar sobre algo mais íntimo, mas no momento sem disposição para isso, ele sentiu tomar conta de si a vida desagradável, sentado ali, esperando. Talvez os outros estivessem dizendo algo interessante? O que eles estavam dizendo?

Que a época de pesca foi má; que os homens estavam emigrando. Eles estavam falando sobre salários e desemprego. O jovem estava abusando do

governo. William Bankes, pensando no alívio que era descobrir algo deste tipo quando a vida privada era desagradável, ouviu-o dizer algo sobre "um dos actos mais escandalosos do actual governo". Lily estava ouvindo; A Sra. Ramsay estava ouvindo; eles estavam todos ouvindo. Mas já entediada, Lily sentiu que faltava alguma coisa; O Sr. Bankes sentiu que faltava alguma coisa. Puxando o xale em volta do corpo, a Sra. Ramsay sentiu que faltava alguma coisa. Todos eles, curvando-se para ouvir, pensavam: "Ore aos céus para que o interior da minha mente não seja exposto", para cada pensamento: "Os outros estão sentindo isso. Eles estão indignados e indignados com o governo por causa dos pescadores. Ao passo que eu não sinto absolutamente nada." Mas talvez, pensou o Sr. Bankes, ao olhar para o Sr. Tansley, aqui esteja o homem. A gente estava sempre esperando pelo homem. Sempre houve uma chance. A qualquer momento o líder poderá surgir; o homem de gênio, na política como em qualquer outra coisa. Provavelmente ele será extremamente desagradável para nós, velhos idiotas, pensou o Sr. Bankes, fazendo o possível para fazer concessões, pois sabia, por alguma curiosa sensação física, como se os nervos estivessem em sua espinha, que estava com ciúmes, em parte por si mesmo, em parte, mais provavelmente, por seu trabalho, por seu ponto de vista, por sua ciência; e, portanto, ele não tinha a mente totalmente aberta nem totalmente justo, pois o Sr. Tansley parecia estar dizendo: Vocês desperdiçaram suas vidas. Vocês estão todos errados. Pobres velhos, vocês estão irremediavelmente atrasados. Ele parecia bastante confiante, esse jovem; e suas maneiras eram ruins. Mas o Sr. Bankes pediu-se para observar, ele teve coragem; ele tinha habilidade; ele estava extremamente bem informado sobre os fatos. Provavelmente, pensou Bankes, enquanto Tansley abusava do governo, há muita coisa no que ele diz.

"Diga-me agora..." ele disse. Então discutiram sobre política e Lily olhou para a folha na toalha da mesa; e a Sra. Ramsay, deixando a discussão inteiramente nas mãos dos dois homens, perguntou-se por que ela estava tão entediada com aquela conversa, e desejou, olhando para o marido na outra ponta da mesa, que ele dissesse alguma coisa. Uma palavra, ela disse para si mesma. Pois se ele dissesse alguma coisa, faria toda a diferença. Ele foi ao cerne das coisas. Ele se preocupava com os pescadores e seus salários. Ele não conseguia dormir pensando neles. Foi completamente diferente quando ele falou; ninguém sentia então, reze aos céus para que você não veja quão pouco eu me importo, porque alguém se importava. Depois, percebendo que era porque o admirava tanto que esperava que ele falasse, sentiu como se alguém estivesse elogiando o marido, para ela e para o casamento, e ficou toda radiante, sem perceber que fora ela mesma quem o elogiara. Ela olhou para ele pensando em encontrar isso em seu rosto; ele estaria magnífico... Mas nem um pouco! Ele estava franzindo o rosto, carrancudo e carrancudo, e corando de raiva. Do que se tratava? ela se perguntou. Qual poderia ser o problema? Só que aquele pobre e velho Augusto pedira outro prato de sopa, só isso. Era impensável, era detestável (assim ele fez sinal para ela do outro lado da mesa) que Augusto recomeçasse a sopa. Ele detestava que as pessoas comessem quando ele terminava. Ela viu a raiva dele voar como uma matilha de cães até seus olhos, sua testa, e ela sabia que em um momento algo violento iria explodir, e então - graças a Deus! ela o viu se agarrar e frear o volante, e todo o seu corpo pareceu emitir faíscas, mas não palavras. Ele ficou lá carrancudo. Ele não havia dito nada, ele a fazia observar. Deixe que ela lhe dê o crédito por isso! Mas por que, afinal, o pobre Augusto não pediria outro prato de sopa? Ele apenas tocou o braço de Ellen e disse:

"Ellen, por favor, outro prato de sopa", e então o Sr. Ramsay fez uma careta assim.

E por que não? — perguntou a Sra. Ramsay. Certamente eles poderiam deixar Augustus tomar sua sopa, se ele quisesse. Ele odiava pessoas chafurdando em comida, o Sr. Ramsay franziu a testa para ela. Ele odiava que tudo se arrastasse por horas assim. Mas ele se controlou, o Sr. Ramsay fez com que ela observasse, por mais nojenta que fosse a visão. Mas por que mostrá-lo tão claramente, perguntou a Sra. Ramsay (eles se entreolharam na longa mesa, enviando perguntas e respostas, cada um sabendo exatamente o que o outro sentia). Todo mundo podia ver, pensou a Sra. Ramsay. Lá estava Rose olhando para o pai, lá estava Roger olhando para o pai; ambos iriam cair na gargalhada em um segundo, ela sabia, e então disse prontamente (na verdade, já era hora):

"Acenda as velas", e eles pularam instantaneamente e foram mexer no aparador.

Por que ele nunca conseguiu esconder seus sentimentos? A Sra. Ramsay se perguntou, e se perguntou se Augustus Carmichael havia notado. Talvez ele tivesse; talvez ele não tivesse. Ela não pôde deixar de respeitar a compostura com que ele estava sentado ali, tomando sua sopa. Se ele queria sopa, pedia sopa. Quer as pessoas rissem dele ou estivessem com raiva dele, ele era o mesmo. Ele não gostava dela, ela sabia disso; mas em parte por essa mesma razão ela o respeitava, e olhando para ele, tomando sopa, muito grande e calmo na luz fraca, e monumental e contemplativo, ela se perguntou o que ele sentia então, e por que ele estava sempre contente e digno; e ela pensou em como ele era dedicado a Andrew, e o chamaria ao seu quarto, e Andrew disse: "mostre-lhe coisas". E lá ele ficava deitado o dia todo no gramado,

provavelmente meditando sobre sua poesia, até lembrar um gato observando pássaros, e então batia palmas quando encontrava a palavra, e o marido dela dizia: "Pobre Augusto, ele é um verdadeiro poeta", o que era um grande elogio do marido dela.

Agora oito velas estavam colocadas ao longo da mesa, e após a primeira inclinação as chamas se levantaram e trouxeram consigo toda a longa mesa para a visibilidade, e no meio um prato de frutas amarelo e roxo. O que ela teria feito com ele, perguntou-se a Sra. Ramsay, pois o arranjo de uvas e peras de Rose, da casca córnea forrada de rosa, das bananas, a fazia pensar em um troféu trazido do fundo do mar, no banquete de Netuno, no cacho que pendia com folhas de videira sobre o ombro de Baco (em algum quadro), entre as peles de leopardo e as tochas vermelhas e douradas penduradas... Assim trazido de repente para a luz parecia possuidor de grande tamanho e profundidade, era como um mundo em que se podia pegar no cajado e escalar colinas, pensou ela, e descer aos vales, e para seu prazer (pois isso os fez sentir simpatia momentaneamente) viu que Augusto também deleitava os olhos no mesmo prato de fruta, mergulhava, arrancava uma flor ali, uma borla aqui, e voltava, depois de festejar, para a sua colmeia. Esse era o jeito dele de olhar, diferente do dela. Mas olhar juntos os uniu.

Agora todas as velas estavam acesas, e os rostos de ambos os lados da mesa foram aproximados pela luz das velas, e compostos, como não haviam acontecido no crepúsculo, em uma festa em torno de uma mesa, pois a noite estava agora fechada por painéis de vidro, que, longe de fornecerem qualquer visão precisa do mundo exterior, ondulavam-no tão estranhamente que aqui, dentro da sala, parecia haver ordem e terra seca; ali, lá fora, um reflexo em que as coisas vacilavam e desapareciam, aquosas.

Uma mudança ocorreu de repente em todos eles, como se isso realmente tivesse acontecido, e todos tivessem consciência de fazer uma festa juntos num vale, numa ilha; tinham sua causa comum contra aquela fluidez lá fora. A Sra. Ramsay, que estava inquieta esperando a chegada de Paul e Minta, e sentia-se incapaz de resolver as coisas, agora sentia que sua inquietação se transformava em expectativa. Pois agora eles deveriam vir, e Lily Briscoe, tentando analisar a causa da súbita alegria, comparou-a com aquele momento no gramado do tênis, quando a solidez desapareceu de repente e espaços tão vastos se estabeleceram entre eles; e agora o mesmo efeito era obtido pelas muitas velas no quarto escassamente mobiliado, pelas janelas sem cortinas e pela aparência brilhante, semelhante a uma máscara, dos rostos vistos à luz das velas. Algum peso foi tirado deles; qualquer coisa poderia acontecer, ela sentia. Eles devem vir agora, pensou a Sra. Ramsay, olhando para a porta, e naquele instante, Minta Doyle, Paul Rayley e uma empregada carregando um grande prato nas mãos entraram juntos. Eles estavam terrivelmente atrasados; eles estavam terrivelmente atrasados, disse Minta, enquanto se encaminhavam para diferentes extremos da mesa.

“Perdi meu broche, o broche da minha avó”, disse Minta com um som de lamentação na voz e uma infusão em seus grandes olhos castanhos, olhando para baixo e para cima, enquanto se sentava ao lado do Sr.

Como ela poderia ser tão idiota, ele perguntou, a ponto de escalar pedras em jóias?

Ela estava com medo dele - ele era terrivelmente inteligente, e na primeira noite em que ela se sentou ao lado dele, e ele falou sobre George Eliot, ela ficou realmente assustada, pois havia deixado o terceiro volume de *Middlemarch* no trem e nunca soube o que aconteceu no final; mas depois

ela se deu perfeitamente e se mostrou ainda mais ignorante do que era, porque ele gostava de dizer que ela era uma tola. E então, esta noite, assim que ele riu dela, ela não ficou assustada. Além disso, ela sabia, assim que entrou na sala, que o milagre havia acontecido; ela usava sua névoa dourada. Às vezes ela tinha; às vezes não. Ela nunca soube por que isso aconteceu ou por que aconteceu, ou se ela o tinha, até entrar na sala e então ela soube instantaneamente pela maneira como um homem olhou para ela. Sim, esta noite ela conseguiu, tremendamente; ela sabia disso pela maneira como o Sr. Ramsay lhe disse para não ser tola. Ela sentou-se ao lado dele, sorrindo.

Deve ter acontecido então, pensou a Sra. Ramsay; eles estão noivos. E por um momento ela sentiu o que nunca esperava sentir novamente: ciúme. Pois ele, o marido dela, também sentiu isso — o brilho de Minta; ele gostava dessas garotas, daquelas garotas avermelhadas, com algo de voador, algo um pouco selvagem e assustador, que não "raspavam os cabelos", não eram, como ele disse sobre a pobre Lily Briscoe, "... acanhadas". Havia alguma qualidade que ela própria não possuía, algum brilho, alguma riqueza, que o atraía, divertia, levava-a a ter como favoritas moças como Minta. Eles podiam cortar-lhe o cabelo, trançar-lhe correntes de relógio ou interrompê-lo no trabalho, saudando-o (ela os ouviu): "Venha, Sr. Ramsay; é a nossa vez de vencê-los agora", e ele saiu para jogar tênis.

Mas, na verdade, ela não sentia ciúmes, apenas, de vez em quando, quando se obrigava a olhar para o espelho, um pouco ressentida por ter envelhecido, talvez por sua própria culpa. (A conta da estufa e tudo o mais.) Ela ficou grata por eles terem rido dele. ("Quantos cachimbos você fumou hoje, Sr. Ramsay?" e assim por diante), até parecer um jovem; um homem muito atraente para as mulheres, não sobrecarregado, não sobrecarregado com a grandeza de seus trabalhos e as tristezas do mundo e sua fama ou seu

fracasso, mas novamente como ela o conheceu pela primeira vez, magro, mas galante; ajudando-a a sair de um barco, ela lembrou; com modos deliciosos, assim (ela olhou para ele, e ele parecia surpreendentemente jovem, provocando Minta). Quanto a ela mesma — "Coloque aí embaixo", disse ela, ajudando a suíça a colocar delicadamente diante dela o enorme pote marrom onde estava o Bœuf en Daube —, por sua vez, ela gostava de seus peitos. Paul deve sentar-se ao lado dela. Ela havia reservado um lugar para ele. Na verdade, ela às vezes pensava que gostava mais dos peitos. Eles não incomodaram ninguém com suas dissertações. Afinal, quanta falta eles sentiam desses homens tão inteligentes! Quão secos eles ficaram, com certeza. Havia algo, pensou ela enquanto ele se sentava, de muito encantador em Paul. Suas maneiras eram encantadoras para ela, assim como seu nariz afilado e seus brilhantes olhos azuis. Ele era tão atencioso. Será que ele contaria a ela — agora que todos estavam conversando de novo — o que havia acontecido?

"Voltamos para procurar o broche de Minta", disse ele, sentando-se ao lado dela. "Nós" - isso foi o suficiente. Ela sabia, pelo esforço e pela elevação da voz dele para superar uma palavra difícil, que era a primeira vez que ele dizia "nós". "Fizemos isso, fizemos aquilo." Eles dirão isso durante toda a vida, pensou ela, e um aroma delicioso de azeitonas, azeite e suco subiu do grande prato marrom enquanto Marthe, com um pequeno floreio, tirava a tampa. O cozinheiro passou três dias preparando aquele prato. E ela deve tomar muito cuidado, pensou a Sra. Ramsay, mergulhando na massa macia, para escolher uma peça especialmente tenra para William Bankes. E ela espiou dentro do prato, com suas paredes brilhantes e sua confusão de saborosas carnes marrons e amarelas e suas folhas de louro e seu vinho, e pensou. Isso celebrará a ocasião - surge nela uma sensação curiosa, ao

mesmo tempo bizarra e terna, de celebrar um festival, como se duas emoções fossem evocadas nela, uma profunda - pelo que poderia ser mais sério do que o amor do homem pela mulher, o que é mais imponente, mais impressionante, trazendo em seu seio as sementes da morte; ao mesmo tempo, esses amantes, essas pessoas que entram na ilusão de olhos brilhantes, devem ser dançados com zombaria, enfeitados com guirlandas.

“É um triunfo”, disse o Sr. Bankes, pousando a faca por um momento. Ele comeu com atenção. Foi rico; foi terno. Estava perfeitamente preparado na hora. Como ela administrou essas coisas nas profundezas do país? ele perguntou a ela. Ela era uma mulher maravilhosa. Todo o seu amor, toda a sua reverência havia retornado; e ela sabia disso.

“É uma receita francesa da minha avó”, disse a Sra. Ramsay, falando com um tom de grande prazer na voz. Claro que era francês. O que se passa por culinária na Inglaterra é uma abominação (eles concordaram). É colocar repolho na água. É assar carne até ficar como couro. É cortar as deliciosas cascas dos vegetais. “No qual”, disse o Sr. Bankes, “está contida toda a virtude do vegetal.” E o desperdício, disse a Sra. Ramsay. Uma família francesa inteira poderia viver com o que um cozinheiro inglês joga fora. Estimulada pela sensação de que o afeto de William havia voltado para ela, e que tudo estava bem novamente, e que seu suspense havia acabado, e que agora ela estava livre tanto para triunfar quanto para zombar, ela riu, gesticulou, até que Lily pensou: Como ela era infantil, como ela era absurda, sentada ali em cima com toda a sua beleza aberta novamente dentro dela, falando sobre cascas de vegetais. Havia algo assustador nela. Ela era irresistível. No final, ela sempre conseguia o que queria, pensou Lily. Agora ela havia conseguido - Paul e Minta, poderíamos supor, estavam noivos. O Sr. Bankes estava jantando aqui. Ela lançou um feitiço sobre todos eles,

desejando, de forma tão simples, tão direta, e Lily contrastou essa abundância com sua própria pobreza de espírito, e supôs que era em parte essa crença (pois seu rosto estava todo iluminado - sem parecer jovem, ela parecia radiante) nesta coisa estranha, esta aterrorizante, que fez Paul Rayley, sentado ao seu lado, todo trêmulo, mas abstrato, absorto, silencioso. A Sra. Ramsay, Lily sentiu, enquanto falava sobre as cascas dos vegetais, exaltava isso, adorava isso; segurou as mãos sobre ele para aquecê-los, para protegê-lo, e ainda assim, tendo causado tudo isso, de alguma forma riu, levou suas vítimas, Lily sentiu, para o altar. Aquilo também veio sobre ela agora - a emoção, a vibração do amor. Quão discreta ela se sentia ao lado de Paul! Ele, brilhando, queimando; ela, distante, satírica; ele, rumo à aventura; ela, atracada na costa; ele, lançado, incauto; ela, solitária, deixada de lado - e, pronta a implorar uma participação, se fosse um desastre, no desastre dele, disse timidamente:

"Quando Minta perdeu o broche?"

Ele sorriu o sorriso mais requintado, velado pela memória, tingido de sonhos. Ele balançou a cabeça. "Na praia", disse ele.

"Vou encontrá-lo", disse ele, "vou acordar cedo." Sendo isso mantido em segredo de Minta, ele baixou a voz e voltou os olhos para onde ela estava sentada, rindo, ao lado do Sr. Ramsay.

Lily teve vontade de protestar violenta e escandalosamente contra seu desejo de ajudá-lo, imaginando que na madrugada da praia seria ela quem atacaria o broche meio escondido por alguma pedra, e assim ela mesma seria incluída entre os marinheiros e aventureiros. Mas o que ele respondeu à oferta dela? Na verdade, ela disse com uma emoção que raramente deixava transparecer: "Deixe-me ir com você", e ele riu. Ele quis dizer sim ou não - talvez. Mas não

foi isso que ele quis dizer — foi a risada estranha que ele deu, como se tivesse dito: Jogue-se do penhasco se quiser, não me importo. Ele virou em seu rosto o calor do amor, seu horror, sua crueldade, sua inescrupulosidade. Isso a queimou, e Lily, olhando para Minta, sendo encantadora com o Sr. Ramsay do outro lado da mesa, estremeceu por ela exposta a essas presas e ficou agradecida. Pois de qualquer forma, disse consigo mesma, avistando o saleiro no desenho, ela não precisa se casar, graças a Deus: ela não precisa passar por essa degradação. Ela foi salva dessa diluição. Ela moveria a árvore um pouco mais para o meio.

Tal era a complexidade das coisas. Pois o que aconteceu com ela, especialmente quando ficou com os Ramsay, foi feito para que ela sentisse violentamente duas coisas opostas ao mesmo tempo; é isso que você sente, era um; é isso que eu sinto, era a outra, e então eles brigaram juntos na mente dela, como agora. É tão lindo, tão emocionante, esse amor, que estremeço à beira dele e me ofereço, por hábito, para procurar um broche na praia; também é a mais estúpida, a mais bárbara das paixões humanas, e transforma um jovem simpático com um perfil como o de uma jóia (o de Paul era requintado) num valentão com um pé-de-cabra (ele era arrogante, era insolente) na Mile End Road. No entanto, ela disse para si mesma, desde o início dos tempos odes ao amor são cantadas; coroas de flores e rosas; e se você perguntasse a nove entre dez pessoas, elas diriam que não queriam nada além disso: amor; enquanto as mulheres, a julgar pela sua própria experiência, estariam o tempo todo sentindo: Não é isso que queremos; não há nada mais tedioso, pueril e desumano do que isso; no entanto, também é lindo e necessário. Bem, então, bem, então? ela perguntou, de alguma forma esperando que os outros continuassem com a discussão, como se em uma discussão como essa alguém atirasse um pequeno raio que obviamente

falhou e deixou os outros continuarem. Então ela ouviu novamente o que eles diziam, caso pudessem lançar alguma luz sobre a questão do amor.

"Então", disse o Sr. Bankes, "há aquele líquido que os ingleses chamam de café."

"Ah, café!" disse a Sra. Ramsay. Mas era mais uma questão (ela estava completamente excitada, Lily percebeu, e falou muito enfaticamente) sobre manteiga de verdade e leite limpo. Falando com calor e eloquência, ela descreveu a iniquidade do sistema de laticínios inglês e em que estado o leite era entregue na porta, e estava prestes a provar suas acusações, pois havia entrado no assunto, quando todos ao redor da mesa, começando com Andrew no meio, como um fogo saltando de tufo em tufo de tojo, seus filhos riram; o marido riu; ela foi ridicularizada, cercada pelo fogo e forçada a velar seu braço, desmontar suas baterias e apenas retaliar exibindo a zombaria e o ridículo da mesa ao Sr. Bankes como um exemplo do que alguém sofreria se atacasse os preconceitos do público britânico.

Propositalmente, porém, como ela tinha em mente que Lily, que a ajudara com o Sr. Tansley, estava fora de controle, ela a isentou do resto; disse: "De qualquer forma, Lily concorda comigo", e então a atraiu, um pouco agitada, um pouco assustada. (Pois ela estava pensando no amor.) Ambos estavam desorientados, a Sra. Ramsay estava pensando, tanto Lily quanto Charles Tansley. Ambos sofreram com o brilho dos outros dois. Ele, estava claro, sentiu-se totalmente frio; nenhuma mulher olharia para ele com Paul Rayley na sala. Pobre sujeito! Mesmo assim, ele tinha na sua dissertação, a influência de alguém sobre alguma coisa: ele sabia cuidar de si mesmo. Com Lily foi diferente. Ela desapareceu sob o brilho de Minta; tornou-se mais discreta do que nunca, em seu vestidinho cinza, com seu rostinho enrugado e

seus olhinhos chineses. Tudo nela era tão pequeno. No entanto, pensou a Sra. Ramsay, comparando-a com Minta, enquanto pedia sua ajuda (para que Lily confirmasse que ela não falava mais sobre seus laticínios do que seu marido sobre suas botas — ele falava a cada hora sobre suas botas) dos dois, Lily aos quarenta será a melhor. Havia em Lily um fio de alguma coisa; um clarão de alguma coisa; algo de sua autoria que a Sra. Ramsay realmente gostava muito, mas nenhum homem gostaria, ela temia. Obviamente que não, a menos que fosse um homem muito mais velho, como William Bankes. Mas então ele se importava, bem, a Sra. Ramsay às vezes pensava que ele se importava, desde a morte da esposa, talvez com ela. Ele não estava “apaixonado”, é claro; foi uma daquelas afeições não classificadas que existem tantas. Ah, mas bobagem, ela pensou; William deve se casar com Lily. Eles têm tantas coisas em comum. Lily gosta tanto de flores. Eles são frios e indiferentes e bastante autossuficientes. Ela deve providenciar para que eles façam uma longa caminhada juntos.

Tolamente, ela os colocou frente a frente. Isso poderá ser remediado amanhã. Se estivesse tudo bem, eles deveriam fazer um piquenique. Tudo parecia possível. Tudo parecia certo. Agora mesmo (mas isso não pode durar, pensou ela, dissociando-se do momento em que todos conversavam sobre botas), agora mesmo ela havia alcançado a segurança; ela pairava como um falcão suspenso; como uma bandeira flutuando em um elemento de alegria que preencheu cada nervo de seu corpo plena e docemente, não ruidosamente, mas sim solenemente, pois surgiu, ela pensou, olhando para todos eles comendo ali, desde marido, filhos e amigos; tudo isso subindo nessa profunda quietude (ela estava ajudando William Bankes a pegar mais um pedacinho e espiando as profundezas da panela de barro) parecia agora, sem nenhuma razão especial, permanecer ali como uma fumaça, como uma

fumaça subindo, mantendo-os juntos e seguros. Nada precisa ser dito; nada poderia ser dito. Lá estava ele, ao redor deles. Ela sentiu que participava, ajudando cuidadosamente o Sr. Bankes a uma peça especialmente terna, da eternidade; como ela já havia sentido algo diferente uma vez antes daquela tarde; há uma coerência nas coisas, uma estabilidade; algo, ela quis dizer, é imune à mudança e brilha (ela olhou para a janela com sua ondulação de luzes refletidas) diante do que flui, do fugaz, do espectral, como um rubi; de modo que novamente esta noite ela teve a sensação que já tivera hoje, de paz, de descanso. De tais momentos, ela pensou, é feita a coisa que perdura.

"Sim", garantiu ela a William Bankes, "há bastante para todos."

"Andrew", ela disse, "segure seu prato mais baixo, ou eu vou derramar." (O Bœuf en Daube foi um triunfo perfeito.) Aqui, ela sentiu, pousando a colher, estava o espaço tranquilo que existe no coração das coisas, onde se pode mover-se ou descansar; agora podiam esperar (todos foram ajudados) ouvindo; poderia então, como um falcão que de repente sai de sua posição elevada, ostentar-se e cair na gargalhada com facilidade, apoiando todo o seu peso sobre o que seu marido estava dizendo do outro lado da mesa sobre a raiz quadrada de mil duzentos e cinquenta e três. Esse era o número, ao que parecia, em seu relógio.

O que tudo isso significa? Até hoje ela não tinha noção. Uma raiz quadrada? O que é que foi isso? Seus filhos sabiam. Ela se apoiou neles; em cubos e raízes quadradas; era disso que eles estavam falando agora; em Voltaire e Madame de Staël; no caráter de Napoleão; no sistema francês de posse da terra; em Lord Rosebery; nas Memórias de Creevey: ela deixou-a sustentá-la e sustentá-la, esse admirável tecido da inteligência masculina, que subia e descia, atravessava de um lado para outro, como vigas de ferro atravessando

o tecido oscilante, sustentando o mundo, para que ela pudesse confiar nele totalmente, até mesmo fechar os olhos, ou piscá-los por um momento, como uma criança olhando para cima do travesseiro e piscando para as inúmeras camadas de folhas de uma árvore. Então ela acordou. Ainda estava sendo fabricado. William Bankes estava elogiando os romances de Waverley.

Ele lia um deles a cada seis meses, disse ele. E por que isso deixaria Charles Tansley irritado? Ele entrou correndo (tudo, pensou a Sra. Ramsay, porque Prue não será gentil com ele) e denunciou os romances de Waverley quando não sabia nada sobre eles, absolutamente nada sobre isso, pensou a Sra. Ela podia ver como isso acontecia pelos seus modos - ele queria se afirmar, e isso sempre aconteceria com ele até que conseguisse seu cargo de professor ou se casasse com sua esposa, e portanto não precisava ficar sempre dizendo: "Eu... eu... eu". Pois foi a isso que consistiu a sua crítica ao pobre Sir Walter, ou talvez a Jane Austen. "Eu... eu... eu." Ele estava pensando em si mesmo e na impressão que estava causando, como ela percebeu pelo som de sua voz, pela ênfase e pela inquietação. O sucesso seria bom para ele. De qualquer forma, eles partiram novamente. Agora ela não precisa ouvir. Isso não poderia durar, ela sabia, mas naquele momento seus olhos estavam tão claros que pareciam dar a volta na mesa revelando cada uma daquelas pessoas, e seus pensamentos e seus sentimentos, sem esforço como uma luz furtiva debaixo d'água de modo que suas ondulações e os juncos nela e os peixinhos se equilibrando, e as súbitas trutas silenciosas ficam todas acesas penduradas, tremendo. Então ela os viu; ela os ouviu; mas tudo o que diziam tinha também esta qualidade, como se o que diziam fosse como o movimento de uma truta quando, ao mesmo tempo, se pode ver a ondulação e o cascalho, algo à direita, algo à esquerda; e o todo é mantido unido; pois enquanto na vida ativa ela estaria pescando e separando uma coisa da outra;

ela estaria dizendo que gostou dos romances de Waverley ou que não os leu; ela estaria se esforçando para avançar; agora ela não disse nada. No momento, ela ficou suspensa.

"Ah, mas quanto tempo você acha que vai durar?" disse alguém. Era como se ela tivesse antenas tremendo dentro dela, que, interceptando certas frases, forçou-as a chamar sua atenção. Este foi um deles. Ela farejava perigo para o marido. Uma pergunta como essa levaria, quase certamente, a dizer algo que o lembrasse de seu próprio fracasso. Por quanto tempo ele seria lido? Ele pensaria imediatamente. William Bankes (que era totalmente livre de toda essa vaidade) riu e disse que não dava importância às mudanças na moda. Quem poderia dizer o que iria durar - na literatura ou mesmo em qualquer outra coisa?

"Vamos aproveitar o que gostamos", disse ele. Sua integridade pareceu à Sra. Ramsay bastante admirável. Ele nunca pareceu pensar por um momento: Mas como isso me afeta? Mas então, se você tivesse o outro temperamento, que precisa de elogios, que precisa de encorajamento, naturalmente você começava (e ela sabia que o Sr. Ramsay estava começando) a ficar inquieto; querer que alguém diga: Ah, mas seu trabalho vai durar, Sr. Ramsay, ou algo parecido. Ele mostrou claramente seu desconforto ao dizer, com certa irritação, que, de qualquer forma, Scott (ou foi Shakespeare?) duraria o resto da vida. Ele disse isso irritado. Todos, pensou ela, se sentiam um pouco desconfortáveis, sem saber por quê. Então Minta Doyle, cujo instinto era excelente, disse blefadamente, de forma absurda, que não acreditava que alguém realmente gostasse de ler Shakespeare. O Sr. Ramsay disse severamente (mas sua mente foi novamente desviada) que muito poucas pessoas gostaram tanto quanto disseram que gostaram. Mas, acrescentou, ainda assim há um mérito

considerável em algumas das peças, e a Sra. Ramsay percebeu que, de qualquer forma, por enquanto tudo ficaria bem; ele ria de Minta, e ela, a Sra. Ramsay percebeu, percebendo sua extrema ansiedade em relação a si mesmo, iria, à sua própria maneira, cuidar dele e elogiá-lo, de uma forma ou de outra. Mas ela desejou que não fosse necessário: talvez fosse culpa dela que isso fosse necessário. De qualquer forma, agora ela estava livre para ouvir o que Paul Rayley tentava dizer sobre os livros que lia quando era menino. Eles duraram, ele disse. Ele havia lido um pouco de Tolstoi na escola. Havia um de quem ele sempre se lembrava, mas havia esquecido o nome. Nomes russos eram impossíveis, disse a Sra. Ramsay. “Vronsky”, disse Pavel. Ele se lembrou disso porque sempre achou que era um nome muito bom para um vilão. “Vronsky”, disse a Sra. Ramsay; “Oh, Anna Karenina”, mas isso não os levou muito longe; os livros não estavam em sua linha. Não, Charles Tansley esclareceria os dois num segundo sobre livros, mas estava tudo tão confuso com: Estou dizendo a coisa certa? Estou causando uma boa impressão? que, afinal, se sabia mais sobre ele do que sobre Tolstoi, ao passo que o que Paulo disse era sobre a coisa, simplesmente, não sobre ele mesmo, nada mais. Como todas as pessoas estúpidas, ele também tinha uma espécie de modéstia, uma consideração pelo que você estava sentindo, o que, pelo menos de certa forma, ela achava atraente. Agora ele estava pensando, não em si mesmo ou em Tolstoi, mas se ela estava com frio, se sentia uma corrente de ar, se gostaria de uma pêra.

Não, ela disse, ela não queria uma pêra. Na verdade, ela vinha vigiando o prato de frutas (sem perceber) com ciúme, esperando que ninguém tocasse nele. Seus olhos iam e voltavam entre as curvas e as sombras da fruta, entre os ricos roxos das uvas das terras baixas, depois sobre a crista córnea da casca, colocando um amarelo contra um roxo, uma forma curva contra uma

forma redonda, sem saber por que fazia isso, ou por que, cada vez que fazia isso, ela se sentia cada vez mais serena; até que, ah, que pena que eles tenham feito isso - uma mão se estendeu, pegou uma pêra e estragou tudo. Com simpatia, ela olhou para Rose. Ela olhou para Rose sentada entre Jasper e Prue. Que estranho que um filho faça isso!

Que estranho vê-los sentados ali, enfileirados, seus filhos, Jasper, Rose, Prue, Andrew, quase em silêncio, mas com alguma piada própria acontecendo, ela imaginou, pelo tremor em seus lábios. Era algo totalmente diferente de tudo o mais, algo que eles estavam acumulando para rir em seu próprio quarto. Não era sobre o pai deles, ela esperava. Não, ela pensou que não. O que foi isso, ela se perguntou, com bastante tristeza, pois parecia-lhe que eles iriam rir quando ela não estivesse lá. Tudo isso estava escondido atrás daqueles rostos rígidos, imóveis, semelhantes a máscaras, pois eles não participavam facilmente; eram como observadores, agrimensores, um pouco criados ou afastados dos adultos. Mas quando ela olhou para Prue esta noite, ela viu que isso não era verdade para ela. Ela estava apenas começando, apenas se movendo, apenas descendo. A luz mais tênue estava em seu rosto, como se o brilho de Minta em frente, alguma excitação, alguma expectativa de felicidade se refletisse nela, como se o sol do amor de homens e mulheres nascesse sobre a borda da toalha de mesa, e sem saber o que era ela se inclinou em direção a ele e o cumprimentou. Ela continuou olhando para Minta, com timidez, mas com curiosidade, de modo que a Sra. Ramsay olhou de uma para outra e disse, falando mentalmente com Prue: Um dia desses vocês serão tão felizes quanto ela. Você será muito mais feliz, acrescentou ela, porque é minha filha, ela quis dizer; sua própria filha deve ser mais feliz do que as filhas dos outros. Mas o jantar acabou. Era hora de ir. Eles estavam apenas brincando com as coisas que estavam em seus pratos. Ela

esperaria até que eles parassem de rir de alguma história que seu marido estava contando. Ele estava brincando com Minta sobre uma aposta. Então ela se levantaria.

Ela gostava de Charles Tansley, pensou de repente; ela gostou da risada dele. Ela gostava dele por estar tão bravo com Paul e Minta. Ela gostou de sua estranheza. Afinal, havia muita coisa naquele jovem. E Lily, pensou ela, colocando o guardanapo ao lado do prato, ela sempre tem alguma piada própria. Nunca precisamos nos preocupar com Lily. Ela esperou. Ela enfiou o guardanapo sob a borda do prato. Bem, eles terminaram agora? Não. Essa história levou a outra história. O marido dela estava de muito bom humor naquela noite e, supunha ela, desejando acertar as contas com o velho Augustus depois daquela cena da sopa, atraiu-o - eles estavam contando histórias sobre alguém que ambos conheceram na faculdade. Ela olhou para a janela onde as chamas das velas ardiam com mais intensidade agora que as vidraças estavam pretas, e olhando para aquilo lá fora as vozes chegaram até ela de forma muito estranha, como se fossem vozes em um serviço religioso em uma catedral, pois ela não ouvia as palavras. As súbitas gargalhadas e depois uma voz (de Minta) falando sozinha, fizeram-na lembrar-se de homens e rapazes gritando as palavras em latim de um serviço religioso em alguma catedral católica romana. Ela esperou. Seu marido falou. Ele estava repetindo alguma coisa, e ela sabia que era poesia pelo ritmo e pelo tom de exultação, e pela melancolia em sua voz:

As palavras (ela estava olhando para a janela) soavam como se estivessem fluando como flores na água lá fora, isoladas de todas elas, como se ninguém as tivesse dito, mas elas tivessem surgido por si mesmas.

"E todas as vidas que já vivemos e todas as vidas que virão estão cheias de árvores e folhas mutáveis." Ela não sabia o que significavam, mas, como a música, as palavras pareciam ser ditas pela sua própria voz, fora de si mesma, dizendo com bastante facilidade e naturalidade o que estivera em sua mente durante toda a noite enquanto ela dizia coisas diferentes. Ela sabia, sem olhar para trás, que todos à mesa ouviam a voz que dizia:

com o mesmo tipo de alívio e prazer que ela sentiu, como se isso fosse, finalmente, a coisa natural a dizer, era a própria voz deles falando.

Mas a voz parou. Ela olhou em volta. Ela se obrigou a levantar. Augustus Carmichael levantou-se e, segurando o guardanapo de forma que parecia um longo manto branco, ficou cantando:

e quando ela passou por ele, ele se virou ligeiramente para ela repetindo as últimas palavras:

Luriana, Lurilee

e curvou-se diante dela como se lhe prestasse homenagem. Sem saber por quê, ela sentiu que ele gostava mais dela do que nunca; e com um sentimento de alívio e gratidão ela retribuiu a reverência e passou pela porta que ele manteve aberta para ela.

Era necessário agora levar tudo um passo adiante. Com o pé na soleira, ela esperou mais um momento em uma cena que desaparecia enquanto ela olhava, e então, quando ela se moveu, pegou o braço de Minta e saiu da sala, ela mudou, tomou uma forma diferente; ela sabia que, ao dar uma última olhada por cima do ombro, aquilo já havia se tornado passado.

## XVIII

Como sempre, pensou Lily. Sempre havia algo que precisava ser feito naquele exato momento, algo que a Sra. Ramsay havia decidido, por razões próprias, fazer instantaneamente; talvez fosse com todos que estavam fazendo piadas, como agora, sem serem capazes de decidir se iriam para a sala de fumar, para a sala de estar, até o sótão. Então alguém viu a Sra. Ramsay no meio dessa confusão parada ali com o braço de Minta nos seus, pensando nela: "Sim, é hora disso agora", e então sair imediatamente com um ar de segredo para fazer algo sozinho. E imediatamente ela partiu, uma espécie de desintegração se instalou; eles hesitaram, seguiram caminhos diferentes, o Sr. Bankes pegou Charles Tansley pelo braço e foi terminar no terraço a discussão que haviam começado no jantar sobre política, dando assim uma reviravolta a todo o equilíbrio da noite, fazendo o peso cair em uma direção diferente, como se, pensou Lily, ao vê-los partir, e ao ouvir uma ou duas palavras sobre a política do Partido Trabalhista, eles tivessem subido até a ponte do navio e estivessem se orientando; a mudança da poesia para a política a impressionou assim; então o Sr. Bankes e Charles Tansley foram embora, enquanto os outros ficaram olhando para a Sra. Ramsay subindo as escadas sozinha, sob a luz do lampião. Para onde, Lily se perguntou, ela estava indo tão rápido?

Não que ela realmente tenha corrido ou se apressado; ela foi realmente bem devagar. Ela se sentiu bastante inclinada a ficar parada, por um momento, depois de toda aquela conversa, e escolher uma coisa em particular; o que importava; para separá-lo; separe-o; limpe-o de todas as emoções e probabilidades e fins das coisas, e assim mantenha-o diante dela, e leve-o ao tribunal onde, reunidos em conclave, sentavam-se os juizes que ela havia nomeado para decidir essas coisas. É bom, é ruim, é certo ou errado? Para onde vamos todos? e assim por diante. Então ela se endireitou após o choque

do acontecimento e, de forma bastante inconsciente e incongruente, usou os galhos dos olmos do lado de fora para ajudá-la a estabilizar sua posição. Seu mundo estava mudando: eles estavam parados. O evento lhe deu uma sensação de movimento. Tudo deve estar em ordem. Ela precisava acertar isso e acertar, pensou, aprovando insensivelmente a dignidade da quietude das árvores, e agora novamente a soberba ascensão (como o bico de um navio subindo uma onda) dos galhos do olmo quando o vento os levantava. Pois estava ventando (ela parou por um momento para olhar para fora). Ventava muito, de modo que as folhas de vez em quando roçavam uma estrela, e as próprias estrelas pareciam tremer e lançar luz e tentar brilhar entre as bordas das folhas. Sim, isso foi feito então, realizado; e como acontece com todas as coisas feitas, tornou-se solene. Agora, um pensamento sobre isso, livre de tagarelice e emoção, parecia ter sido sempre, só foi mostrado agora e assim sendo mostrado, colocou tudo em estabilidade. Eles iriam, ela pensou, continuando, não importa o tempo que vivessem, voltariam para esta noite; esta lua; este vento; esta casa: e para ela também. Sentia-se lisonjeada, onde era mais suscetível de bajulação, pensar como, ferida em seus corações, por mais tempo que vivessem, ela seria tecida; e isso, e isso, e isso, pensou ela, subindo as escadas, rindo, mas com carinho, no sofá do patamar (da mãe); na cadeira de balanço (do pai); no mapa das Hébridias. Tudo isso seria revivido novamente na vida de Paul e Minta; "os Rayleys" — ela experimentou o novo nome; e ela sentiu, com a mão na porta do berçário, aquela comunidade de sentimentos com outras pessoas que a emoção proporciona, como se as paredes divisórias tivessem se tornado tão finas que praticamente (a sensação era de alívio e felicidade) tudo era um só fluxo, e cadeiras, mesas, mapas, eram dela, eram deles, não importava de quem, e Paul e Minta continuariam com isso quando ela morresse.

Ela girou a maçaneta com firmeza, para não fazer barulho, e entrou, franzindo levemente os lábios, como se quisesse lembrar a si mesma que não deveria falar em voz alta. Mas assim que entrou viu, com aborrecimento, que a precaução não era necessária. As crianças não estavam dormindo. Foi muito chato. Mildred deveria ter mais cuidado. Lá estava James bem acordado e Cam sentado ereto, e Mildred fora da cama descalça, e eram quase onze horas e todos estavam conversando. Qual foi o problema? Era aquela caveira horrível novamente. Ela havia dito a Mildred para movê-lo, mas Mildred, é claro, havia esquecido, e agora lá estava Cam bem acordado, e James bem acordado, brigando quando deveriam estar dormindo há horas. O que deu em Edward para enviar-lhes aquele crânio horrível? Ela tinha sido tão tola ao deixá-los pregar tudo ali. Estava pregado rápido, disse Mildred, e Cam não conseguia dormir com ele no quarto, e James gritava se ela tocasse nele.

Então Cam deveria dormir (ele tinha chifres enormes, disse Cam) — deveria dormir e sonhar com palácios encantadores, disse a Sra. Ramsay, sentando-se na cama ao seu lado. Ela podia ver os chifres, disse Cam, por toda a sala. Era verdade. Onde quer que colocassem luz (e James não conseguia dormir sem luz), sempre havia uma sombra em algum lugar.

"Mas pense, Cam, é apenas um porco velho", disse a Sra. Ramsay, "um belo porco preto como os porcos da fazenda." Mas Cam achou que era uma coisa horrível, atacando-a por toda a sala.

"Bem, então", disse a Sra. Ramsay, "vamos cobrir isso", e todos a observaram ir até a cômoda e abrir as pequenas gavetas rapidamente, uma após a outra, e não vendo nada que pudesse servir, ela rapidamente tirou seu próprio xale e enrolou-o em volta do crânio, girando e girando e girando, e então ela

voltou para Cam e deitou a cabeça quase plana no travesseiro ao lado de Cam e disse como ele parecia lindo agora; como as fadas iriam adorar; era como um ninho de pássaro; era como uma bela montanha como a que ela tinha visto lá fora, com vales e flores e sinos tocando e pássaros cantando e cabritinhos e antílopes e... Ela podia ver as palavras ecoando enquanto ela as pronunciava ritmicamente na mente de Cam, e Cam estava repetindo depois dela como era como uma montanha, um ninho de pássaro, um jardim, e havia pequenos antílopes, e seus olhos abriam e fechavam, e a Sra. ritmicamente e de forma mais absurda, como ela deve fechar os olhos e dormir e sonhar com montanhas e vales e estrelas caindo e papagaios e antílopes e jardins, e tudo mais adorável, disse ela, levantando a cabeça muito lentamente e falando cada vez mais mecanicamente, até que se sentou ereta e viu que Cam estava dormindo.

Agora, ela sussurrou, indo até a cama dele, James também precisa dormir, pois veja, ela disse, o crânio do javali ainda estava lá; eles não haviam tocado; eles fizeram exatamente o que ele queria; estava lá ileso. Ele certificou-se de que a caveira ainda estava sob o xale. Mas ele queria perguntar-lhe algo mais. Eles iriam ao Farol amanhã?

Não, amanhã não, ela disse, mas em breve, ela prometeu a ele; no próximo belo dia. Ele era muito bom. Ele se deitou. Ela o cobriu. Mas ele nunca esqueceria, ela sabia, e sentiu raiva de Charles Tansley, de seu marido e de si mesma, pois havia aumentado suas esperanças. Então, procurando o xale e lembrando-se de que o havia enrolado no crânio do javali, ela se levantou, baixou a janela mais alguns centímetros, ouviu o vento e respirou o ar frio da noite perfeitamente indiferente e murmurou boa-noite para Mildred e saiu do quarto e deixou a lingueta da porta se alongar lentamente na fechadura e saiu.

Ela esperava que ele não batesse os livros no chão, acima de suas cabeças, pensou, ainda pensando em como Charles Tansley era irritante. Pois nenhum deles dormiu bem; eram crianças excitáveis, e como ele dizia coisas assim sobre o Farol, parecia-lhe provável que derrubasse uma pilha de livros, no momento em que iam dormir, varrendo-os desajeitadamente da mesa com o cotovelo. Pois ela supôs que ele tivesse subido para trabalhar. No entanto, ele parecia tão desolado; no entanto, ela se sentiria aliviada quando ele partisse; no entanto, ela providenciaria para que ele fosse melhor tratado amanhã; no entanto, ele era admirável com o marido dela; contudo, suas maneiras certamente precisavam ser melhoradas; no entanto, ela gostou da risada dele - pensando nisso, ao descer as escadas, percebeu que agora podia ver a própria lua através da janela da escada - a lua amarela da colheita - e se virou, e eles a viram, parada acima deles na escada.

“Essa é minha mãe”, pensou Prue. Sim; Minta deveria olhar para ela; Paul Rayley deveria olhar para ela. Essa é a coisa em si, ela sentiu, como se só houvesse uma pessoa assim no mundo; a mãe dela. E, depois de já ter crescido, um momento antes, conversando com os outros, ela se tornou uma criança novamente, e o que eles estavam fazendo era um jogo, e se sua mãe aprovaria o jogo deles, ou o condenaria, ela se perguntou. E pensando na oportunidade que representava para Minta, Paul e Lily vê-la, e sentindo que extraordinário golpe de sorte era para ela tê-la, e como ela nunca cresceria e nunca sairia de casa, ela disse, como uma criança: “Pensamos em ir até a praia para observar as ondas”.

Instantaneamente, sem motivo algum, a Sra. Ramsay tornou-se como uma menina de vinte anos, cheia de alegria. Um clima de folia subitamente tomou conta dela. É claro que eles devem ir; é claro que eles devem ir, ela gritou, rindo; e descendo rapidamente os últimos três ou quatro degraus, ela

começou a virar-se de um para o outro e a rir e a envolver-se no xale de Minta e a dizer que só queria poder ir também, e será que eles chegariam muito tarde, e se algum deles tivesse um relógio?

“Sim, Paul fez isso”, disse Minta. Paul tirou um lindo relógio de ouro de uma pequena caixa de couro para mostrar a ela. E enquanto o segurava na palma da mão diante dela, ele sentiu: “Ela sabe tudo sobre isso. Não preciso dizer nada.” Ele estava dizendo a ela enquanto lhe mostrava o relógio: “Consegui, Sra. Ramsay. Devo tudo a você.” E vendo o relógio de ouro em sua mão, a Sra. Ramsay sentiu: Como Minta é extraordinariamente sortuda! Ela vai se casar com um homem que tem um relógio de ouro numa bolsa de couro!

“Como eu gostaria de poder ir com você!” ela chorou. Mas ela foi impedida por algo tão forte que nunca pensou em se perguntar o que era. Claro que era impossível para ela ir com eles. Mas ela teria gostado de ir, se não fosse pela outra coisa, e encantada com o absurdo de seu pensamento (que sorte ter se casado com um homem que tem uma bolsa de couro como relógio), ela foi com um sorriso nos lábios para a outra sala, onde seu marido estava sentado lendo.

## XIX

Claro, ela disse para si mesma, entrando na sala, ela tinha que vir aqui para conseguir algo que queria. Primeiro ela queria sentar-se numa cadeira específica, sob uma lâmpada específica. Mas ela queria algo mais, embora não soubesse, não conseguia imaginar o que queria. Ela olhou para o marido (pegando a meia e começando a tricotar) e viu que ele não queria ser interrompido - isso estava claro. Ele estava lendo algo que o emocionou muito. Ele estava meio sorrindo e então ela soube que ele estava controlando

sua emoção. Ele estava jogando as páginas. Ele estava agindo assim — talvez estivesse pensando que era a pessoa do livro. Ela se perguntou que livro seria. Ah, ela viu uma das do velho Sir Walter, ajustando o abajur para que a luz incidisse sobre seu tricô. Pois Charles Tansley estava dizendo (ela olhou para cima como se esperasse ouvir o barulho dos livros no andar de cima), estava dizendo que as pessoas não leem mais Scott. Então o marido pensou: “Isso é o que dirão de mim”; então ele foi e pegou um daqueles livros. E se ele chegasse à conclusão “Isso é verdade” do que Charles Tansley disse, ele aceitaria isso sobre Scott. (Ela percebeu que ele estava pensando, considerando, colocando isso junto com aquilo enquanto lia.) Mas não sobre si mesmo. Ele sempre se sentiu desconfortável consigo mesmo. Isso a incomodava. Ele estaria sempre preocupado com seus próprios livros - eles serão lidos, são bons, por que não são melhores, o que as pessoas pensam de mim? Não gostando de pensar assim nele, e perguntando-se se eles teriam adivinhado no jantar por que ele de repente ficava irritado quando conversavam sobre fama e livros duradouros, perguntando-se se as crianças estavam rindo disso, ela puxou a meia para fora, e todas as belas gravuras vieram desenhadas com instrumentos de aço em torno de seus lábios e testa, e ela ficou imóvel como uma árvore que se agita e treme e agora, quando a brisa cai, se acalma, folha por folha, em silêncio.

Não importava nada disso, ela pensou. Um grande homem, um grande livro, fama — quem poderia dizer? Ela não sabia nada sobre isso. Mas era o seu jeito de lidar com ele, a sua sinceridade — por exemplo, durante o jantar, ela estivera pensando instintivamente: Se ao menos ele falasse! Ela tinha total confiança nele. E descartando tudo isso, quando alguém mergulha ora numa erva daninha, ora num canudo, ora numa bolha, ela sentiu novamente, afundando-se ainda mais, como havia sentido no corredor quando os outros

conversavam: Há algo que eu quero - algo que vim buscar, e ela caiu cada vez mais fundo sem saber exatamente o que era, com os olhos fechados. E ela esperou um pouco, tricotando, imaginando, e lentamente aquelas palavras que haviam dito no jantar, "a rosa da China está toda florescendo e zumbindo com a abelha", começaram a percorrer sua mente de um lado a outro ritmicamente, e enquanto lavavam, palavras, como pequenas luzes sombreadas, uma vermelha, uma azul, uma amarela, iluminavam-se na escuridão de sua mente, e pareciam deixar seus poleiros lá em cima para voar através e através, ou gritar e ser ecoado; então ela se virou e procurou um livro na mesa ao lado dela.

ela murmurou, enfiando as agulhas na meia. E ela abriu o livro e começou a ler aqui e ali aleatoriamente, e ao fazê-lo sentiu que estava subindo para trás, para cima, abrindo caminho sob as pétalas que se curvavam sobre ela, de modo que ela só sabia que isto era branco, ou isto era vermelho. Ela não sabia a princípio o que as palavras significavam.

Dirija, aqui dirija seus pinheiros alados, todos os marinheiros derrotados

ela leu e virou a página, balançando-se, ziguezagueando de um lado para o outro, de uma linha para outra, como de um galho para outro, de uma flor vermelha e branca para outra, até que um pequeno som a despertou - o marido batendo nas coxas. Seus olhos se encontraram por um segundo; mas eles não queriam falar um com o outro. Eles não tinham nada a dizer, mas mesmo assim alguma coisa parecia passar dele para ela. Foi a vida, foi o poder dela, foi o tremendo humor, ela sabia, que o fez dar um tapa nas coxas. Não me interrompa, ele parecia dizer, não diga nada; apenas sente-se aí. E ele continuou lendo. Seus lábios se contraíram. Isso o encheu. Isso o fortaleceu. Ele esqueceu completamente todas as pequenas brincadeiras e

brincadeiras da noite, e como ele ficava extremamente entediado ficar sentado quieto enquanto as pessoas comiam e bebiam interminavelmente, e como ele ficava tão irritado com sua esposa e tão melindroso e preocupado quando eles passavam seus livros como se eles nem existissem. Mas agora, ele sentia, não importava a mínima quem chegasse a Z (se o pensamento corresse como um alfabeto de A a Z). Alguém iria alcançá-lo - se não ele, então outro. A força e a sanidade daquele homem, seu sentimento pelas coisas simples e diretas, esses pescadores, a pobre e velha criatura enlouquecida da cabana de Mucklebackit faziam com que ele se sentisse tão vigoroso, tão aliviado de algo que se sentiu despertado e triunfante e não conseguiu reprimir as lágrimas. Erguendo um pouco o livro para esconder o rosto, ele os deixou cair e balançou a cabeça de um lado para o outro e se esqueceu completamente (mas não uma ou duas reflexões sobre moralidade e romances franceses e romances ingleses e as mãos de Scott sendo atadas, mas sua opinião talvez sendo tão verdadeira quanto a outra visão), esqueceu completamente seus próprios aborrecimentos e fracassos no afogamento do pobre Steenie e na tristeza de Mucklebackit (essa foi a melhor forma de Scott) e o espantoso deleite e sentimento de vigor que isso lhe proporcionou.

Bem, deixe-os melhorar isso, pensou ele ao terminar o capítulo. Ele sentiu que estava discutindo com alguém e levou a melhor sobre ele. Eles não poderiam melhorar isso, não importa o que dissessem; e sua própria posição tornou-se mais segura. Os amantes eram inquietos, pensou ele, reunindo tudo novamente em sua mente. Isso é bobagem, isso é de primeira linha, pensou ele, colocando uma coisa ao lado da outra. Mas ele deve lê-lo novamente. Ele não conseguia se lembrar de todo o formato da coisa. Ele teve que manter seu julgamento em suspense. Então ele voltou ao outro pensamento: se os jovens não se importavam com isso, naturalmente também

não se importavam com ele. Não se deve reclamar, pensou o Sr. Ramsay, tentando reprimir o desejo de reclamar com a esposa que os jovens não o admiravam. Mas ele estava determinado; ele não a incomodaria novamente. Aqui ele olhou para ela lendo. Ela parecia muito tranquila, lendo. Ele gostava de pensar que todos haviam se retirado e que ele e ela estavam sozinhos. A vida inteira não consistia em ir para a cama com uma mulher, pensou ele, voltando a Scott e Balzac, ao romance inglês e ao romance francês.

A Sra. Ramsay levantou a cabeça e, como uma pessoa em sono leve, pareceu dizer que se ele quisesse que ela acordasse, ela acordaria, ela realmente acordaria, mas caso contrário, será que ela poderia continuar dormindo, só mais um pouco, só mais um pouco? Ela subia naqueles galhos, de um lado para outro, colocando as mãos em uma flor e depois em outra.

“Nem elogie o vermelhão profundo da rosa”, ela leu, e assim lendo ela estava subindo, ela sentiu, até o topo, até o cume. Quão gratificante! Quão repousante! Todas as probabilidades do dia ficaram presas a esse ímã; sua mente parecia varrida, limpa. E então lá estava ele, de repente inteiro; ela o segurou nas mãos, lindo e razoável, claro e completo, a essência sugada da vida e mantida aqui - o soneto.

Mas ela estava se tornando consciente do marido olhando para ela. Ele sorria para ela, interrogativamente, como se a estivesse ridicularizando gentilmente por estar dormindo em plena luz do dia, mas ao mesmo tempo pensava: Continue lendo. Você não parece triste agora, ele pensou. E ele se perguntou o que ela estava lendo, e exagerou sua ignorância, sua simplicidade, pois gostava de pensar que ela não era inteligente, nem um pouco instruída em livros. Ele se perguntou se ela entendia o que estava lendo. Provavelmente não, ele pensou. Ela era surpreendentemente linda. A

beleza dela parecia-lhe, se isso fosse possível, aumentar

ela terminou.

"Bem?" ela disse, repetindo o sorriso dele com ar sonhador, levantando os olhos do livro.

Tal como acontece com a sua sombra, eu brinquei com eles,

ela murmurou, colocando o livro sobre a mesa.

O que teria acontecido, ela se perguntou, enquanto começava a tricotar, já que o vira sozinha? Ela se lembrou de se vestir e de ver a lua; Andrew segura o prato muito alto durante o jantar; estar deprimido por algo que William disse; os pássaros nas árvores; o sofá no patamar; as crianças estando acordadas; Charles Tansley os acordou com seus livros caindo — ah, não, isso ela tinha inventado; e Paul com uma caixa de couro para seu relógio. Sobre o que ela deveria contar a ele?

"Eles estão noivos", disse ela, começando a tricotar, "Paul e Minta."

"Então eu adivinhei", disse ele. Não havia muito a ser dito sobre isso. Sua mente ainda subia e descia, subia e descia com a poesia; ele ainda se sentia muito vigoroso, muito franco, depois de ler sobre o funeral de Steenie. Então eles ficaram em silêncio. Então ela percebeu que queria que ele dissesse alguma coisa.

Qualquer coisa, qualquer coisa, ela pensou, continuando a tricotar. Qualquer coisa serve.

"Que bom seria casar com um homem que tem uma bolsa de couro como relógio", disse ela, pois esse era o tipo de piada que eles faziam juntos.

Ele bufou. Ele se sentia em relação a esse noivado como sempre se sentia em relação a qualquer compromisso; a garota é boa demais para aquele jovem. Lentamente lhe veio à cabeça: por que então alguém quer que as pessoas se casem? Qual era o valor, o significado das coisas? (Cada palavra que dissessem agora seria verdade.) Diga alguma coisa, pensou ela, desejando apenas ouvir a voz dele. Para a sombra, a coisa que os envolvia estava começando, ela sentiu, a se fechar novamente em torno dela. Diga qualquer coisa, ela implorou, olhando para ele, como se pedisse ajuda.

Ele ficou em silêncio, balançando a bússola da corrente do relógio para lá e para cá, e pensando nos romances de Scott e nos romances de Balzac. Mas através das paredes crepusculares da sua intimidade, pois estavam a aproximar-se, involuntariamente, aproximando-se lado a lado, bastante próximos, ela podia sentir a mente dele como uma mão erguida sombreando a sua mente; e ele estava começando, agora que os pensamentos dela tomaram um rumo que ele não gostava - em direção a esse "pessimismo", como ele chamava - a ficar inquieto, embora não dissesse nada, levando a mão à testa, torcendo uma mecha de cabelo, deixando-a cair novamente.

"Você não vai terminar essa meia esta noite", disse ele, apontando para a meia dela. Era isso que ela queria: a aspereza na voz dele reprovando-a. Se ele diz que é errado ser pessimista, provavelmente é errado, pensou ela; o casamento vai dar certo.

"Não", disse ela, achatando a meia sobre o joelho, "não vou terminar."

E então? Pois ela sentiu que ele ainda estava olhando para ela, mas que seu olhar havia mudado. Ele queria alguma coisa — queria aquilo que ela sempre achou tão difícil dar a ele; queria que ela lhe dissesse que o amava. E isso, não, ela não poderia fazer. Ele achou falar muito mais fácil do que ela. Ele

poderia dizer coisas - ela nunca poderia. Então, naturalmente, era sempre ele quem dizia as coisas, e então, por algum motivo, ele se importava com isso de repente e a censurava. Uma mulher sem coração, como ele a chamava; ela nunca disse a ele que o amava. Mas não foi assim - não foi assim. Só que ela nunca conseguia dizer o que sentia. Não havia nenhuma migalha em seu casaco? Nada que ela pudesse fazer por ele? Levantando-se, ela ficou na janela com a meia marrom-avermelhada nas mãos, em parte para se afastar dele, em parte porque se lembrava de como muitas vezes é lindo o mar à noite. Mas ela sabia que ele tinha virado a cabeça quando ela se virou; ele estava olhando para ela. Ela sabia que ele estava pensando: Você está mais linda do que nunca. E ela se sentiu muito bonita. Você não vai me dizer só uma vez que me ama? Ele estava pensando isso, pois estava acordado, por causa de Minta e seu livro, e de ser o fim do dia e de eles terem discutido sobre ir ao Farol. Mas ela não conseguiu; ela não conseguia dizer isso. Então, sabendo que ele a estava observando, em vez de dizer qualquer coisa ela se virou, segurando a meia, e olhou para ele. E ao olhar para ele, ela começou a sorrir, pois embora não tivesse dito uma palavra, ele sabia, é claro que sabia, que ela o amava. Ele não podia negar. E sorrindo ela olhou pela janela e disse (pensando consigo mesma: Nada na terra pode se igualar a esta felicidade)—

"Sim, você estava certo. Vai chover amanhã. Você não poderá ir." E ela olhou para ele sorrindo. Pois ela havia triunfado novamente. Ela não disse isso: mas ele sabia.

## 02. O Tempo Passa

Parte II da estrutura original: a casa vazia, a guerra e os anos de ausência.

### I

"Bem, devemos esperar que o futuro apareça", disse o Sr. Bankes, vindo do terraço.

"Está quase escuro demais para ver", disse Andrew, vindo da praia.

"Difícilmente se pode dizer o que é o mar e o que é a terra", disse Prue.

"Deixamos essa luz acesa?" disse Lily enquanto eles tiravam os casacos dentro de casa.

"Não", disse Prue, "não se todo mundo estiver dentro."

"Andrew", ela respondeu, "acabe de apagar a luz do corredor."

Uma por uma, as lâmpadas foram todas apagadas, exceto que o Sr. Carmichael, que gostava de ficar acordado um pouco lendo Virgílio, manteve sua vela acesa por mais tempo do que o resto.

### II

Assim, com todas as lâmpadas apagadas, a lua afundou e uma chuva fina tamborilando no telhado começou uma chuva torrencial de imensa escuridão. Nada, ao que parecia, poderia sobreviver à inundação, à profusão de escuridão que, rastejando pelos buracos das fechaduras e fendas, roubava as persianas das janelas, entrava nos quartos, engolia aqui um jarro e uma bacia, ali uma tigela de dalias vermelhas e amarelas, ali as bordas afiadas e o

volume firme de uma cômoda. Não só os móveis foram confundidos; quase não restava nada do corpo ou da mente que pudesse dizer: "Este é ele" ou "Esta é ela". Às vezes, a mão era levantada como se quisesse agarrar ou afastar alguma coisa, ou alguém gemia, ou alguém ria alto como se estivesse contando uma piada com o nada.

Nada se mexia na sala de estar, na sala de jantar ou na escada. Somente através das dobradiças enferrujadas e da madeira inchada e umedecida pelo mar, certos ares, separados do corpo do vento (afinal, a casa estava em ruínas), contornavam os cantos e se aventuravam dentro de casa. Quase poderíamos imaginá-los, ao entrarem na sala, questionando e imaginando, brincando com a aba do papel de parede pendurado, perguntando: ele ficaria pendurado por muito mais tempo, quando cairia? Depois, roçando suavemente as paredes, seguiram em frente, pensativos, como se perguntassem às rosas vermelhas e amarelas no papel de parede se iam desbotar, e questionassem (gentilmente, pois tinham tempo à disposição) as cartas rasgadas no cesto de papéis, as flores, os livros, todos agora abertos para eles, e perguntassem: Eram aliados? Eles eram inimigos? Quanto tempo eles resistiriam?

Então, alguma luz aleatória direcionando-os com seus passos pálidos sobre a escada e o tapete, de alguma estrela descoberta, ou navio errante, ou mesmo do Farol, os pequenos ares subiram a escada e contornaram as portas dos quartos. Mas aqui certamente eles devem cessar. Qualquer outra coisa que possa perecer e desaparecer, o que está aqui é constante. Aqui se poderia dizer daquelas luzes deslizantes, desses ares desajeitados que respiram e se curvam sobre a própria cama, aqui não se pode tocar nem destruir. Sobre o qual, cansados, fantasmagóricos, como se tivessem dedos leves como penas e a leve persistência das penas, eles olhavam, uma vez, para os olhos fechados

e para os dedos frouxamente entrelaçados, e dobravam as roupas com cansaço e desapareciam. E assim, farejando, esfregando, foram até a janela da escada, aos quartos dos empregados, aos camarotes do sótão; descendo, escaldei as maçãs da mesa da sala de jantar, mexi nas pétalas de rosa, experimentei o quadro no cavalete, escovei o tapete e soprei um pouco de areia no chão. Por fim, desistindo, todos cessaram juntos, reuniram-se, todos suspiraram juntos; todos juntos soltaram uma rajada de lamento sem objetivo, ao qual alguma porta da cozinha respondeu; balançou amplamente; não admitiu nada; e bateu.

[Aqui o Sr. Carmichael, que estava lendo Virgílio, apagou sua vela. Era meia-noite.]

### III

Mas o que afinal é uma noite? Um espaço curto, especialmente quando a escuridão escurece tão cedo, e tão cedo um pássaro canta, um galo canta, ou um verde fraco se acelera, como uma folha girando, na cavidade da onda. A noite, porém, sucede à noite. O inverno guarda um pacote deles e os trata igualmente, uniformemente, com dedos incansáveis. Eles alongam; eles escurecem. Alguns deles sustentam planetas claros, placas de brilho. As árvores de outono, devastadas como estão, assumem o brilho de bandeiras esfarrapadas acesas na escuridão das frias cavernas das catedrais, onde letras douradas em páginas de mármore descrevem a morte em batalha e como os ossos branqueiam e queimam ao longe, nas areias indianas. As árvores de outono brilham ao luar amarelo, à luz das luas cheias, a luz que suaviza a energia do trabalho, alisa o restolho e traz a onda azulada até a costa.

Parecia agora que, tocada pela penitência humana e por todo o seu trabalho, a bondade divina havia aberto a cortina e mostrado atrás dela, única, distinta, a lebre ereta; a onda caindo; o balanço do barco, que, se os merecêssemos, deveria ser sempre nosso. Mas, infelizmente, a bondade divina, puxando a corda, fecha a cortina; isso não lhe agrada; ele cobre seus tesouros com uma chuva de granizo e os quebra, confunde-os tanto que parece impossível que sua calma volte ou que possamos compor a partir de seus fragmentos um todo perfeito ou ler nos pedaços espalhados as palavras claras da verdade. Pois a nossa penitência merece apenas um vislumbre; nosso trabalho é apenas uma pausa.

As noites agora estão cheias de vento e destruição; as árvores mergulham e dobram e suas folhas voam desordenadamente até que o gramado fique coberto com elas e elas fiquem amontoadas em calhas e obstruam canos de chuva e espalhem caminhos úmidos. Também o mar se agita e se quebra, e se algum dorminhoco, imaginando encontrar na praia uma resposta às suas dúvidas, um participante da sua solidão, tira a roupa da cama e desce sozinho para caminhar na areia, nenhuma imagem com aparência de serviço e prontidão divina vem prontamente à mão, trazendo a noite à ordem e fazendo o mundo refletir a bússola da alma. A mão diminui em sua mão; a voz grita em seu ouvido. Quase pareceria que é inútil, em tal confusão, fazer à noite aquelas perguntas sobre o quê, e por que, e por que, que tentam o dorminhoco a sair da cama em busca de uma resposta.

[Sr. Ramsay, tropeçando em uma passagem em uma manhã escura, esticou os braços, mas a Sra. Ramsay, tendo morrido repentinamente na noite anterior, seus braços, embora esticados, permaneceram vazios.]

#### IV

Assim, com a casa vazia e as portas trancadas e os colchões enrolados, aqueles ares perdidos, guardas avançadas de grandes exércitos, entraram com violência, escovaram as tábuas nuas, mordiscaram e abanaram, não encontraram nada no quarto ou na sala de estar que lhes resistisse totalmente, mas apenas cortinas que batiam, madeira que rangia, as pernas nuas das mesas, panelas e porcelanas já enrugadas, manchadas, rachadas. O que as pessoas tinham despido e deixado - um par de sapatos, um boné de tiro, algumas saias e casacos desbotados nos guarda-roupas - só isso mantinha a forma humana e no vazio indicava como outrora estavam cheios e animados; como antigamente as mãos estavam ocupadas com ganchos e botões; como uma vez o espelho exibiu um rosto; havia mantido um mundo escavado no qual uma figura se virou, uma mão brilhou, a porta se abriu, crianças entraram correndo e caindo; e saiu novamente. Agora, dia após dia, a luz transformava-se, como uma flor reflectida na água, a sua imagem nítida na parede oposta. Apenas as sombras das árvores, florescendo ao vento, faziam reverências na parede e, por um momento, escureceram o lago onde a luz se refletia; ou pássaros, voando, faziam um ponto fraco flutuar lentamente pelo chão do quarto.

Assim reinou a beleza e a quietude, e juntas formaram a própria forma da beleza, uma forma da qual a vida se separou; solitário como um lago ao anoitecer, muito distante, visto da janela de um trem, desaparecendo tão rapidamente que o lago, pálido à noite, dificilmente é privado de sua solidão, embora uma vez visto. A beleza e a quietude deram-se as mãos no quarto, e entre os jarros amortalhados e as cadeiras forradas até mesmo o curioso vento e o nariz suave da brisa pegajosa do mar, esfregando, fungando, iterando e reiterando suas perguntas - "Você vai desaparecer? Você vai perecer?"

Parecia que nada poderia quebrar essa imagem, corromper aquela inocência ou perturbar o manto oscilante de silêncio que, semana após semana, no quarto vazio, tecia em si os gritos dos pássaros, o pio dos navios, o zumbido e zumbido dos campos, o latido de um cachorro, o grito de um homem, e os espalhava pela casa em silêncio. Certa vez, apenas uma prancha saltou no patamar; uma vez, no meio da noite, com um estrondo, com uma ruptura, como se depois de séculos de inatividade, uma rocha se desprendesse da montanha e caísse no vale, uma dobra do xale afrouxada e balançando de um lado para o outro. Então novamente a paz desceu; e a sombra vacilou; a luz inclinou-se para a sua própria imagem em adoração na parede do quarto; e a Sra. McNab, rasgando o véu do silêncio com as mãos que estavam na banheira, esfregando-a com botas que haviam esmagado as telhas, veio conforme as instruções para abrir todas as janelas e tirar o pó dos quartos.

## V

Enquanto ela cambaleava (pois ela rolava como um navio no mar) e olhava de soslaio (pois seus olhos não pousavam diretamente no nada, mas com um olhar de soslaio que depreciava o desprezo e a raiva do mundo - ela era estúpida, ela sabia disso), enquanto ela se agarrava ao corrimão e subia as escadas e rolava de sala em sala, ela cantava. Esfregando o vidro do longo espelho e olhando de soslaio para sua figura oscilante, um som saiu de seus lábios - algo que talvez tivesse sido alegre vinte anos antes no palco, que havia sido cantarolado e dançado, mas agora, vindo da mulher desdentada, de chapéu e cuidadosa, foi privado de significado, era como a voz da insensatez, do humor, da própria persistência, pisoteada, mas levantando-se novamente, de modo que, enquanto ela cambaleava, espanando, limpando, ela parecia para dizer como foi uma longa tristeza e dificuldade, como foi

levantar e ir para a cama novamente, e trazer coisas para fora e guardá-las novamente. Não era fácil nem confortável este mundo que ela conhecia há quase setenta anos. Curvada ela estava de cansaço. Quanto tempo, perguntou ela, rangendo e gemendo de joelhos debaixo da cama, tirando o pé das tábuas, quanto tempo isso vai durar? mas tornou a ficar de pé, mancando, levantou-se e, novamente, com seu olhar de soslaio que escorregava e se desviava até mesmo de seu próprio rosto e de suas próprias tristezas, ficou parada olhando boquiaberta para o vidro, sorrindo sem rumo, e recomeçou o velho andar e andar mancando, pegando esteiras, colocando porcelana no chão, olhando de soslaio para o vidro, como se, afinal de contas, ela tivesse seus consolos, como se de fato houvesse alguma esperança incorrigível entrelaçada em seu canto fúnebre. Deve ter havido visões de alegria na banheira, digamos, com os filhos (embora dois tivessem nascido desonestos e um a tivesse abandonado), na taverna, bebendo; revirando restos em suas gavetas. Deve ter havido alguma brecha na escuridão, algum canal nas profundezas da obscuridade através do qual emanava luz suficiente para distorcer seu rosto sorrindo no vidro e fazê-la, voltando-se novamente para seu trabalho, murmurar a velha canção do music hall. O místico, o visionário, caminhando pela praia numa bela noite, mexendo uma poça, olhando para uma pedra, perguntando-se "O que sou eu", "O que é isto?" de repente, uma resposta lhes foi concedida: (eles não sabiam dizer o que era) para que se aquecessem na geada e tivessem conforto no deserto. Mas a Sra. McNab continuou a beber e a fofocar como antes.

## VI

A primavera sem folha para atirar, nua e brilhante como uma virgem feroz em sua castidade, desdenhosa em sua pureza, estava espalhada nos campos

com os olhos arregalados e vigilantes e totalmente descuidada do que era feito ou pensado pelos observadores. [Prue Ramsay, apoiada no braço do pai, foi dada em casamento. O que, disseram as pessoas, poderia ter sido mais adequado? E eles acrescentaram como ela estava linda!]

À medida que o verão se aproximava, à medida que as noites se prolongavam, chegavam aos que estavam acordados e esperançosos, caminhando pela praia, agitando a piscina, imaginações do tipo mais estranho - de carne transformada em átomos que se deslocavam ao vento, de estrelas brilhando em seus corações, de penhasco, mar, nuvem e céu reunidos propositalmente para reunir externamente as partes dispersas da visão interna. Naqueles espelhos, nas mentes dos homens, naquelas poças de água inquieta, em que as nuvens giram para sempre e as sombras se formam, os sonhos persistiam, e era impossível resistir à estranha insinuação que cada gaiivota, flor, árvore, homem e mulher, e a própria terra branca pareciam declarar (mas se questionadas imediatamente, retirar-se) de que o bem triunfa, a felicidade prevalece, a ordem governa; ou resistir ao estímulo extraordinário de andar de um lado para outro em busca de algum bem absoluto, algum cristal de intensidade, distante dos prazeres conhecidos e das virtudes familiares, algo estranho aos processos da vida doméstica, único, duro, brilhante, como um diamante na areia, que tornaria o possuidor seguro. Além disso, suavizada e aquiescente, a primavera, com suas abelhas zumbindo e mosquitos dançando, envolveu-a com seu manto, cobriu-lhe os olhos, desviou a cabeça e, entre sombras passageiras e revoadas de chuva fina, parecia ter adquirido sobre ela o conhecimento das tristezas da humanidade.

[Prue Ramsay morreu naquele verão de alguma doença relacionada ao parto, o que foi de fato uma tragédia, disseram as pessoas, tudo, disseram, havia

prometido tão bem.]

E agora, no calor do verão, o vento enviou novamente seus espiões pela casa. As moscas teciam teias nos quartos ensolarados; ervas daninhas que cresceram perto do vidro durante a noite batiam metodicamente na vidraça. Quando a escuridão caiu, o golpe do Farol, que havia se colocado com tanta autoridade sobre o tapete na escuridão, traçando seu padrão, veio agora na luz mais suave da primavera misturada com o luar deslizando suavemente como se depositasse sua carícia e permanecesse firme e olhasse e voltasse amorosamente. Mas na própria calma dessa carícia amorosa, enquanto o longo golpe se apoiava na cama, a rocha se partiu em pedaços; outra dobra do xale se afrouxou; lá ele ficou pendurado e balançou. Durante as curtas noites de verão e os longos dias de verão, quando os quartos vazios pareciam murmurar com os ecos dos campos e o zumbido das moscas, a longa serpentina ondulava suavemente, balançava sem rumo; enquanto o sol listrava e barrava tanto os quartos e os enchia de névoa amarela que a Sra. McNab, quando invadia e cambaleava, tirando o pó, varrendo, parecia um peixe tropical remando em águas banhadas pelo sol.

Mas, por mais que fosse o sono e o sono, mais tarde, no verão, ouviam-se sons agourentos, como os golpes medidos de martelos cravados no feltro, que, com seus repetidos choques, afrouxavam ainda mais o xale e rachavam as xícaras de chá. De vez em quando, alguns copos tilintavam no armário, como se uma voz gigante tivesse gritado tão alto em sua agonia que os copos dentro do armário também vibrassem. Então novamente o silêncio caiu; e então, noite após noite, e às vezes em pleno meio-dia, quando as rosas brilhavam e a luz se voltava para a parede, sua forma parecia claramente cair nesse silêncio, nessa indiferença, nessa integridade, no baque de alguma coisa caindo.

[Uma granada explodiu. Vinte ou trinta jovens foram explodidos na França, entre eles Andrew Ramsay, cuja morte, felizmente, foi instantânea.]

Naquela época, aqueles que desciam para passear pela praia e perguntar ao mar e ao céu que mensagem relatavam ou que visão afirmavam tinham que considerar entre os sinais habituais da generosidade divina - o pôr do sol no mar, a palidez do amanhecer, a lua nascendo, os barcos de pesca contra a lua e as crianças fazendo tortas de lama ou atirando punhados de grama umas nas outras, algo em desarmonia com essa jocundidade e essa serenidade. Houve a aparição silenciosa de um navio cinzento, por exemplo, que veio, desapareceu; havia uma mancha arroxeadada na superfície lisa do mar, como se algo tivesse fervido e sangrado, invisivelmente, por baixo. Esta intrusão numa cena calculada para suscitar as reflexões mais sublimes e levar às conclusões mais confortáveis manteve o seu ritmo. Era difícil ignorá-los sem rodeios; abolir o seu significado na paisagem; continuar, como se caminhasse à beira-mar, a maravilhar-se como a beleza exterior espelhava a beleza interior.

A natureza complementou o que o homem avançou? Ela completou o que ele começou? Com igual complacência ela viu sua miséria, sua maldade e sua tortura. Esse sonho, de compartilhar, completar, de encontrar uma resposta na solidão da praia, era então apenas um reflexo em um espelho, e o próprio espelho era apenas a superfície vítrea que se forma na quietude quando os poderes mais nobres dormem abaixo? Impaciente, desesperada, mas relutante em ir (pois a beleza oferece suas atrações, tem seus consolos), passear pela praia era impossível; a contemplação era insuportável; o espelho estava quebrado.

[Sr. Carmichael publicou um volume de poemas naquela primavera, que teve um sucesso inesperado. A guerra, diziam as pessoas, reavivou o interesse pela poesia.]

## VII

Noite após noite, verão e inverno, o tormento das tempestades, a quietude semelhante a flechas do bom tempo, mantinham sua corte sem interferência. Ouvindo (se houvesse alguém para ouvir) dos cômodos superiores da casa vazia, apenas um caos gigantesco riscado de relâmpagos poderia ser ouvido caindo e se agitando, enquanto os ventos e as ondas se divertiam como volumes amorfos de leviatãs cujas sobranceiras não são perfuradas pela luz da razão, e montavam um em cima do outro, e se lançavam e mergulhavam na escuridão ou na luz do dia (pois noite e dia, mês e ano corriam disformemente juntos) em jogos idiotas, até parecer como se o universo estivesse lutando e desmoronando, em confusão bruta e luxúria desenfreada por si só.

Na primavera, os vasos do jardim, casualmente cheios de plantas sopradas pelo vento, estavam alegres como sempre. Vieram violetas e narcisos. Mas a quietude e o brilho do dia eram tão estranhos quanto o caos e o tumulto da noite, com as árvores ali e as flores ali, olhando para frente, olhando para cima, mas não vendo nada, sem olhos e tão terríveis.

## VIII

Não pensando em nenhum mal, pois a família não viria, nunca mais, disseram alguns, e a casa seria vendida talvez no Natal, a Sra. McNab curvou-se e pegou um ramo de flores para levar para casa. Ela os colocou sobre a mesa

enquanto tirava o pó. Ela gostava de flores. Foi uma pena deixá-los desperdiçar. Suponhamos que a casa fosse vendida (ela ficou com os braços cruzados diante do espelho), ela iria querer ver isso — ela iria. Ali estivera, durante todos esses anos, sem ninguém. Os livros e as coisas estavam mofados, pois, com a guerra e a dificuldade de conseguir ajuda, a casa não estava limpa como ela gostaria. Estava além da força de uma pessoa acertar agora. Ela era muito velha. Suas pernas doíam. Todos aqueles livros precisavam ser colocados na grama, ao sol; havia gesso caído no corredor; o cano de chuva havia bloqueado a janela do escritório e deixado a água entrar; o tapete estava bastante arruinado. Mas as próprias pessoas deveriam vir; eles deveriam ter enviado alguém para ver. Pois havia roupas nos armários; eles haviam deixado roupas em todos os quartos. O que ela deveria fazer com eles? Eles tinham a mariposa dentro deles - a Sra. As coisas de Ramsay. Pobre senhora! Ela nunca os desejaria novamente. Ela estava morta, disseram; anos atrás, em Londres. Lá estava a velha capa cinza que ela usava para fazer jardinagem (a Sra. McNab tocou-a). Ela podia vê-la, enquanto subia o caminho com a roupa lavada, curvada sobre suas flores (o jardim era uma visão lamentável agora, todos em tumulto, e coelhos correndo em sua direção para fora dos canteiros) - ela podia vê-la com uma das crianças ao lado dela, naquela capa cinza. Havia botas e sapatos; e uma escova e um pente deixados na penteadeira, como se ela esperasse voltar amanhã. (Ela morreu repentinamente no final, disseram eles.) E uma vez que eles estavam vindo, mas adiaram a vinda, por causa da guerra e das viagens sendo tão difíceis nos dias de hoje; eles nunca vieram todos esses anos; acabei de enviar dinheiro para ela; mas nunca escreveu, nunca veio, e esperava encontrar as coisas como as haviam deixado, ah, querido! Por que as gavetas da penteadeira estavam cheias de coisas (ela as abriu), lenços,

pedaços de fita. Sim, ela podia ver a Sra. Ramsay enquanto subia o caminho com a roupa lavada.

"Boa noite, Sra. McNab", ela dizia. Ela tinha um jeito agradável com ela. Todas as meninas gostavam dela. Mas, querido, muita coisa mudou desde então (fechou a gaveta); muitas famílias perderam seus entes queridos. Então ela estava morta; e o Sr. Andrew morto; e Miss Prue também morta, disseram, com seu primeiro filho; mas todos perderam alguém nestes anos. Os preços subiram vergonhosamente e também não voltaram a cair. Ela poderia muito bem se lembrar dela em sua capa cinza.

"Boa noite, Sra. McNab", disse ela, e disse à cozinheira para guardar um prato de sopa de leite para ela - pensei que ela queria, carregando aquela cesta pesada desde a cidade. Ela podia vê-la agora, debruçada sobre as flores; e tênue e tremeluzente, como um raio amarelo ou o círculo na extremidade de um telescópio, uma senhora com uma capa cinzenta, curvada sobre as flores, perambulava pela parede do quarto, subia pela penteadeira, atravessava o lavatório, enquanto a Sra. E o nome do cozinheiro agora? Mildred? Marian?... algum nome assim. Ah, ela tinha esquecido — ela esquecia as coisas. Ardente, como todas as mulheres ruivas. Muitas risadas eles deram. Ela sempre era bem-vinda na cozinha. Ela os fez rir, ela fez. As coisas eram melhores naquela época do que agora.

Ela suspirou; havia muito trabalho para uma mulher. Ela balançou a cabeça para um lado e para outro. Este era o berçário. Ora, estava tudo úmido aqui; o gesso estava caindo. O que eles queriam para pendurar o crânio de uma fera lá? ficou mofado também. E ratos em todos os sótãos. A chuva chegou. Mas eles nunca enviaram; nunca veio. Algumas das fechaduras haviam desaparecido, então as portas bateram. Ela também não gostava de estar

aqui sozinha ao anoitecer. Era demais para uma mulher, demais, demais. Ela rangeu, ela gemeu. Ela bateu a porta. Ela girou a chave na fechadura e saiu de casa sozinha, calada, trancada.

## IX

A casa foi abandonada; a casa estava deserta. Foi deixado como uma concha num monte de areia para ser preenchido com grãos secos de sal, agora que a vida o deixou. A longa noite parecia ter começado; os ares insignificantes, mordiscadores, as respirações pegajosas, atrapalhadas, pareciam ter triunfado. A panela estava enferrujada e o tapete deteriorado. Sapos haviam entrado com o nariz. Preguiçosamente, sem rumo, o xale balançava de um lado para outro. Um cardo se enfiou entre os ladrilhos da despensa. As andorinhas faziam ninhos na sala; o chão estava coberto de palha; o gesso caiu em pás; as vigas foram expostas; ratos levavam isto e aquilo para roer atrás dos lambris. Borboletas de tartaruga irrompiam da crisálida e tamborilavam suas vidas na vidraça. As papoulas semearam entre as dalias; o gramado ondulava com grama alta; alcachofras gigantes elevavam-se entre rosas; um cravo franjado florescia entre as couves; enquanto o suave bater de uma erva daninha na janela se transformava, nas noites de inverno, num tamborilar de árvores robustas e arbustos espinhosos que deixavam todo o quarto verde no verão.

Que poder poderia agora impedir a fertilidade, a insensibilidade da natureza? O sonho da Sra. McNab de uma senhora, de uma criança, de um prato de sopa de leite? Ele oscilou nas paredes como um ponto de luz solar e desapareceu. Ela havia trancado a porta; ela tinha ido embora. Estava além da força de uma mulher, disse ela. Eles nunca enviaram. Eles nunca escreveram. Havia coisas ali apodrecendo nas gavetas — era uma pena

deixá-las assim, disse ela. O lugar estava em ruínas. Apenas o facho do Farol entrou por um momento no quarto, lançou seu olhar repentino sobre a cama e a parede na escuridão do inverno, olhou com equanimidade para o cardo e a andorinha, o rato e a palha. Nada agora os resistia; nada disse não para eles. Deixe o vento soprar; deixe a própria semente de papoula e o cravo acasalarem com o repolho. Deixe a andorinha construir-se na sala, e o cardo afastar os azulejos, e a borboleta tomar sol nas chitas desbotadas das poltronas. Deixe o vidro quebrado e a porcelana espalhados no gramado e emaranhados com grama e frutas silvestres.

Pois agora chegara aquele momento, aquela hesitação quando o amanhecer treme e a noite pára, quando se uma pena pousar na balança será pesada. Uma pena, e a casa, afundando, caindo, teria virado e caído nas profundezas da escuridão. Na sala em ruínas, os participantes do piquenique teriam acendido suas chaleiras; os amantes procuravam abrigo ali, deitados nas tábuas nuas; e o pastor guardava o jantar sobre os tijolos, e o vagabundo dormia com o casaco enrolado para se proteger do frio. Então o telhado teria caído; sarças e cicutas teriam bloqueado o caminho, o degrau e a janela; teria crescido, de forma desigual, mas vigorosa, sobre o monte, até que algum invasor, perdendo-se, pudesse dizer apenas por um atiçador em brasa entre as urtigas, ou um pedaço de porcelana na cicuta, que aqui uma vez alguém viveu; havia uma casa.

Se a pena tivesse caído, se tivesse inclinado a balança para baixo, toda a casa teria mergulhado nas profundezas para repousar nas areias do esquecimento. Mas havia uma força trabalhando; algo não altamente consciente; algo que olhou maliciosamente, algo que cambaleou; algo não inspirado para realizar seu trabalho com rituais dignos ou cantos solenes. A Sra. McNab gemeu; A Sra. Bast rangeu. Eles eram velhos; eles estavam

rígidos; suas pernas doíam. Finalmente chegaram com suas vassouras e baldes; eles começaram a trabalhar. De repente, se a Sra. McNab providenciasse que a casa estivesse pronta, escreveu uma das jovens: ela conseguiria fazer isso; ela conseguiria fazer isso; tudo com pressa. Eles podem vir passar o verão; tinha deixado tudo para o fim; esperavam encontrar as coisas como as haviam deixado. Lenta e dolorosamente, com vassoura e balde, esfregando, esfregando, a Sra. McNab, a Sra. Bast, deteve a corrupção e a podridão; resgatados da piscina do Tempo que se fechava rapidamente sobre eles ora uma bacia, ora um armário; certa manhã, peguei do esquecimento todos os romances de Waverley e um jogo de chá; à tarde restaurou ao sol e ao ar um pára-choque de latão e um conjunto de ferros de fogo de aço. George, filho da Sra. Bast, pegou os ratos e cortou a grama. Eles tinham os construtores. Acompanhado pelo ranger das dobradiças e pelo ranger dos ferrolhos, pelo bater e bater das madeiras inchadas e úmidas, algum parto enferrujado e laborioso parecia estar ocorrendo, enquanto as mulheres, curvando-se, levantando-se, gemendo, cantando, batiam e batiam, ora no andar de cima, ora no porão. Oh, eles disseram, o trabalho!

Às vezes tomavam chá no quarto ou no escritório; interrompendo o trabalho ao meio-dia com manchas no rosto e as mãos velhas apertadas e apertadas com os cabos da vassoura. Largados em cadeiras, contemplavam agora a magnífica conquista das torneiras e do banho; agora o triunfo mais árduo e mais parcial sobre longas fileiras de livros, outrora negros como corvos, ora manchados de branco, produzindo cogumelos pálidos e secretando aranhas furtivas. Mais uma vez, ao sentir o chá quente dentro dela, o telescópio encaixou-se nos olhos da Sra. McNab, e num anel de luz ela viu o velho cavalheiro, magro como um ancinho, balançando a cabeça, enquanto ela trazia a roupa lavada, conversando sozinho, ela supôs, no gramado. Ele

nunca a notou. Alguns disseram que ele estava morto; alguns disseram que ela estava morta. Qual foi? A Sra. Bast também não tinha certeza. O jovem cavalheiro estava morto. Que ela tinha certeza. Ela havia lido o nome dele nos jornais.

Agora havia a cozinheira, Mildred, Marian, algum nome como esse — uma mulher ruiva, temperamental como todas as da sua espécie, mas gentil também, se você soubesse lidar com ela. Muitas risadas eles deram juntos. Ela guardou um prato de sopa para Maggie; um pedaço de presunto, às vezes; o que quer que tenha acabado. Eles viviam bem naquela época. Eles tinham tudo o que queriam (com desenvoltura, jovialidade, com o chá quente dentro, ela desenrolou a bola de lembranças, sentada na poltrona de vime ao lado do guarda-roupa do quarto). Sempre havia muita coisa para fazer, gente na casa, vinte ficando às vezes, e lavando a louça até bem depois da meia-noite.

A Sra. Bast (ela nunca os conheceu; morava em Glasgow naquela época) se perguntou, largando a xícara, por que eles penduraram o crânio daquela fera ali? Filmado em terras estrangeiras, sem dúvida.

Pode muito bem ser, disse a Sra. McNab, brincando com suas lembranças; eles tinham amigos nos países orientais; cavalheiros ali hospedados, damas em trajes de gala; ela os vira uma vez através da porta da sala de jantar, todos sentados jantando. Ela ousou dizer vinte, todas com joias, e pediu para ficar para ajudar a se lavar, talvez até depois da meia-noite.

Ah, disse a Sra. Bast, eles descobririam que tudo mudou. Ela se inclinou para fora da janela. Ela observou seu filho George ceifando a grama. Eles poderiam muito bem perguntar: o que foi feito com isso? vendo quantos anos Kennedy deveria ser o responsável por isso, e então sua perna ficou tão ruim

depois que ele caiu da carroça; e talvez então ninguém durante um ano, ou a maior parte de um; e depois Davie Macdonald, e as sementes poderiam ser enviadas, mas quem poderia dizer se alguma vez foram plantadas? Eles descobririam que tudo mudou.

Ela observou seu filho ceifando. Ele era ótimo para trabalhar – um daqueles quietos. Bem, eles devem estar se dando bem com os armários, ela supôs. Eles se ergueram.

Finalmente, depois de dias de trabalho lá dentro, cortando e cavando lá fora, espanadores foram arrancados das janelas, as janelas foram fechadas, chaves foram viradas por toda a casa; a porta da frente foi batida; estava terminado.

E agora, como se a limpeza, a esfrega, a foice e o corte a tivessem afogado, surgiu aquela melodia meio ouvida, aquela música intermitente que o ouvido parcialmente capta, mas deixa cair; um latido, um balido; irregular, intermitente, mas de alguma forma relacionado; o zumbido de um inseto, o tremor da grama cortada, despedaçada, mas de alguma forma pertencente; o barulho de um dorbeso, o guincho de uma roda, alto, baixo, mas misteriosamente relacionado; que o ouvido se esforça para reunir e está sempre prestes a harmonizar, mas nunca são totalmente ouvidos, nunca totalmente harmonizados, e finalmente, à noite, um após o outro, os sons morrem, e a harmonia vacila, e o silêncio cai. Com o pôr do sol, a nitidez se perdeu e, como a névoa subindo, o silêncio subiu, o silêncio se espalhou, o vento se acalmou; vagamente o mundo caiu no sono, escuro aqui sem luz, exceto o que veio verde impregnado nas folhas, ou pálido nas flores brancas no canteiro perto da janela.

(Lily Briscoe levou sua bolsa para casa tarde da noite em setembro.)

## X

Então, de fato, a paz chegou. Mensagens de paz sopradas do mar até a costa. Para nunca mais interromper o seu sono, para acalmá-lo mais profundamente para descansar, e tudo o que os sonhadores sonharam santamente, sonharam sabiamente, para confirmar - o que mais estava murmurando - enquanto Lily Briscoe deitava a cabeça no travesseiro na sala limpa e silenciosa e ouvia o mar. Pela janela aberta, a voz da beleza do mundo veio murmurando, baixinho demais para ouvir exatamente o que dizia — mas o que importava se o significado fosse claro? suplicando aos que dormiam (a casa estava novamente cheia; a Sra. Beckwith estava hospedada lá, e também o Sr. Carmichael), se eles não descessem até a própria praia, pelo menos para levantar a persiana e olhar para fora. Eles veriam então a noite caindo em púrpura; sua cabeça coroada; seu cetro adornado com joias; e como uma criança poderia parecer aos seus olhos. E se ainda vacilassem (Lily estava cansada de viajar e dormia quase imediatamente; mas o Sr. Carmichael lia um livro à luz de velas), se ainda assim dissessem que não, que era vapor, esse esplendor dele, e que o orvalho tinha mais poder do que ele, e preferiam dormir; gentilmente, então, sem reclamação ou discussão, a voz cantava sua canção. Gentilmente as ondas quebravam (Lily as ouvia enquanto dormia); com ternura a luz caiu (parecia passar pelas pálpebras). E tudo parecia, pensou o Sr. Carmichael, fechando o livro e adormecendo, como costumava parecer.

Na verdade, a voz poderia recomeçar, à medida que as cortinas escuras se enrolassem sobre a casa, sobre a Sra. Beckwith, o Sr. Carmichael e Lily Briscoe. O suspiro de todos os mares quebrando-se em torno das ilhas acalmou-os; a noite os envolveu; nada interrompeu seu sono, até que, os pássaros começando e o amanhecer tecendo suas vozes finas em sua

brancura, uma carroça rangendo, um cachorro latindo em algum lugar, o sol levantou as cortinas, quebrou o véu sobre seus olhos, e Lily Briscoe se mexeu em seu sono. Ela se agarrou aos cobertores como um caçador se agarra à grama à beira de um penhasco. Seus olhos se arregalaram. Aqui estava ela de novo, pensou ela, sentada na cama. Acordado.

## 03. O Farol

Parte III da estrutura original: a travessia, Lily Briscoe e a visão concluída.

### I

O que isso significa então, o que tudo isso pode significar? Lily Briscoe perguntou a si mesma, perguntando-se se, já que foi deixada sozinha, deveria ir à cozinha buscar outra xícara de café ou esperar aqui. O que isso significa? — uma frase feita, apanhada de algum livro, ajustando-se vagamente ao seu pensamento, pois ela não conseguia, naquela primeira manhã com os Ramsay, contrair os seus sentimentos, só conseguia fazer ressoar uma frase para cobrir o vazio da sua mente até que esses vapores se dissipassem. Na verdade, o que ela sentiu ao voltar depois de todos esses anos e com a morte da Sra. Ramsay? Nada, nada - nada que ela pudesse expressar.

Ela havia chegado tarde na noite passada, quando tudo estava misterioso e escuro. Agora ela estava acordada, em seu antigo lugar à mesa do café da manhã, mas sozinha. Também era muito cedo, ainda não eram oito horas. Houve uma expedição - eles estavam indo para o Farol, o Sr. Ramsay, Cam e James. Eles já deveriam ter ido - tinham que pegar a maré ou algo assim. E Cam não estava pronto e James não estava pronto e Nancy tinha esquecido de pedir os sanduíches e o Sr. Ramsay havia perdido a paciência e saiu correndo da sala.

“Qual é a utilidade de ir agora?” ele havia atacado. Nancy havia desaparecido. Lá estava ele, marchando furioso para cima e para baixo no terraço. Parecia ouvir portas batendo e vozes chamando por toda a casa. Agora Nancy irrompeu e perguntou, olhando ao redor da sala, de uma forma estranha, meio atordoada, meio desesperada: “O que alguém envia para o

Farol?" como se ela estivesse se forçando a fazer o que ela não esperava poder fazer.

O que se envia para o Farol, de fato! Em qualquer outro momento, Lily poderia ter sugerido razoavelmente chá, tabaco, jornais. Mas esta manhã tudo parecia tão extraordinariamente estranho que uma pergunta como a de Nancy - O que se envia para o Farol? O que alguém faz? Afinal, por que alguém está sentado aqui?

Sentada sozinha (pois Nancy saiu de novo) entre as xícaras limpas da longa mesa, ela se sentia isolada das outras pessoas e só conseguia continuar observando, perguntando, imaginando. A casa, o lugar, a manhã, tudo lhe parecia estranho. Ela não tinha nenhum apego aqui, ela sentia, nenhuma relação com isso, qualquer coisa poderia acontecer, e o que quer que acontecesse, um passo para fora, uma voz chamando ("Não está no armário; está no patamar", gritou alguém), era uma pergunta, como se o elo que normalmente unia as coisas tivesse sido cortado, e elas flutuassem aqui em cima, ali embaixo, fora, de qualquer maneira. Como era sem rumo, como era caótico, como era irreal, pensou ela, olhando para a xícara de café vazia. Sra. Ramsay morta; André morto; Prue também morreu — por mais que repetisse, isso não despertou nenhum sentimento nela. E todos nos reunimos numa casa como esta, numa manhã como esta, disse ela, olhando pela janela. Estava um lindo dia calmo.

De repente, o Sr. Ramsay levantou a cabeça ao passar e olhou diretamente para ela, com seu olhar perturbado e selvagem, mas tão penetrante, como se ele visse você, por um segundo, pela primeira vez, para sempre; e ela fingiu beber de sua xícara de café vazia para escapar dele — para escapar de sua exigência, para deixar de lado por mais um momento aquela necessidade

imperiosa. E ele balançou a cabeça para ela e seguiu em frente ("Sozinho", ela o ouviu dizer, "Pereceu", ela o ouviu dizer) e, como tudo mais naquela manhã estranha, as palavras se tornaram símbolos, escreveram-se por todas as paredes verde-acinzentadas. Se ao menos pudesse juntá-los, ela sentia, escrevê-los em alguma frase, então teria chegado à verdade das coisas. O velho Sr. Carmichael entrou suavemente, pegou seu café, pegou sua xícara e foi sentar-se ao sol. A extraordinária irrealidade era assustadora; mas também foi emocionante. Indo para o Farol. Mas o que se envia para o Farol? Pereceu. Sozinho. A luz verde-acinzentada na parede oposta. Os lugares vazios. Essas eram algumas das partes, mas como juntá-las? ela perguntou. Como se qualquer interrupção pudesse quebrar a forma frágil que ela estava construindo sobre a mesa, ela virou as costas para a janela, para que o Sr. Ramsay não a visse. Ela deve escapar para algum lugar, ficar sozinha em algum lugar. De repente ela se lembrou. Quando ela se sentou ali, dez anos atrás, havia um pequeno desenho de raminho ou folha na toalha de mesa, que ela olhou num momento de revelação. Houve um problema com o primeiro plano de uma imagem. Mova a árvore para o meio, ela dissera. Ela nunca havia terminado aquele quadro. Ela pintaria esse quadro agora. Isso estava martelando em sua mente todos esses anos. Onde estavam suas tintas, ela se perguntou? Suas tintas, sim. Ela os havia deixado no corredor na noite passada. Ela começaria imediatamente. Ela se levantou rapidamente, antes que o Sr. Ramsay se virasse.

Ela pegou uma cadeira. Ela lançou o cavalete com seus movimentos precisos de solteirona na beira do gramado, não muito perto do Sr. Carmichael, mas perto o suficiente para sua proteção. Sim, deve ter sido precisamente aqui que ela esteve há dez anos. Ali estava o muro; a cerca viva; a árvore. A questão era de alguma relação entre essas massas. Ela manteve isso em

mente todos esses anos. Parecia que a solução havia chegado até ela: agora ela sabia o que queria fazer.

Mas com o Sr. Ramsay se aproximando dela, ela não podia fazer nada. Cada vez que ele se aproximava - ele andava para cima e para baixo no terraço - a ruína se aproximava, o caos se aproximava. Ela não sabia pintar. Ela se abaixou, ela se virou; ela pegou este trapo; ela apertou aquele tubo. Mas tudo o que ela fez foi afastá-lo por um momento. Ele tornou impossível para ela fazer qualquer coisa. Pois se ela lhe desse a menor chance, se ele a visse descomprometida por um momento, olhando em sua direção por um momento, ele estaria em cima dela, dizendo, como havia dito na noite anterior: "Você nos acha muito mudados." Ontem à noite ele se levantou e parou diante dela e disse isso. Embora todos estivessem sentados, mudos e arregalados, os seis filhos que costumavam chamar pelos nomes dos reis e rainhas da Inglaterra — o Vermelho, o Belo, o Malvado, o Implacável —, ela sentiu como eles se enfureceram sob isso. A gentil e velha Sra. Beckwith disse algo sensato. Mas era uma casa cheia de paixões não relacionadas - ela sentiu isso durante toda a noite. E no topo desse caos o Sr. Ramsay levantou-se, apertou a mão dela e disse: "Você nos verá muito mudados" e nenhum deles se moveu ou falou; mas ficaram ali sentados como se fossem forçados a deixá-lo dizer isso. Apenas James (certamente o taciturno) fez uma careta para a lâmpada; e Cam enrolou o lenço no dedo. Depois lembrou-lhes que amanhã iriam ao Farol. Eles devem estar prontos, no corredor, às sete e meia. Depois, com a mão na porta, parou; ele se voltou contra eles. Eles não queriam ir? ele exigiu. Se eles tivessem ousado dizer Não (ele tinha alguma razão para querer isso), ele teria se jogado tragicamente para trás, nas águas amargas do desespero. Ele tinha um grande dom para gestos. Ele parecia um rei no exílio. Obstinadamente, James disse que sim. Cam tropeçou ainda mais

miseravelmente. Sim, ah, sim, ambos estariam prontos, disseram. E ela se deu conta de que aquilo era uma tragédia — não a mortalha, a poeira e a mortalha; mas as crianças foram coagidas e seus espíritos subjugados. James tinha dezesseis anos, Cam, dezessete, talvez. Ela procurou por alguém que não estava lá, provavelmente pela Sra. Ramsay. Mas só havia a gentil Sra. Beckwith revirando seus esboços sob a lâmpada. Então, cansada, a mente ainda subindo e descendo com o mar, o sabor e o cheiro que os lugares têm depois de uma longa ausência a possuindo, as velas oscilando em seus olhos, ela se perdeu e afundou. Foi uma noite maravilhosa, estrelada; as ondas soavam enquanto subiam as escadas; a lua os surpreendeu, enorme, pálida, ao passarem pela janela da escada. Ela dormiu imediatamente.

Ela colocou a tela limpa firmemente sobre o cavalete, como uma barreira, frágil, mas esperava que fosse suficientemente substancial para afastar o Sr. Ramsay e sua exatidão. Ela fez o possível para olhar, quando ele estava de costas, para seu quadro; aquela linha ali, aquela massa ali. Mas isso estava fora de questão. Deixe ele estar a quinze metros de distância, deixe ele nem falar com você, deixe ele nem te ver, ele permeou, ele prevaleceu, ele se impôs. Ele mudou tudo. Ela não conseguia ver a cor; ela não conseguia ver as linhas; mesmo com ele de costas para ela, ela só conseguia pensar: Mas ele vai me atacar em um momento, exigindo algo que ela sentia que não poderia dar a ele. Ela rejeitou uma escova; ela escolheu outro. Quando essas crianças viriam? Quando todos eles estariam desligados? ela se mexeu. Aquele homem, pensou ela, com a raiva crescendo dentro dela, nunca cedeu; aquele homem pegou. Ela, por outro lado, seria forçada a dar. A Sra. Ramsay havia dado. Dando, dando, dando, ela morreu - e deixou tudo isso. Na verdade, ela estava zangada com a Sra. Ramsay. Com o pincel ligeiramente trêmulo nos dedos, ela olhou para a cerca viva, para o degrau, para a parede. Foi tudo

culpa da Sra. Ramsay. Ela estava morta. Ali estava Lily, aos quarenta e quatro anos, perdendo tempo, incapaz de fazer nada, parada ali, brincando de pintar, brincando com a única coisa que não se brinca, e tudo por culpa da Sra. Ramsay. Ela estava morta. O degrau onde ela costumava sentar estava vazio. Ela estava morta.

Mas por que repetir isso indefinidamente? Por que estar sempre tentando trazer à tona algum sentimento que ela não tinha? Havia uma espécie de blasfêmia nisso. Estava tudo seco: tudo murcho: tudo gasto. Eles não deveriam ter perguntado a ela; ela não deveria ter vindo. Não se pode perder tempo aos quarenta e quatro anos, pensou ela. Ela odiava brincar de pintura. Um pincel, a única coisa confiável em um mundo de conflito, ruína, caos — com o qual não se deveria brincar, mesmo conscientemente: ela o detestava. Mas ele a fez. Você não tocará na sua tela, ele parecia dizer, se aproximando dela, até que você me dê o que eu quero de você. Aqui estava ele, perto dela novamente, ganancioso, perturbado. Bem, pensou Lily desesperada, deixando a mão direita cair ao lado do corpo, seria mais simples então acabar com isso. Certamente, ela poderia imitar de lembrança o brilho, a rapsódia, a auto-entrega, que ela tinha visto nos rostos de tantas mulheres (no rosto da Sra. Ramsay, por exemplo) quando em alguma ocasião como essa elas brilhavam - ela conseguia se lembrar da expressão no rosto da Sra. felicidade de que a natureza humana era capaz. Aqui estava ele, parado ao lado dela. Ela daria a ele o que pudesse.

## II

Ela parecia ter enrugado um pouco, ele pensou. Ela parecia um pouco acanhada e magra; mas não pouco atraente. Ele gostava dela. Houve rumores de que ela se casaria com William Bankes uma vez, mas nada

aconteceu. Sua esposa gostava dela. Ele também estava um pouco irritado no café da manhã. E então, e então - este foi um daqueles momentos em que uma enorme necessidade o impelia, sem ter consciência do que era, a aproximar-se de qualquer mulher, a forçá-la, não importava como, a sua necessidade era tão grande, a dar-lhe o que ele queria: simpatia.

Alguém estava cuidando dela? ele disse. Ela tinha tudo o que queria?

"Oh, obrigada, tudo", disse Lily Briscoe nervosamente. Não; ela não poderia fazer isso. Ela deveria ter flutuado instantaneamente em alguma onda de expansão solidária: a pressão sobre ela era tremenda. Mas ela permaneceu presa. Houve uma pausa terrível. Ambos olharam para o mar. Por que, pensou o Sr. Ramsay, ela deveria olhar para o mar quando estou aqui? Ela esperava que fosse calmo o suficiente para eles pousarem no Farol, disse ela. O Farol! O Farol! O que isso tem a ver com isso? ele pensou impacientemente. Instantaneamente, com a força de uma rajada primitiva (pois na verdade ele não conseguia mais se conter), saiu dele um gemido tão grande que qualquer outra mulher no mundo inteiro teria feito alguma coisa, dito alguma coisa - todas menos eu, pensou Lily, cingindo-se amargamente, que não sou uma mulher, mas uma solteirona rabugenta, mal-humorada e ressequida, presumivelmente.

O Sr. Ramsay suspirou profundamente. Ele esperou. Ela não ia dizer nada? Ela não viu o que ele queria dela? Depois disse que tinha um motivo especial para querer ir ao Farol. A esposa dele costumava mandar coisas para os homens. Havia um menino pobre com tuberculose no quadril, filho do faroleiro. Ele suspirou profundamente. Ele suspirou significativamente. Tudo o que Lily desejava era que esse enorme fluxo de dor, essa fome insaciável de simpatia, essa exigência de que ela se entregasse inteiramente a ele, e

mesmo assim ele tivesse tristezas suficientes para mantê-la suprida para sempre, a deixasse, fosse desviada (ela continuou olhando para a casa, esperando uma interrupção) antes que isso a arrastasse para baixo em seu fluxo.

"Essas expedições", disse o Sr. Ramsay, raspando o chão com o dedo do pé, "são muito dolorosas." Ainda assim, Lily não disse nada. (Ela é um tronco, ela é uma pedra, disse ele para si mesmo.) "Eles são muito cansativos", disse ele, olhando, com um olhar doentio que a enjoava (ele estava agindo, ela sentia, aquele grande homem estava se dramatizando), para suas lindas mãos. Foi horrível, foi indecente. Será que eles nunca viriam, ela perguntou, pois ela não conseguia sustentar esse enorme peso de tristeza, suportar essas pesadas cortinas de dor (ele havia assumido uma postura de extrema decrepitude; ele até cambaleou um pouco enquanto estava ali) por mais um momento.

Mesmo assim ela não conseguiu dizer nada; todo o horizonte parecia desprovido de objetos para falar; Lily só conseguia sentir, espantada, enquanto o Sr. Ramsay estava ali, como seu olhar parecia cair tristemente sobre a grama ensolarada e descolori-la, e lançar sobre a figura rubicunda, sonolenta e inteiramente satisfeita do Sr. Carmichael. Olhe para ele, parecia dizer, olhe para mim; e, de fato, durante todo o tempo ele sentiu: Pense em mim, pense em mim. Ah, será que aquele volume poderia ser levado ao lado deles, desejou Lily; se ela tivesse colocado o cavalete um ou dois metros mais perto dele; um homem, qualquer homem, estancaria esta efusão, pararia estas lamentações. Uma mulher, ela provocou esse horror; uma mulher, ela deveria saber como lidar com isso. Foi imensamente desabonador para ela, como mulher, ficar ali muda. Alguém disse... o que alguém disse?... Oh, Sr. Ramsay! Prezado Sr. Ramsay! Isso foi o que aquela gentil senhora que

desenhou, a Sra. Beckwith, teria dito instantaneamente e com razão. Mas não. Eles ficaram ali, isolados do resto do mundo. Sua imensa autopiedade, sua exigência de simpatia derramaram-se e espalharam-se em poças aos pés dela, e tudo o que ela fez, miserável pecadora que era, foi puxar as saias um pouco mais perto dos tornozelos, para não se molhar. Em completo silêncio ela ficou ali, segurando seu pincel.

O céu nunca poderia ser suficientemente elogiado! Ela ouviu sons na casa. James e Cam devem estar vindo. Mas o Sr. Ramsay, como se soubesse que seu tempo se esgotava, exerceu sobre a figura solitária dela a imensa pressão de sua angústia concentrada; sua idade; sua fragilidade; sua desolação; quando de repente, balançando a cabeça com impaciência, em seu aborrecimento - afinal, que mulher poderia resistir a ele? - percebeu que os cadarços de suas botas estavam desamarrados. Botas notáveis também eram, pensou Lily, olhando para elas: esculpidas; colossal; como tudo o que o Sr. Ramsay usava, desde a gravata puída até o colete meio abotoado, indiscutivelmente seu. Ela podia vê-los caminhando para o quarto dele por conta própria, expressivos em sua ausência de emoção, mau humor, mau humor, charme.

"Que botas lindas!" ela exclamou. Ela estava com vergonha de si mesma. Para elogiar suas vaias quando ele pediu que ela consolasse sua alma; quando ele lhe mostrou suas mãos ensangüentadas, seu coração dilacerado, e pediu-lhe que tivesse pena deles, e depois dissesse, alegremente: "Ah, mas que botas lindas você usa!" merecia, ela sabia, e ergueu os olhos esperando recebê-lo, em um de seus súbitos rugidos de mau humor, de completa aniquilação.

Em vez disso, o Sr. Ramsay sorriu. Sua mortalha, suas cortinas, suas enfermidades caíram dele. Ah, sim, disse ele, erguendo o pé para que ela olhasse, eram botas de primeira linha. Só havia um homem na Inglaterra que conseguia fazer botas assim. As botas estão entre as principais maldições da humanidade, disse ele. “Os fabricantes de botas fazem questão”, exclamou ele, “de aleijar e torturar o pé humano”. Eles também são os mais obstinados e perversos da humanidade. Ele levou a maior parte de sua juventude para fazer as botas como deveriam ser. Ele queria que ela observasse (levantou o pé direito e depois o esquerdo) que ela nunca tinha visto botas com esse formato antes. Eles também eram feitos do melhor couro do mundo. A maior parte do couro era apenas papel pardo e papelão. Ele olhou complacentemente para o pé, ainda no ar. Eles haviam chegado, ela sentia, a uma ilha ensolarada onde a paz habitava, a sanidade reinava e o sol brilhava para sempre, a ilha abençoada das boas botas. Seu coração se aqueceu com ele. “Agora deixe-me ver se você consegue dar um nó”, disse ele. Ele zombou de seu sistema fraco. Ele mostrou a ela sua própria invenção. Depois de amarrá-lo, ele nunca mais se desfez. Três vezes ele deu nós no sapato dela; três vezes ele desatou o nó.

Por que, naquele momento completamente inoportuno, quando ele estava debruçado sobre o sapato dela, ela deveria estar tão atormentada pela simpatia por ele que, ao se abaixar também, o sangue correu para seu rosto e, pensando em sua insensibilidade (ela o havia chamado de ator), ela sentiu os olhos incharem e formigarem com lágrimas? Assim ocupado, ele lhe parecia uma figura de infinito pathos. Ele deu nós. Ele comprou botas. Não havia como ajudar o Sr. Ramsay na jornada que estava fazendo. Mas agora, assim como ela queria dizer algo, poderia ter dito algo, talvez, aqui estavam eles - Cam e James. Eles apareceram no terraço. Chegaram, atrasados, lado a

lado, um casal sério e melancólico.

Mas por que foi assim que eles vieram? Ela não pôde deixar de se sentir irritada com eles; eles poderiam ter vindo com mais alegria; eles poderiam ter dado a ele o que, agora que estavam de folga, ela não teria a chance de dar a ele. Pois ela sentiu um vazio repentino; uma frustração. Seu sentimento chegou tarde demais; aí estava pronto; mas ele não precisava mais disso. Ele havia se tornado um homem idoso e muito distinto, que não precisava dela de forma alguma. Ela se sentiu desprezada. Ele pendurou uma mochila nos ombros. Ele distribuiu os embrulhos — havia vários deles, mal amarrados em papel pardo. Ele mandou Cam buscar uma capa. Ele tinha toda a aparência de um líder se preparando para uma expedição. Então, girando, ele seguiu na frente com seu passo firme de militar, com aquelas botas maravilhosas, carregando embrulhos de papel pardo, descendo o caminho, com seus filhos o seguindo. Eles pareciam, ela pensou, como se o destino os tivesse dedicado a algum empreendimento difícil, e eles foram para lá, ainda jovens o suficiente para serem aquiescentes no rastro do pai, obedientemente, mas com uma palidez nos olhos que a fez sentir que eles sofreram algo além de sua idade em silêncio. Então eles passaram pela beira do gramado, e Lily teve a impressão de estar observando uma procissão, atraída por alguma tensão de sentimento comum que a transformava, vacilante e vacilante como estava, em um pequeno grupo unido e estranhamente impressionante para ela. Educadamente, mas muito distante, o Sr. Ramsay ergueu a mão e saudou-a quando passaram.

Mas que rosto, pensou ela, descobrindo imediatamente que a simpatia que não lhe haviam pedido para expressar a perturbava. O que fez tudo ficar assim? Pensando, noite após noite, ela supôs, sobre a realidade das mesas de

cozinha, acrescentou, lembrando-se do símbolo que, em sua imprecisão sobre o que o Sr. Ramsay pensava sobre Andrew, lhe dera. (Ele foi morto instantaneamente pelo estilhaço de uma bomba, ela pensou.) A mesa da cozinha era algo visionário, austero; algo nu, duro, não ornamental. Não havia cor nisso; era tudo arestas e ângulos; era intransigentemente claro. Mas o Sr. Ramsay manteve sempre os olhos fixos nela, nunca se permitiu ser distraído ou iludido, até que seu rosto também se tornou desgastado e ascético e compartilhou daquela beleza sem ornamentos que tão profundamente a impressionou. Então, ela lembrou (de pé onde ele a havia deixado, segurando o pincel), as preocupações o preocuparam - não tão nobremente. Ele devia ter dúvidas sobre aquela mesa, ela supôs; se a mesa era real; se valeu a pena o tempo que ele dedicou a isso; se ele foi capaz de encontrá-lo. Ele tinha dúvidas, ela sentia, ou teria perguntado menos às pessoas. Ela suspeitava que às vezes era sobre isso que eles conversavam tarde da noite; e no dia seguinte a Sra. Ramsay parecia cansada, e Lily ficou furiosa com ele por causa de alguma coisinha absurda. Mas agora ele não tinha ninguém com quem conversar sobre aquela mesa, ou sobre suas botas, ou sobre seus nós; e ele era como um leão procurando alguém para devorar, e seu rosto tinha aquele toque de desespero, de exagero que a alarmou e a fez puxar as saias para cima de si. E então, ela lembrou, houve aquela revivificação repentina, aquela explosão repentina (quando ela elogiou suas botas), aquela recuperação repentina de vitalidade e interesse pelas coisas humanas comuns, que também passou e mudou (pois ele estava sempre mudando, e não escondia nada) para aquela outra fase final que era nova para ela e que, ela admitia, se envergonhava de sua própria irritabilidade, quando parecia que ele havia se livrado de preocupações e ambições, e a esperança de simpatia e o desejo de elogio, havia entrado em alguma outra

região, foi atraído. avançava, como que por curiosidade, em conversa muda, consigo mesmo ou com outro, à frente daquela pequena procissão fora do alcance de alguém. Um rosto extraordinário! O portão bateu.

### III

Então eles se foram, pensou ela, suspirando de alívio e decepção. Sua simpatia parecia ter sido lançada sobre ela, como um espinheiro brotando em seu rosto. Ela se sentiu curiosamente dividida, como se uma parte dela tivesse sido atraída para lá - era um dia calmo, nebuloso; o Farol parecia esta manhã a uma distância imensa; o outro havia se fixado obstinadamente e solidamente aqui no gramado. Ela viu sua tela como se ela tivesse flutuado e se colocado branca e intransigente diretamente diante dela. Parecia repreendê-la com seu olhar frio por toda aquela pressa e agitação; essa loucura e desperdício de emoção; isso a lembrou drasticamente e primeiro espalhou uma paz em sua mente, à medida que suas sensações desordenadas (ele havia partido e ela sentira muita pena dele e não dissera nada) saíram do campo; e então, o vazio. Ela olhou fixamente para a tela, com seu intransigente olhar branco; da tela ao jardim. Havia alguma coisa (ela ficou apertando os olhinhos chineses no rostinho enrugado), alguma coisa que ela lembrava nas relações daquelas linhas cortando, cortando, e na massa da sebe com sua caverna verde de azuis e marrons, que ficou em sua mente; que havia dado um nó em sua mente de modo que, nos momentos e fins dos tempos, involuntariamente, enquanto caminhava pela Brompton Road, enquanto escovava o cabelo, ela se viu pintando aquele quadro, passando o olhar sobre ele e desfazendo o nó na imaginação. Mas havia toda a diferença do mundo entre esse planejamento despreocupado da tela e realmente pegar o pincel e deixar a primeira marca.

Ela havia pegado o pincel errado em sua agitação diante da presença do Sr. Ramsay, e seu cavalete, cravado na terra com tanto nervosismo, estava no ângulo errado. E agora que ela havia corrigido isso e, ao fazê-lo, subjugado as impertinências e irrelevâncias que atraíam sua atenção e a faziam lembrar como ela era tal e tal pessoa, como tinha tais e tais relações com as pessoas, ela pegou sua mão e ergueu o pincel. Por um momento ficou tremendo em um êxtase doloroso, mas excitante, no ar. Por onde começar? — essa era a questão: em que ponto deixar a primeira marca? Uma linha colocada na tela a comprometeu com inúmeros riscos, com decisões frequentes e irrevogáveis. Tudo o que em ideia parecia simples tornou-se imediatamente complexo na prática; já que as ondas se moldam simetricamente a partir do topo do penhasco, mas para o nadador entre elas são divididas por golfos íngremes e cristas espumosas. Ainda assim, o risco deve ser corrido; a marca feita.

Com uma curiosa sensação física, como se fosse impelida para frente e ao mesmo tempo precisasse se conter, ela deu seu primeiro golpe rápido e decisivo. O pincel desceu. A pincelada brilhava em marrom sobre a tela branca; deixou uma marca contínua. Ela fez isso pela segunda vez - pela terceira vez. E assim, pausando e oscilando, ela alcançou um movimento rítmico dançante, como se as pausas fossem uma parte do ritmo e as batidas outra, e todas estivessem relacionadas; e assim, parando leve e rapidamente, golpeando, ela marcou sua tela com linhas nervosas marrons que, assim que se estabeleceram ali, fecharam (ela sentiu isso se aproximando dela) um espaço. No fundo de uma onda, ela viu a onda seguinte elevando-se cada vez mais acima dela. Pois o que poderia ser mais formidável do que aquele espaço? Aqui estava ela de novo, pensou ela, recuando para olhar para aquilo, afastada dos mexericos, da vida, da comunidade com as pessoas, para

a presença daquele seu antigo e formidável inimigo - esta outra coisa, esta verdade, esta realidade, que de repente colocou as mãos sobre ela, emergiu completamente por trás das aparências e chamou sua atenção. Ela estava meio relutante, meio relutante. Por que sempre ser arrastado e arrastado? Por que não saiu em paz para conversar com o Sr. Carmichael no gramado? De qualquer forma, era uma forma exigente de relação. Outros objetos de adoração contentavam-se com a adoração; homens, mulheres, Deus, todos deixem alguém se ajoelhar prostrado; mas esta forma, mesmo que fosse apenas a forma de um abajur branco pairando sobre uma mesa de vime, despertava a pessoa para um combate perpétuo, desafiava-a para uma luta na qual ela estava fadada a ser derrotada. Sempre (estava na sua natureza, ou no seu sexo, ela não sabia qual), antes de trocar a fluidez da vida pela concentração da pintura, ela teve alguns momentos de nudez em que parecia uma alma por nascer, uma alma privada de corpo, hesitante em algum pináculo ventoso e exposta sem proteção a todos os sopros da dúvida. Por que então ela fez isso? Ela olhou para a tela, levemente marcada por linhas corridas. Seria pendurado nos quartos dos empregados. Seria enrolado e enfiado debaixo de um sofá. De que adiantava fazer isso então, e ela ouviu uma voz dizendo que ela não sabia pintar, dizendo que não sabia criar, como se estivesse presa numa daquelas correntes habituais em que depois de um certo tempo a experiência se forma na mente, de modo que a pessoa repete as palavras sem mais ter consciência de quem as pronunciou originalmente.

Não sei pintar, não sei escrever, ela murmurou monotonamente, considerando ansiosamente qual deveria ser seu plano de ataque. Pois a massa assomava diante dela; ele se projetava; ela sentiu isso pressionando seus olhos. Então, como se algum suco necessário para a lubrificação de suas faculdades fosse esguichado espontaneamente, ela começou a mergulhar

precariedade entre os azuis e os umbers, movendo o pincel para cá e para lá, mas agora estava mais pesado e mais lento, como se tivesse caído com algum ritmo que lhe foi ditado (ela ficava olhando para a sebe, para a tela) pelo que via, de modo que, enquanto sua mão tremia de vida, esse ritmo era forte o suficiente para levá-la junto com ela. atual. Certamente ela estava perdendo a consciência das coisas exteriores. E à medida que ela perdia a consciência das coisas exteriores, e do seu nome e da sua personalidade e da sua aparência, e se o Sr. Carmichael estava lá ou não, a sua mente continuava a vomitar das suas profundezas, cenas, e nomes, e ditos, e memórias e ideias, como uma fonte a jorrar sobre aquele espaço branco brilhante e terrivelmente difícil, enquanto ela o modelava com verdes e azuis.

Charles Tansley costumava dizer que, ela lembrou, as mulheres não sabem pintar, não sabem escrever. Chegando por trás dela, ele ficou bem perto dela, uma coisa que ela odiava, enquanto pintava aqui neste mesmo lugar. "Tabaco felpudo", disse ele, "cinco centavos a onça", exibindo sua pobreza, seus princípios. (Mas a guerra acabara com a sua feminilidade. Pobres diabos, pensava-se, pobres diabos, de ambos os sexos.) Ele estava sempre carregando um livro debaixo do braço — um livro roxo. Ele "trabalhou". Ele estava sentado, ela lembrou, trabalhando sob um raio de sol. No jantar, ele se sentava bem no meio da vista. Mas afinal, refletiu ela, havia a cena na praia. É preciso lembrar disso. Foi uma manhã ventosa. Todos tinham ido para a praia. A Sra. Ramsay sentou-se e escreveu cartas perto de uma pedra. Ela escreveu e escreveu. "Oh", disse ela, olhando para algo flutuando no mar, "é um pote de lagosta? É um barco virado?" Ela era tão míope que não conseguia enxergar, e então Charles Tansley tornou-se o mais gentil possível. Ele começou a brincar de patos e patos. Eles escolheram pequenas pedras pretas e achatadas e as fizeram saltar sobre as ondas. De vez em quando a

Sra. Ramsay olhava por cima dos óculos e ria deles. O que eles disseram ela não conseguia lembrar, mas apenas ela e Charles atirando pedras e de repente se dando muito bem e a Sra. Ramsay observando-os. Ela estava altamente consciente disso. Sra. Ramsay, ela pensou, recuando e apertando os olhos. (Deve ter mudado bastante o desenho quando ela estava sentada no degrau com James. Devia haver uma sombra.) Quando ela pensava em si mesma e em Charles jogando patos e patos e em toda a cena na praia, parecia depender de alguma forma da Sra. (Ela escreveu inúmeras cartas, e às vezes o vento as levava e ela e Charles apenas salvaram uma página do mar.) Mas que poder havia na alma humana! ela pensou. Aquela mulher sentada ali escrevendo debaixo da rocha resolveu tudo na simplicidade; fez com que essas raivas e irritações caíssem como trapos velhos; ela reuniu isso e aquilo e depois aquilo, e então fez daquela miserável tolice e rancor (ela e Charles brigando, brigando, tinham sido tolos e rancorosos) algo - esta cena na praia, por exemplo, este momento de amizade e simpatia - que sobreviveu, depois de todos esses anos completos, de modo que ela mergulhou nisso para remodelar sua memória dele, e lá ficou na mente afetando alguém quase como uma obra de arte.

"Como uma obra de arte", repetiu ela, olhando da tela para os degraus da sala e vice-versa. Ela deve descansar por um momento. E, descansando, olhando vagamente de um para o outro, a velha questão que percorria perpetuamente o céu da alma, a vasta, a questão geral que era capaz de se particularizar em momentos como este, quando ela liberava faculdades que estavam sob tensão, pairava sobre ela, parava sobre ela, escurecia sobre ela. Qual é o sentido da vida? Isso foi tudo: uma pergunta simples; aquele que tendia a se aproximar com o passar dos anos. A grande revelação nunca aconteceu. A grande revelação talvez nunca tenha acontecido. Em vez disso,

ocorriam pequenos milagres diários, iluminações, fósforos acendidos inesperadamente no escuro; aqui estava um. Isto, aquilo e aquilo outro; ela mesma e Charles Tansley e a onda que quebra; Sra. Ramsay reunindo-os; Sra. Ramsay dizendo: "A vida pára aqui"; A Sra. Ramsay fez do momento algo permanente (como em outra esfera a própria Lily tentou fazer do momento algo permanente) — isso era da natureza de uma revelação. No meio do caos havia forma; esse eterno passar e fluir (ela olhou para as nuvens se afastando e as folhas tremendo) ganhou estabilidade. A vida aqui está parada, disse a Sra. Ramsay. "Sra. Ramsay! Sra. Ramsay!" ela repetiu. Ela devia tudo a ela.

Tudo era silêncio. Ninguém parecia ainda estar se mexendo na casa. Ela olhou para ele dormindo sob o sol da manhã, com suas janelas verdes e azuis com o reflexo das folhas. O leve pensamento que ela tinha sobre a Sra. Ramsay parecia estar em consonância com aquela casa silenciosa; essa fumaça; este belo ar da manhã. Fraco e irreal, era incrivelmente puro e excitante. Ela esperava que ninguém abrisse a janela ou saísse de casa, mas que ela pudesse ficar sozinha para continuar pensando, para continuar pintando. Ela se voltou para sua tela. Mas, impelida por alguma curiosidade, movida pelo desconforto da simpatia que mantinha inalterada, ela caminhou mais ou menos um passo até o fim do gramado para ver se, lá embaixo na praia, conseguia ver aquela pequena companhia zarpando. Lá embaixo, entre os barquinhos que flutuavam, alguns com as velas enroladas, outros lentamente, pois o afastamento era muito calmo, havia um bastante afastado dos outros. A vela estava sendo içada naquele momento. Ela decidiu que ali, naquele barquinho muito distante e totalmente silencioso, o Sr. Ramsay estava sentado com Cam e James. Agora eles tinham levantado a vela; agora, depois de um pouco de hesitação e hesitação, as velas encheram-se e, envolta em profundo silêncio, ela observou o barco seguir seu caminho com

deliberação, passando pelos outros barcos em direção ao mar.

#### IV

As velas batiam sobre suas cabeças. A água riu e bateu nas laterais do barco, que cochilava imóvel ao sol. De vez em quando as velas ondulavam com uma leve brisa, mas a ondulação as atingia e cessava. O barco não fez nenhum movimento. O Sr. Ramsay sentou-se no meio do barco. Ele ficaria impaciente em um momento, pensou James, e Cam pensou, olhando para o pai dela, que estava sentado no meio do barco entre eles (James dirigia; Cam estava sentado sozinho na proa) com as pernas firmemente dobradas. Ele odiava ficar por aí. Com certeza, depois de ficar inquieto por um ou dois segundos, ele disse algo brusco ao filho de Macalister, que pegou os remos e começou a remar. Mas o pai deles, eles sabiam, nunca ficaria satisfeito até que eles voassem. Ele ficava procurando uma brisa, remexendo-se, dizendo coisas baixinho, que Macalister e o filho de Macalister ouviriam, e ambos ficariam terrivelmente desconfortáveis. Ele os fez vir. Ele os forçou a vir. Na sua raiva, eles esperavam que a brisa nunca aumentasse, que ele pudesse ser frustrado de todas as maneiras possíveis, uma vez que os forçara a vir contra a sua vontade.

Durante todo o caminho até a praia, eles ficaram para trás juntos, embora ele lhes ordenasse: "Subam, subam", sem falar. Suas cabeças estavam abaixadas, suas cabeças foram pressionadas por algum vendaval implacável. Fale com ele, eles não podiam. Eles devem vir; eles devem seguir. Eles devem andar atrás dele carregando pacotes de papel pardo. Mas eles juraram, em silêncio, enquanto caminhavam, apoiar-se uns aos outros e cumprir o grande pacto - resistir à tirania até a morte. Então ali ficavam eles sentados, um numa ponta do barco, um na outra, em silêncio. Eles não

diziam nada, apenas olhavam para ele de vez em quando, sentado com as pernas torcidas, franzindo a testa e remexendo-se, e mijando, fazendo pshaw e murmurando coisas para si mesmo, e esperando impacientemente por uma brisa. E eles esperavam que tudo ficasse calmo. Eles esperavam que ele fosse frustrado. Eles esperavam que toda a expedição fracassasse e teriam que voltar, com seus embrulhos, para a praia.

Mas agora, quando o filho de Macalister já havia remado um pouco mais, as velas giraram lentamente, o barco acelerou, achatou-se e partiu. Instantaneamente, como se alguma grande tensão tivesse sido aliviada, o Sr. Ramsay desenrolou as pernas, tirou a bolsa de tabaco, entregou-a com um pequeno grunhido a Macalister e sentiu-se, eles sabiam, apesar de tudo o que sofreram, perfeitamente satisfeito. Agora eles navegariam por horas assim, e o Sr. Ramsay faria uma pergunta ao velho Macalister - provavelmente sobre a grande tempestade do inverno passado - e o velho Macalister responderia, e eles soprariam seus cachimbos juntos, e Macalister pegaria uma corda alcatroada nos dedos, amarrando ou desfazendo algum nó, e o menino pescaria, e nunca diria uma palavra a ninguém. James seria forçado a ficar de olho na vela o tempo todo. Pois se ele se esquecesse, então a vela enrugava-se e tremia, e o barco afrouxava, e o Sr. Ramsay dizia rispidamente: "Cuidado! Cuidado!" e o velho Macalister virava-se lentamente no seu assento. Então eles ouviram o Sr. Ramsay fazendo algumas perguntas sobre a grande tempestade do Natal. "Ela vem contornando a ponta", disse o velho Macalister, descrevendo a grande tempestade do Natal passado, quando dez navios foram levados para a baía em busca de abrigo, e ele viu "um ali, um ali, um ali" (ele apontou lentamente ao redor da baía. O Sr. Ramsay o seguiu, virando a cabeça). Ele tinha visto quatro homens agarrados ao mastro. Então ela se foi. "E finalmente nós a empurramos", continuou ele

(mas em sua raiva e em seu silêncio eles apenas ouviram uma palavra aqui e ali, sentados em extremos opostos do barco, unidos por seu pacto de lutar contra a tirania até a morte). Por fim, eles a empurraram, lançaram o bote salva-vidas e a tiraram de lá - Macalister contou a história; e embora captassem apenas uma palavra aqui e ali, estavam conscientes o tempo todo do pai — como ele se inclinava para a frente, como sintonizava sua voz com a voz de Macalister; como, fumando seu cachimbo e olhando para lá e para cá para onde Macalister apontava, ele saboreou a ideia da tempestade e da noite escura e dos pescadores lutando ali. Ele gostava que os homens trabalhassem e suassem na praia ventosa à noite; colocando músculos e cérebro contra as ondas e o vento; ele gostava que os homens trabalhassem assim, e as mulheres cuidassem da casa, e ficassem sentadas ao lado das crianças dormindo dentro de casa, enquanto os homens se afogavam, lá fora, durante uma tempestade. Então James sabia, então Cam sabia (eles olharam para ele, olharam um para o outro), pela sua agitação e pela sua vigilância e pelo tom da sua voz, e pelo pequeno toque de sotaque escocês que apareceu na sua voz, fazendo-o parecer um camponês, enquanto questionava Macalister sobre os onze navios que tinham sido empurrados para a baía durante uma tempestade. Três haviam afundado.

Ele olhou com orgulho para onde Macalister apontava; e Cam pensou, sentindo-se orgulhoso dele sem saber bem por que, se ele estivesse lá, teria lançado o bote salva-vidas, teria chegado aos destroços, pensou Cam. Ele era tão corajoso, tão aventureiro, pensou Cam. Mas ela se lembrou. Houve o pacto; resistir à tirania até a morte. A queixa deles pesava sobre eles. Eles foram forçados; eles foram convidados. Ele os havia derrubado mais uma vez com sua melancolia e sua autoridade, obrigando-os a cumprir sua ordem, naquela bela manhã, vir, porque ele assim o desejava, carregando aqueles

embrulhos, ao Farol; participava nesses ritos que ele realizava para seu próprio prazer em memória dos mortos, que eles odiavam, de modo que ficaram atrás dele, e todo o prazer do dia foi estragado.

Sim, a brisa estava refrescante. O barco estava inclinado, a água cortava bruscamente e caía em cascatas verdes, em bolhas, em cataratas. Cam olhou para a espuma, para o mar com todos os seus tesouros dentro dele, e sua velocidade a hipnotizou, e o vínculo entre ela e James diminuiu um pouco. Afrouxou um pouco. Ela começou a pensar: Como isso passa rápido. Para onde estamos indo? e o movimento hipnotizou-a, enquanto James, com os olhos fixos na vela e no horizonte, dirigia severamente. Mas ele começou a pensar enquanto dirigia que poderia escapar; ele pode ter desistido de tudo. Eles poderiam pousar em algum lugar; e seja livre então. Os dois, olhando um para o outro por um momento, tiveram uma sensação de fuga e exaltação, devido à velocidade e à mudança. Mas a brisa também despertou no Sr. Ramsay a mesma excitação e, quando o velho Macalister se virou para lançar sua linha ao mar, ele gritou em voz alta:

"Perecemos" e, novamente, "cada um sozinho". E então, com seu habitual espasmo de arrependimento ou timidez, ergueu-se e acenou com a mão em direção à margem.

"Veja a casinha," ele disse apontando, desejando que Cam olhasse. Ela se levantou com relutância e olhou. Mas qual foi? Ela não conseguia mais distinguir, ali na encosta, qual era a casa deles. Tudo parecia distante, pacífico e estranho. A costa parecia refinada, distante, irreal. A pouca distância que tinham navegado já os tinha afastado dele e dado-lhe o aspecto mudado, o aspecto composto, de algo que se afasta e no qual já não se faz parte. Qual era a casa deles? Ela não conseguia ver.

"Mas estou sob um mar mais agitado", murmurou o Sr. Ramsay. Ele havia encontrado a casa e, ao vê-la, também se viu ali; ele se viu caminhando sozinho no terraço. Ele andava de um lado para outro entre as urnas; e ele parecia muito velho e curvado. Sentado no barco, ele se curvou, agachou-se, desempenhando instantaneamente o seu papel - o papel de um homem desolado, viúvo, desolado; e assim convocou diante dele em hostes pessoas que simpatizavam com ele; encenou para si mesmo enquanto estava sentado no barco, um pequeno drama; o que exigia dele decrepitude, exaustão e tristeza (ele ergueu as mãos e olhou para a magreza delas, para confirmar seu sonho) e então lhe foi dada em abundância a simpatia das mulheres, e ele imaginou como elas o acalmariam e simpatizariam com ele, e assim obtendo em seu sonho algum reflexo do prazer extraordinário que a simpatia das mulheres representava para ele, ele suspirou e disse gentil e tristemente:

de modo que as palavras tristes foram ouvidas com bastante clareza por todos eles. Cam meio que se assustou em seu assento. Isso a chocou - isso a indignou. O movimento despertou o pai; e ele estremeceu e parou, exclamando: "Olha! Olhe!" com tanta urgência que James também virou a cabeça para olhar a ilha por cima do ombro. Todos eles olharam. Eles olharam para a ilha.

Mas Cam não conseguia ver nada. Ela estava pensando em como todos aqueles caminhos e o gramado, densos e cheios de nós pelas vidas que eles viveram ali, desapareceram: foram apagados; foram passados; eram irreais, e agora isso era real; o barco e a vela com seu remendo; Macalister com seus brincos; o barulho das ondas - tudo isso era real. Pensando nisso, ela murmurava para si mesma: "Perecemos, cada um sozinho", pois as palavras do pai se repetiam e se repetiam em sua mente, quando o pai, vendo-a olhando tão vagamente, começou a provocá-la. Ela não conhecia os pontos

cardeais? ele perguntou. Ela não distinguia o Norte do Sul? Ela realmente achava que eles moravam ali? E ele apontou novamente e mostrou a ela onde ficava a casa deles, ali, perto daquelas árvores. Ele desejou que ela tentasse ser mais precisa e disse: "Diga-me: qual é o Oriente e qual é o Ocidente?" ele disse, meio rindo dela, meio repreendendo-a, pois não conseguia entender o estado de espírito de ninguém, nem absolutamente imbecil, que não conhecesse os pontos cardeais. No entanto, ela não sabia. E ao vê-la olhando, com seus olhos vagos, agora um tanto assustados, fixos onde não havia casa, o Sr. Ramsay esqueceu seu sonho; como ele andava para cima e para baixo entre as urnas do terraço; como os braços foram estendidos para ele. Ele pensou, as mulheres são sempre assim; a imprecisão de suas mentes é desesperadora; era algo que ele nunca fora capaz de compreender; mas assim foi. Foi assim com ela - sua esposa. Eles não conseguiam manter nada claramente fixado em suas mentes. Mas ele errou ao ficar zangado com ela; além disso, ele não gostava dessa imprecisão nas mulheres? Fazia parte do seu encanto extraordinário. Vou fazê-la sorrir para mim, pensou ele. Ela parece assustada. Ela estava tão silenciosa. Ele apertou os dedos e decidiu que sua voz, seu rosto e todos os gestos rápidos e expressivos que estiveram sob seu comando, fazendo com que as pessoas tivessem pena dele e o elogiassem durante todos esses anos, deveriam se subjugar. Ele a faria sorrir para ele. Ele encontraria alguma coisa simples e fácil para dizer a ela. Mas o que? Pois, envolvido como estava em seu trabalho, ele esquecia o tipo de coisa que alguém dizia. Havia um cachorrinho. Eles tinham um cachorrinho. Quem estava cuidando do cachorrinho hoje? ele perguntou. Sim, pensou James impiedosamente, vendo a cabeça da irmã contra a vela, agora ela cederá. Serei deixado para lutar sozinho contra o tirano. O pacto seria deixado para ele executar. Cam nunca resistiria à tirania até a morte, pensou

ele severamente, observando o rosto dela, triste, mal-humorado, submisso. E como às vezes acontece quando uma nuvem cai sobre uma encosta verde e a gravidade desce e entre todas as colinas circundantes há escuridão e tristeza, e parece que as próprias colinas devem ponderar sobre o destino dos nublados, dos escurecidos, seja com pena, ou regozijando-se maliciosamente em seu desânimo: então Cam agora se sentia nublada, sentada ali entre pessoas calmas e resolutas e se perguntando como responder ao pai sobre o cachorrinho; como resistir ao seu pedido – perdoe-me, cuide de mim; enquanto Tiago, o legislador, com as tábuas da sabedoria eterna abertas sobre os joelhos (sua mão no leme tornou-se um símbolo para ela), disse: Resista a ele. Lute com ele. Ele disse isso com razão; justamente. Pois eles devem lutar contra a tirania até a morte, pensou ela. De todas as qualidades humanas, ela era a que mais reverenciava a justiça. Seu irmão era muito parecido com um deus, seu pai era muito suplicante. E a que ela cedeu, pensou ela, sentada entre eles, olhando para a costa cujos pontos lhe eram todos desconhecidos, e pensando em como o gramado, o terraço e a casa estavam agora alisados e a paz habitava ali.

"Jasper," ela disse mal-humorada. Ele cuidaria do cachorrinho.

E como ela iria chamá-lo? seu pai persistiu. Ele teve um cachorro quando era menino, chamado Frisk. Ela vai ceder, pensou James, enquanto observava uma expressão surgir em seu rosto, uma expressão da qual ele se lembrava. Eles olham para baixo, pensou, para o tricô ou algo assim. Então, de repente, eles olham para cima. Houve um clarão azul, ele lembrou, e então alguém sentado com ele riu, rendeu-se e ele ficou muito zangado. Deve ter sido a mãe dele, pensou ele, sentado numa cadeira baixa, com o pai de pé ao lado dela. Ele começou a procurar entre a série infinita de impressões que o tempo havia deixado, folha após folha, dobra após dobra suavemente,

incessantemente em seu cérebro; entre cheiros, sons; vozes, ásperas, ocas, doces; e luzes passando e vassouras batendo; e a agitação e o silêncio do mar, como um homem marchou para cima e para baixo e parou imóvel, de pé, sobre eles. Enquanto isso, ele notou, Cam enfiou os dedos na água, olhou para a costa e não disse nada. Não, ela não cederá, pensou ele; ela é diferente, ele pensou. Bem, se Cam não lhe respondesse, ele não a incomodaria, decidiu o Sr. Ramsay, procurando um livro no bolso. Mas ela lhe responderia; ela desejou, apaixonadamente, mover algum obstáculo que estava em sua língua e dizer, Ah, sim, Frisk. Vou chamá-lo de Frisk. Ela queria até dizer: Foi aquele o cachorro que apareceu sozinho na charneca? Mas por mais que tentasse, ela não conseguia pensar em nada para dizer assim, feroz e leal ao pacto, mas transmitindo ao pai, sem que James suspeitasse, um sinal particular do amor que sentia por ele. Pois ela pensou, mexendo a mão (e agora o filho de Macalister tinha apanhado uma cavala, e ela estava esperneando no chão, com sangue nas guelras), pois ela pensou, olhando para James, que mantinha os olhos desapaixonadamente na vela, ou olhava de vez em quando por um segundo para o horizonte, você não está exposto a isso, a essa pressão e divisão de sentimentos, a essa tentação extraordinária. O pai dela estava apalpando os bolsos; em mais um segundo, ele teria encontrado seu livro. Pois ninguém a atraiu mais; suas mãos eram lindas, e seus pés, e sua voz, e suas palavras, e sua pressa, e seu temperamento, e sua estranheza, e sua paixão, e seu dizer diretamente diante de todos, nós perecemos, cada um sozinho, e seu afastamento. (Ele havia aberto o livro.) Mas o que permanecia intolerável, pensou ela, sentando-se ereta e observando o filho de Macalister puxar o anzol das guelras de outro peixe, era aquela cegueira e tirania crassas que envenenaram sua infância e provocaram tempestades amargas, de modo que

mesmo agora ela acordava no meio da noite tremendo de raiva e se lembrava de alguma ordem dele; alguma insolência: "Faça isso", "Faça aquilo", seu domínio: seu "Submeta-se a mim".

Então ela não disse nada, mas olhou obstinada e tristemente para a costa, envolta em seu manto de paz; como se as pessoas ali tivessem adormecido, pensou ela; eram livres como fumaça, eram livres para ir e vir como fantasmas. Eles não sofrem lá, ela pensou.

## V

Sim, esse é o barco deles, decidiu Lily Briscoe, parada na beira do gramado. Era o barco com velas marrom-acinzentadas, que ela viu agora se achatar na água e disparar pela baía. Lá está ele, pensou ela, e as crianças ainda estão em silêncio. E ela também não conseguiu alcançá-lo. A simpatia que ela não lhe deu pesava sobre ela. Isso tornou difícil para ela pintar.

Ela sempre o achou difícil. Ela nunca foi capaz de elogiá-lo na cara, ela lembrou. E isso reduziu o relacionamento deles a algo neutro, sem aquele elemento de sexo que tornava sua atitude para com Minta tão galante, quase alegre. Ele colhia uma flor para ela e lhe emprestaria seus livros. Mas ele poderia acreditar que Minta os leu? Ela os arrastou pelo jardim, colando folhas para marcar o local.

"Você se lembra, Sr. Carmichael?" ela estava inclinada a perguntar, olhando para o velho. Mas ele havia puxado o chapéu até a metade da testa; ele estava dormindo, ou estava sonhando, ou estava deitado ali, captando palavras, ela supôs.

"Você se lembra?" ela se sentiu inclinada a perguntar quando passou por ele, pensando novamente na Sra. Ramsay na praia; o barril balançando para cima e para baixo; e as páginas voando. Por que, depois de todos esses anos, aquilo havia sobrevivido, redondo, iluminado, visível até o último detalhe, com tudo antes dele apagado e tudo depois dele apagado, por quilômetros e quilômetros?

"É um barco? É uma rolha?" ela diria, repetiu Lily, voltando-se novamente, com relutância, para sua tela. Deus seja louvado por isso, o problema do espaço permanecia, pensou ela, pegando novamente no pincel. Ele olhou para ela. Toda a massa do quadro estava apoiada nesse peso. Deve ser bonito e brilhante na superfície, suave e evanescente, uma cor se fundindo com outra como as cores da asa de uma borboleta; mas por baixo do tecido deve ser preso com parafusos de ferro. Seria algo que você pudesse agitar com a respiração; e uma coisa que você não poderia desalojar com uma parrelha de cavalos. E ela começou a se deitar sobre um vermelho, um cinza, e começou a modelar seu caminho até o buraco ali. Ao mesmo tempo, ela parecia estar sentada ao lado da Sra. Ramsay na praia.

"É um barco? É um barril?" — disse a Sra. Ramsay. E ela começou a procurar seus óculos. E ela sentou-se, tendo-os encontrado, em silêncio, olhando para o mar. E Lily, pintando com firmeza, sentiu como se uma porta tivesse se aberto, e alguém entrou e ficou olhando em silêncio para um lugar alto, semelhante a uma catedral, muito escuro, muito solene. Gritos vieram de um mundo distante. Os vapores desapareciam em nuvens de fumaça no horizonte. Charles jogou pedras e os fez pular.

A Sra. Ramsay ficou em silêncio. Ela estava feliz, pensou Lily, por descansar em silêncio, pouco comunicativa; descansar na extrema obscuridade das

relações humanas. Quem sabe o que somos, o que sentimos? Quem sabe mesmo no momento da intimidade, isso é conhecimento? As coisas não estão estragadas então, a Sra. Ramsay pode ter perguntado (parecia ter acontecido com tanta frequência, esse silêncio ao seu lado), ao dizê-las? Não somos mais expressivos assim? O momento pelo menos parecia extraordinariamente fértil. Ela fez um pequeno buraco na areia e o cobriu, enterrando nele a perfeição do momento. Era como uma gota de prata na qual se mergulhava e iluminava a escuridão do passado.

Lily recuou para colocar sua tela em perspectiva. Era um caminho estranho de se percorrer, esse da pintura. Ia-se cada vez mais longe, cada vez mais longe, até que finalmente parecia estar numa prancha estreita, perfeitamente sozinha, sobre o mar. E ao mergulhar na tinta azul, ela mergulhou também no passado. Agora a Sra. Ramsay se levantou, ela lembrou. Era hora de voltar para casa - hora do almoço. E todos eles vieram da praia juntos, ela andando atrás com William Bankes, e lá estava Minta na frente deles com um buraco na meia. Como aquele buraquinho redondo de salto rosa parecia se exibir diante deles! Como William Bankes deplorou isso, sem, pelo que ela conseguia se lembrar, dizer nada sobre isso! Para ele, significava a aniquilação da feminilidade, da sujeira e da desordem, da saída dos criados e das camas não arrumadas ao meio-dia — todas as coisas que ele mais abominava. Ele tinha um jeito de estremecer e estender os dedos como se quisesse cobrir um objeto feio, o que fez agora - mantendo a mão na frente do corpo. E Minta seguiu na frente, e provavelmente Paul a encontrou e ela foi com Paul para o jardim.

Os Rayleys, pensou Lily Briscoe, apertando seu tubo de tinta verde. Ela coletou suas impressões sobre os Rayleys. Suas vidas apareceram para ela em uma série de cenas: uma, na escadaria ao amanhecer. Paul chegou e foi

dormir cedo; Minta estava atrasada. Lá estava Minta, enfeitada, tingida e espalhafatosa, na escada, por volta das três da manhã. Paul saiu de pijama carregando um atizador para o caso de ladrões. Minta estava comendo um sanduíche, parada a meio caminho de uma janela, sob a luz cadavérica da manhã, e o tapete tinha um buraco. Mas o que eles disseram? Lily perguntou a si mesma, como se olhando pudesse ouvi-los. Minta continuou comendo seu sanduíche, irritantemente, enquanto ele falava alguma coisa violenta, insultando-a, num murmúrio para não acordar as crianças, os dois menininhos. Ele estava murcho, abatido; ela extravagante, descuidada. Pois as coisas começaram a ficar mais soltas depois do primeiro ano; o casamento acabou muito mal.

E isso, pensou Lily, pegando a tinta verde no pincel, inventando cenas sobre eles, é o que chamamos de “conhecer” as pessoas, “pensar” nelas, “gostar” delas! Nem uma palavra disso era verdade; ela inventou isso; mas era assim que ela os conhecia. Ela continuou abrindo caminho até sua imagem, até o passado.

Outra vez, Paul disse que “jogava xadrez em cafeterias”. Ela também construiu toda uma estrutura de imaginação com base nesse ditado. Ela se lembrou de como, enquanto ele dizia isso, pensou em como ele telefonou para o criado e disse: “A Sra. Rayley saiu, senhor”, e ele decidiu que também não voltaria para casa. Ela o viu sentado no canto de algum lugar lúgubre onde a fumaça se grudava nos assentos de pelúcia vermelha, e as garçonetes conheceram você, e ele jogou xadrez com um homenzinho que trabalhava no comércio de chá e morava em Surbiton, mas isso era tudo que Paul sabia sobre ele. E então Minta estava fora quando ele chegou em casa e depois teve aquela cena na escada, quando ele pegou o atizador para o caso de ladrões (sem dúvida para assustá-la também) e falou tão amargamente,

dizendo que ela havia arruinado a vida dele. De qualquer forma, quando ela foi visitá-los em um chalé perto de Rickmansworth, as coisas estavam terrivelmente tensas. Paul levou-a ao jardim para ver as lebres belgas que ele criava, e Minta seguiu-as, cantando, e colocou o braço nu no ombro dele, para que ele não lhe contasse nada.

Minta estava entediada com lebres, pensou Lily. Mas Minta nunca se entregou. Ela nunca disse coisas assim sobre jogar xadrez em cafeterias. Ela estava muito consciente, muito cautelosa. Mas, para continuar com a história deles, eles já haviam ultrapassado a fase perigosa. Ela estava hospedada com eles no verão passado há algum tempo e o carro quebrou e Minta teve que entregar-lhe as ferramentas. Ele ficou sentado na estrada consertando o carro, e foi a maneira como ela lhe deu as ferramentas — profissional, direta e amigável — que provou que agora estava tudo bem. Eles não estavam mais “apaixonados”; não, ele havia se envolvido com outra mulher, uma mulher séria, com o cabelo preso em uma trança e uma maleta na mão (Minta a descrevera com gratidão, quase com admiração), que ia às reuniões e compartilhava as opiniões de Paul (elas se tornavam cada vez mais pronunciadas) sobre a tributação do valor da terra e um imposto sobre o capital. Longe de acabar com o casamento, essa aliança o corrigiu. Eles eram excelentes amigos, obviamente, enquanto ele se sentava na estrada e ela lhe entregava as ferramentas.

Então essa era a história dos Rayleys, pensou Lily. Ela se imaginou contando isso à Sra. Ramsay, que ficaria cheia de curiosidade para saber o que havia acontecido com os Rayley. Ela se sentiria um pouco triunfante, dizendo à Sra. Ramsay que o casamento não tinha sido um sucesso.

Mas os mortos, pensou Lily, encontrando algum obstáculo em seu projeto que a fez parar e refletir, recuando cerca de trinta centímetros, ah, os mortos! ela murmurou, alguém tinha pena deles, alguém os deixava de lado, alguém tinha até um pouco de desprezo por eles. Eles estão à nossa mercê. A Sra. Ramsay desapareceu e desapareceu, pensou ela. Podemos ignorar seus desejos, melhorar suas ideias limitadas e antiquadas. Ela se afasta cada vez mais de nós. Zombando, ela parecia vê-la ali, no fim do corredor dos anos, dizendo, entre todas as coisas incongruentes: "Case, case!" (sentado bem ereto de manhã cedo com os pássaros começando a piar no jardim lá fora). E seria preciso dizer-lhe: Tudo foi contra a sua vontade. Eles estão felizes assim; Estou feliz assim. A vida mudou completamente. Com isso, todo o seu ser, até mesmo a sua beleza, tornou-se por um momento empoeirado e desatualizado. Por um momento Lily, parada ali, com o sol quente nas costas, resumindo os Rayleys, triunfou sobre a Sra. Ramsay, que nunca saberia como Paul frequentava cafés e tinha uma amante; como ele se sentou no chão e Minta lhe entregou suas ferramentas; como ela estava aqui pintando, nunca se casou, nem mesmo com William Bankes.

A Sra. Ramsay havia planejado tudo. Talvez, se ela estivesse viva, ela teria forçado isso. Já naquele verão ele era "o mais gentil dos homens". Ele foi "o primeiro cientista de sua idade, diz meu marido". Ele também era "pobre William - fico tão infeliz, quando vou vê-lo, não encontrar nada de bom em sua casa - ninguém para arrumar as flores". Assim, foram enviados para passear juntos, e disseram-lhe, com aquele leve toque de ironia que fazia a Sra. Ramsay escapar por entre os dedos, que ela tinha uma mente científica; ela gostava de flores; ela era tão exata. O que era essa mania dela por casamento? Lily se perguntou, andando de um lado para outro do cavalete.

(De repente, tão repentinamente quanto uma estrela desliza no céu, uma luz avermelhada pareceu queimar em sua mente, cobrindo Paul Rayley, saindo dele. Subiu como um fogo aceso em sinal de alguma celebração por selvagens em uma praia distante. Ela ouviu o rugido e o crepitar. Todo o mar, por quilômetros ao redor, corria vermelho e dourado. Um cheiro de vinho se misturou a ele e a embriagou, pois ela sentiu novamente seu próprio desejo impetuoso de se jogar do penhasco e se afogar em busca de uma pérola. E o rugido e o crepitar a repeliam com medo e desgosto, como se ao ver seu esplendor e poder ela visse também como ele se alimentava do tesouro da casa, avidamente, repugnantemente, e ela o detestava, mas por uma visão, por uma glória, ele superava tudo em sua experiência, e queimava ano após ano como um sinal de fogo em uma ilha deserta à beira do mar, e bastava dizer "apaixonado" e instantaneamente, como aconteceu agora, levantou-se. O fogo de Paul novamente. E ele apagou e ela disse para si mesma, rindo: "Os Rayleys";

Ela só havia escapado por um triz, pensou. Ela estava olhando para a toalha de mesa e lhe ocorreu que mudaria a árvore para o meio e nunca precisaria se casar com ninguém, e sentiu uma enorme exultação. Ela sentiu que agora poderia enfrentar a Sra. Ramsay - um tributo ao poder surpreendente que a Sra. Ramsay tinha sobre alguém. Faça isso, ela disse, e um deles fez isso. Até a sombra dela na janela com James era cheia de autoridade. Ela se lembrou de como William Bankes ficou chocada com a negligência dela em relação à importância de mãe e filho. Ela não admirava sua beleza? ele disse. Mas William, ela lembrou, a ouviu com seus olhos sábios de criança quando ela explicou que não era irreverência: como uma luz ali precisava de uma sombra ali e assim por diante. Ela não pretendia menosprezar um assunto que, eles concordaram, Raphael tratara divinamente. Ela não era cínica.

Muito pelo contrário. Graças à sua mente científica, ele compreendeu — uma prova de desinteresse pela inteligência que a agradou e a confortou enormemente. Poderíamos então falar seriamente de pintura para um homem. Na verdade, a amizade dele tinha sido um dos prazeres da vida dela. Ela amava William Bankes.

Eles iam para Hampton Court e ele sempre deixava para ela, como perfeito cavalheiro que era, tempo de sobra para lavar as mãos, enquanto passeava à beira do rio. Isso era típico do relacionamento deles. Muitas coisas ficaram por dizer. Depois passeavam pelos pátios e admiravam, verão após verão, as proporções e as flores, e ele contava-lhe coisas, sobre perspectiva, sobre arquitetura, enquanto caminhavam, e parava para olhar uma árvore, ou a vista sobre o lago, e admirava uma criança - (era a sua grande dor - não tinha filha) com o jeito vago e indiferente que era natural a um homem que passava tanto tempo em laboratórios que o mundo quando saía parecia deslumbrá-lo, de modo que andava devagar, levantava os braços. mão para proteger os olhos e parou, com a cabeça jogada para trás, apenas para respirar o ar. Então ele lhe contaria como sua governanta estava de férias; ele deve comprar um tapete novo para a escada. Talvez ela fosse com ele comprar um tapete novo para a escada. E uma vez algo o levou a falar sobre os Ramsays e ele disse que, quando a viu pela primeira vez, ela usava um chapéu cinza; ela não tinha mais de dezenove ou vinte anos. Ela era surpreendentemente linda. Lá estava ele, olhando para a avenida de Hampton Court, como se pudesse vê-la entre as fontes.

Ela olhou agora para o degrau da sala de estar. Ela viu, através dos olhos de William, a forma de uma mulher, pacífica e silenciosa, com olhos baixos. Ela ficou sentada meditando, ponderando (ela estava de cinza naquele dia, pensou Lily). Seus olhos estavam curvados. Ela nunca os levantaria. Sim,

pensou Lily, olhando atentamente, devo tê-la visto assim, mas não de cinza; nem tão quieto, nem tão jovem, nem tão pacífico. A figura veio prontamente. Ela era surpreendentemente linda, como disse William. Mas a beleza não era tudo. A beleza sofreu esta penalidade - ela veio muito prontamente, veio completamente. Isso acalmou a vida - congelou-a. Esquecíamos as pequenas agitações; o rubor, a palidez, alguma distorção estranha, alguma luz ou sombra, que tornavam o rosto irreconhecível por um momento e ainda acrescentavam uma qualidade que se via para sempre. Era mais simples suavizar tudo isso sob o manto da beleza. Mas qual era a expressão que ela tinha, perguntou-se Lily, quando colocava na cabeça o chapéu de caçadora de cervos, ou corria pela grama, ou repreendia Kennedy, o jardineiro? Quem poderia contar a ela? Quem poderia ajudá-la?

Contra sua vontade, ela veio à tona e se viu meio fora de cena, olhando, um pouco atordoada, como se estivesse diante de coisas irreais, para o Sr. Carmichael. Ele estava deitado na cadeira com as mãos cruzadas acima da barriga, sem ler ou dormir, mas se aquecendo como uma criatura empanturrada de existência. Seu livro havia caído na grama.

Ela queria ir direto até ele e dizer: "Sr. Carmichael!" Então ele olhava para cima com benevolência, como sempre, através de seus vagos olhos verdes esfumados. Mas só se acordava as pessoas se se soubesse o que se queria dizer-lhes. E ela queria dizer não uma coisa, mas tudo. Pequenas palavras que quebravam o pensamento e o desmembravam não diziam nada. "Sobre a vida, sobre a morte; sobre a Sra. Ramsay" — não, ela pensou, não se podia dizer nada a ninguém. A urgência do momento sempre errou o alvo. As palavras flutuaram de lado e atingiram o objeto a centímetros de baixo. Então um desistiu; então a ideia voltou a afundar; depois tornava-se como a maioria das pessoas de meia-idade, cauteloso, furtivo, com rugas entre os

olhos e um olhar de perpétua apreensão. Pois como alguém poderia expressar em palavras essas emoções do corpo? expressar esse vazio aí? (Ela estava olhando para os degraus da sala de estar; pareciam extraordinariamente vazios.) Era a sensação do corpo, não da mente. As sensações físicas que acompanhavam a simples aparência dos degraus tornaram-se subitamente extremamente desagradáveis. Querer e não ter, enviava por todo o seu corpo uma dureza, um vazio, uma tensão. E então querer e não ter – querer e querer – como isso torcia o coração, e torcia-o repetidas vezes! Ah, Sra. Ramsay! ela chamou silenciosamente aquela essência que estava sentada ao lado do barco, aquela essência abstrata feita dela, aquela mulher de cinza, como se quisesse insultá-la por ter ido embora e, depois de ter ido, voltar novamente. Parecia tão seguro pensar nela. Fantasma, ar, nada, uma coisa com a qual você poderia brincar com facilidade e segurança a qualquer hora do dia ou da noite, ela era isso, e então de repente ela estendeu a mão e torceu o coração assim. De repente, os degraus vazios da sala de estar, o babado da cadeira lá dentro, o cachorrinho rolando no terraço, toda a onda e o sussurro do jardim tornaram-se como curvas e arabescos florescendo em torno de um centro de completo vazio.

"O que isso significa? Como você explica tudo isso?" ela quis dizer, voltando-se novamente para o Sr. Carmichael. Pois o mundo inteiro parecia ter-se dissolvido naquela hora matinal num poço de pensamentos, numa profunda bacia de realidade, e quase se poderia imaginar que, se o Sr. Carmichael tivesse falado, por exemplo, uma pequena lágrima teria rasgado a superfície do poço. E então? Algo surgiria. Uma mão seria levantada, uma lâmina seria apontada. Era um absurdo, claro.

Teve uma curiosa noção de que, afinal, ele ouvia coisas que ela não podia dizer. Ele era um velho inescrutável, com a mancha amarela na barba, e sua poesia, e seus quebra-cabeças, navegando serenamente por um mundo que satisfazia todas as suas necessidades, de modo que ela pensou que ele só precisava colocar a mão onde estava deitado no gramado para pescar o que quisesse. Ela olhou para seu quadro. Essa teria sido sua resposta, presumivelmente — como "você", "eu" e "ela" passam e desaparecem; nada permanece; todas as mudanças; mas não palavras, não pintura. No entanto, estaria pendurado no sótão, pensou ela; seria enrolado e jogado debaixo de um sofá; no entanto, mesmo assim, mesmo numa imagem como essa, era verdade. Poder-se-ia dizer, até mesmo deste rabisco, não daquela imagem real, talvez, mas do que ela tentou, que "permaneceu para sempre", ela diria, ou, pois as palavras proferidas soaram até para ela mesma, muito arrogantes, para serem insinuadas, sem palavras; quando, olhando o quadro, ficou surpresa ao descobrir que não conseguia vê-la. Seus olhos estavam cheios de um líquido quente (a princípio não pensou em lágrimas) que, sem perturbar a firmeza de seus lábios, tornava o ar denso e escorria por suas bochechas. Ela tinha perfeito controle de si mesma — ah, sim! — em todos os outros aspectos. Ela estava chorando pela Sra. Ramsay, sem ter consciência de qualquer infelicidade? Ela se dirigiu ao velho Sr. Carmichael novamente. O que foi então? O que isso significa? Poderiam as coisas levantar as mãos e agarrar uma; a lâmina poderia cortar; o punho? Não havia segurança? Não há como aprender de cor os costumes do mundo? Sem guia, sem abrigo, mas tudo foi um milagre, e saltar do topo de uma torre para o ar? Será que, mesmo para os idosos, isso era a vida? — surpreendente, inesperado, desconhecido? Por um momento ela sentiu que se ambos se levantassem, aqui, agora no gramado, e exigissem uma explicação, por que era tão curto,

por que era tão inexplicável, se dissessem isso com violência, como dois seres humanos totalmente equipados, de quem nada deveria ser escondido, poderiam falar, então, a beleza se enrolaria; o espaço seria preenchido; aqueles floreios vazios ganhariam forma; se gritassem alto o suficiente, a Sra. Ramsay retornaria. "Sra. Ramsay!" ela disse em voz alta: "Sra. Ramsay!" As lágrimas correram pelo seu rosto.

## VI

[O filho de Macalister pegou um dos peixes e cortou um quadrado de sua lateral para colocar a isca no anzol. O corpo mutilado (ainda estava vivo) foi jogado de volta ao mar.]

## VII

"Sra. Ramsay!" Lily gritou: "Sra. Ramsay!" Mas nada aconteceu. A dor aumentou. Essa angústia poderia reduzir alguém a tal grau de imbecilidade, pensou ela! De qualquer forma, o velho não a ouviu. Ele permaneceu benigno, calmo - se alguém quisesse pensar assim, sublime. Deus seja louvado, ninguém a ouviu gritar aquele grito ignominioso, pare de dor, pare! Ela obviamente não havia perdido o juízo. Ninguém a viu descer da prancha e cair nas águas da aniquilação. Ela continuou sendo uma solteirona acanhada, segurando um pincel.

E agora, lentamente, a dor da necessidade e a raiva amarga (de ser chamada de volta, assim como ela pensava que nunca mais sentiria tristeza pela Sra. Ramsay. Se ela tivesse sentido falta dela entre as xícaras de café no café da manhã? nem um pouco) diminuíram; e de sua angústia deixou, como antídoto, um alívio que era um bálsamo em si mesmo, e também, mas de

forma mais misteriosa, uma sensação de alguém ali, da Sra. Ramsay, aliviada por um momento do peso que o mundo havia colocado sobre ela, permanecendo levemente ao seu lado e então (pois esta era a Sra. Ramsay em toda a sua beleza) levando à testa uma coroa de flores brancas com a qual ela foi embora. Lily apertou as trompas novamente. Ela atacou aquele problema da cerca viva. Era estranho como ela a via claramente, caminhando com a rapidez habitual por campos entre cujas dobras, arroxeadas e macias, entre cujas flores, jacintos ou lírios, ela desaparecia. Foi algum truque do olho do pintor. Durante dias, depois de ter ouvido falar de sua morte, ela a viu assim, colocando a coroa na testa e caminhando sem questionar com seu companheiro, uma sombra através dos campos. A visão, a frase, tinha o seu poder de consolar. Onde quer que ela estivesse, pintando, aqui, no campo ou em Londres, a visão vinha até ela, e seus olhos, semicerrados, procuravam algo em que basear sua visão. Ela olhou para o vagão do trem, o ônibus; traçou uma linha do ombro ou da bochecha; olhou para as janelas opostas; em Piccadilly, com uma lâmpada acesa à noite. Todos fizeram parte dos campos da morte. Mas sempre alguma coisa - poderia ser um rosto, uma voz, um entregador de jornais chorando Standard, News - empurrava-a, desprezava-a, acordava-a, exigia e, no final, conseguia um esforço de atenção, de modo que a visão tinha de ser perpetuamente refeita. Agora, novamente, movida como estava por alguma necessidade instintiva de distância e azul, ela olhou para a baía abaixo dela, formando colinas com as barras azuis das ondas, e campos pedregosos com os espaços mais roxos, novamente ela foi despertada, como sempre, por algo incongruente. Havia uma mancha marrom no meio da baía. Era um barco. Sim, ela percebeu isso depois de um segundo. Mas de quem é o barco? O barco do Sr. Ramsay, ela respondeu. Sr. Ramsay; o homem que passara por ela, com a mão erguida,

indiferente, à frente de uma procissão, com as suas lindas botas, pedindo-lhe simpatia, o que ela recusara. O barco estava agora a meio caminho da baía.

A manhã estava tão bela, exceto por uma rajada de vento aqui e ali, que o mar e o céu pareciam uma só trama, como se as velas estivessem presas no alto do céu, ou as nuvens tivessem caído no mar. Um navio a vapor, no mar, havia arrastado para o ar um grande rolo de fumaça que ali permanecia curvando-se e circulando decorativamente, como se o ar fosse uma fina gaze que segurava as coisas e as mantinha suavemente em sua malha, apenas balançando-as suavemente para um lado e para outro. E como acontece por vezes quando o tempo está muito bom, as falésias pareciam ter consciência dos navios, e os navios pareciam ter consciência das falésias, como se sinalizassem uns para os outros alguma mensagem própria. Por vezes, muito perto da costa, o Farol parecia esta manhã, no meio da neblina, a uma distância enorme.

"Onde eles estão agora?" Lily pensou, olhando para o mar. Onde estava ele, aquele homem muito velho que passara por ela silenciosamente, segurando um embrulho de papel pardo debaixo do braço? O barco estava no meio da baía.

## VIII

Eles não sentem nada lá, pensou Cam, olhando para a costa, que, subindo e descendo, tornou-se cada vez mais distante e mais pacífica. Sua mão abriu um rastro no mar, enquanto sua mente transformava os redemoinhos e listras verdes em padrões e, entorpecida e envolta, vagava em imaginação naquele submundo de águas onde as pérolas grudavam em cachos em borrifos brancos, onde na luz verde uma mudança acontecia por toda a

mente e o corpo brilhava meio transparente envolto em um manto verde.

Então o redemoinho afrouxou em torno de sua mão. A agitação da água cessou; o mundo ficou cheio de pequenos rangidos e rangidos. Ouviam-se as ondas quebrando e batendo contra a lateral do barco, como se estivessem ancorados no porto. Tudo ficou muito próximo de um. Pois a vela, na qual James manteve os olhos fixos até se tornar para ele como uma pessoa que ele conhecia, cedeu completamente; ali pararam, batendo as asas à espera de uma brisa, sob o sol quente, a quilômetros da costa, a quilômetros do Farol. Tudo no mundo inteiro parecia parado. O Farol tornou-se imóvel e a linha da costa distante tornou-se fixa. O sol ficou mais quente e todos pareciam ficar muito próximos e sentir a presença uns dos outros, que quase haviam esquecido. A linha de pesca de Macalister caiu direto no mar. Mas o Sr. Ramsay continuou lendo com as pernas dobradas sob o corpo.

Ele estava lendo um livrinho brilhante com capas manchadas como um ovo de tarambola. De vez em quando, enquanto perambulavam naquela calma horrível, ele virava uma página. E James sentiu que cada página era virada com um gesto peculiar dirigido a ele: ora de forma assertiva, ora de forma autoritária; agora com a intenção de fazer com que as pessoas tenham pena dele; e o tempo todo, enquanto seu pai lia e folheava aquelas pequenas páginas, uma após a outra, James ficava temendo o momento em que ele olhasse para cima e lhe falasse rispidamente sobre uma coisa ou outra. Por que eles estavam atrasados aqui? ele exigiria, ou algo bastante irracional assim. E se ele o fizer, pensou James, então pegarei uma faca e o atingirei no coração.

Ele sempre manteve esse antigo símbolo de pegar uma faca e atingir o coração do pai. Só que agora, à medida que crescia e ficava olhando para o

pai com uma raiva impotente, não era ele, aquele velho lendo, que ele queria matar, mas foi a coisa que desceu sobre ele - talvez sem que ele soubesse: aquela feroz e repentina harpia de asas negras, com suas garras e seu bico frio e duro, que golpeava e golpeava você (ele podia sentir o bico em suas pernas nuas, onde havia atingido quando ele era criança) e então fugiu, e lá estava ele novamente, um velho, muito triste, lendo seu livro. Que ele mataria, que atingiria o coração. O que quer que ele fizesse (e ele poderia fazer qualquer coisa, ele sentia, olhando para o Farol e para a costa distante), quer estivesse num negócio, num banco, um advogado, um homem à frente de alguma empresa, ele lutaria, rastrearia e erradicaria - tirania, despotismo, como ele chamava - obrigando as pessoas a fazerem o que não queriam, cortando-lhes o direito de falar. Como poderia algum deles dizer: Mas não vou, quando ele disse: Venha para o Farol. Faça isso. Traga-me isso. As asas negras se abriram e o bico duro rasgou. E então, no momento seguinte, lá estava ele sentado lendo seu livro; e ele poderia olhar para cima - nunca se sabe - com bastante razão. Ele poderia falar com os Macalisters. Ele poderia estar colocando um soberano na mão de alguma velha congelada na rua, pensou James, e poderia estar gritando por causa de algum esporte de pescador; ele pode estar agitando os braços no ar com entusiasmo. Ou ele pode sentar-se à cabeceira da mesa em silêncio absoluto de uma ponta à outra do jantar. Sim, pensou James, enquanto o barco batia e permanecia ali sob o sol quente; havia um deserto de neve e rocha muito solitário e austero; e aí ele passou a sentir, com bastante frequência ultimamente, quando seu pai dizia ou fazia alguma coisa que surpreendia os outros, havia apenas dois pares de pegadas; o seu e o de seu pai. Só eles se conheciam. O que era então esse terror, esse ódio? Voltando-se entre as muitas folhas que o passado havia dobrado nele, perscrutando o coração daquela floresta onde a

luz e a sombra se misturam tanto que todas as formas se distorcem e se comete erros, ora com o sol nos olhos, ora com uma sombra escura, ele procurou uma imagem para esfriar, destacar e completar seu sentimento em uma forma concreta. Suponhamos então que, quando criança, sentado indefeso num carrinho de bebê, ou no colo de alguém, ele tivesse visto uma carroça esmagar, ignorante e inocentemente, o pé de alguém? Suponhamos que ele tivesse visto primeiro o pé, na grama, liso e inteiro; depois a roda; e o mesmo pé, roxo, esmagado. Mas a roda era inocente. Então agora, quando o pai dele veio andando pelo corredor, derrubando-os de manhã cedo para irem até o Farol, a coisa passou por cima do pé dele, por cima do pé de Cam, por cima do pé de qualquer um. Um sentou-se e assistiu.

Mas em que pé ele estava pensando e em que jardim tudo isso aconteceu? Pois havia cenários para essas cenas; árvores que ali cresciam; flores; uma certa luz; alguns números. Tudo tendia a se situar num jardim onde não havia nada dessa escuridão. Nada desse movimento de mãos; as pessoas falavam em um tom de voz comum. Eles entravam e saíam o dia todo. Havia uma velha fofocando na cozinha; e as persianas eram sugadas pela brisa; tudo soprava, tudo crescia; e sobre todos aqueles pratos e tigelas e altas flores vermelhas e amarelas, um véu amarelo muito fino se estendia, como uma folha de videira, à noite. As coisas ficaram mais calmas e escuras à noite. Mas o véu em forma de folha era tão fino que as luzes o ergueram, às vezes o enrugaram; via através dela uma figura curvada, ouvindo, aproximando-se, afastando-se, algum vestido farfalhando, alguma corrente tilintando.

Foi neste mundo que a roda passou por cima do pé da pessoa. Algo, lembrou-se, permaneceu e escureceu sobre ele; não se moveria; algo floresceu no ar, algo árido e afiado desceu até ali, como uma lâmina, uma cimitarra, ferindo

até mesmo as folhas e flores daquele mundo feliz e fazendo-o murchar e cair.

"Vai chover", ele se lembrou de seu pai ter dito.

"Você não poderá ir ao Farol."

O Farol era então uma torre prateada, de aparência enevoada e com um olho amarelo, que se abria repentinamente e suavemente ao anoitecer. Agora—

James olhou para o Farol. Ele podia ver as rochas caiadas de branco; a torre, rígida e reta; ele podia ver que estava barrado de preto e branco; ele podia ver janelas; ele podia até ver roupa espalhada nas pedras para secar. Então aquele era o Farol, não é?

Não, o outro também era o Farol. Pois nada era simplesmente uma coisa. O outro Farol também era verdadeiro. Às vezes, dificilmente era visto do outro lado da baía. À noite, alguém olhava para cima e via os olhos abrindo e fechando e a luz parecia alcançá-los naquele jardim arejado e ensolarado onde estavam sentados.

Mas ele se levantou. Sempre que dizia "eles" ou "uma pessoa" e depois começava a ouvir o farfalhar de alguém chegando, o tilintar de alguém indo embora, ele ficava extremamente sensível à presença de quem quer que estivesse na sala. Era seu pai agora. A tensão foi aguda. Pois num momento, se não houvesse brisa, seu pai batia as capas de seu livro e dizia: "O que está acontecendo agora? Por que estamos aqui perdendo tempo, hein?" como, uma vez antes, ele desceu a lâmina entre eles no terraço e ela ficou toda rígida, e se houvesse um machado à mão, uma faca ou qualquer coisa com ponta afiada, ele a teria agarrado e golpeado seu pai no coração. Ela ficou toda rígida e então, com o braço afrouxando, de modo que ele sentiu que ela não o ouvia mais, ela se levantou de alguma forma e foi embora e o deixou

ali, impotente, ridículo, sentado no chão segurando uma tesoura.

Nem um sopro de vento soprou. A água borbulhava e borbulhava no fundo do barco, onde três ou quatro cavalas batiam o rabo para cima e para baixo em uma poça de água que não era profunda o suficiente para cobri-las. A qualquer momento o Sr. Ramsay (ele mal ousava olhar para ele) poderia acordar, fechar o livro e dizer algo brusco; mas no momento ele estava lendo, de modo que James furtivamente, como se estivesse descendo as escadas descalço, com medo de acordar um cão de guarda por causa de uma tábua rangente, continuou pensando como ela era, para onde ela foi naquele dia? Ele começou a segui-la de cômodo em cômodo e finalmente chegaram a um cômodo onde sob uma luz azul, como se o reflexo viesse de muitas louças de porcelana, ela conversava com alguém; ele a ouviu falar. Ela conversou com um criado, dizendo simplesmente tudo o que lhe veio à cabeça. Só ela falou a verdade; somente para ela ele poderia falar isso. Talvez essa fosse a fonte de sua eterna atração por ele; ela era uma pessoa a quem se podia dizer o que lhe vinha à cabeça. Mas enquanto pensava nela, tinha consciência de que o pai seguia o seu pensamento, examinando-o, fazendo-o tremer e vacilar. Finalmente ele parou de pensar.

Lá ele estava sentado com a mão no leme ao sol, olhando para o Farol, impotente para se mover, impotente para sacudir aqueles grãos de miséria que se instalavam em sua mente, um após outro. Uma corda parecia amarrá-lo ali, e seu pai havia dado um nó nela e ele só poderia escapar pegando uma faca e mergulhando-a... Mas naquele momento a vela girou lentamente, encheu-se lentamente, o barco pareceu sacudir-se, e depois afastar-se semiconsciente durante o sono, e então ela acordou e disparou através das ondas. O alívio foi extraordinário. Todos pareciam se afastar uns dos outros

novamente e ficarem à vontade, e as linhas de pesca estavam esticadas e inclinadas na lateral do barco. Mas seu pai não se despertou. Ele apenas ergueu misteriosamente a mão direita no ar e deixou-a cair novamente sobre o joelho, como se estivesse regendo alguma sinfonia secreta.

## IX

(O mar sem nenhuma mancha, pensou Lily Briscoe, ainda de pé e olhando para a baía. O mar se estendia como seda através da baía. A distância tinha um poder extraordinário; eles haviam sido engolidos por ela, ela sentia, eles se foram para sempre, eles haviam se tornado parte da natureza das coisas. Estava tão calmo; estava tão quieto. O próprio vapor havia desaparecido, mas o grande rolo de fumaça ainda pairava no ar e pendia tristemente como uma bandeira em despedida.)

## X

A ilha era assim então, pensou Cam, passando mais uma vez os dedos pelas ondas. Ela nunca tinha visto isso no mar antes. Ficava assim no mar, com uma depressão no meio e dois penhascos pontiagudos, e o mar varria ali e se espalhava por quilômetros e quilômetros de cada lado da ilha. Era muito pequeno; em forma de algo como uma folha em pé. Então pegamos um barquinho, pensou ela, começando a contar para si mesma uma história de aventura sobre como escapar de um navio que estava afundando. Mas com o mar escorrendo por entre seus dedos e um ramo de algas desaparecendo atrás deles, ela não queria contar uma história a sério; era a sensação de aventura e fuga que ela desejava, pois estava pensando, enquanto o barco navegava, como a raiva de seu pai em relação aos pontos cardeais, a obstinação de James em relação ao pacto e sua própria angústia, tudo havia

escorregado, tudo havia passado, tudo havia desaparecido. O que então veio a seguir? Para onde eles estavam indo? Da mão dela, gelada, presa nas profundezas do mar, jorrou uma fonte de alegria pela mudança, pela fuga, pela aventura (por ela estar viva, por estar ali). E as gotas que caíam dessa fonte repentina e impensada de alegria caíam aqui e ali na escuridão, as formas sonolentas em sua mente; formas de um mundo não realizado, mas girando em sua escuridão, captando aqui e ali uma centelha de luz; Grécia, Roma, Constantinopla. Por menor que fosse, e com a forma de uma folha em pé, com as águas salpicadas de ouro fluindo dentro e ao redor dela, ela supôs que ela tinha um lugar no universo - até mesmo aquela pequena ilha? Os velhos cavalheiros no escritório que ela pensou poderiam ter contado a ela. Às vezes ela saía do jardim de propósito para pegá-los. Lá estavam eles (poderia ser o Sr. Carmichael ou o Sr. Bankes que estava sentado com o pai dela), sentados frente a frente em suas poltronas baixas. Estavam folheando as páginas do The Times diante deles, quando ela voltou do jardim, toda confusa, sobre algo que alguém havia dito sobre Cristo, ou ouvindo que um mamute havia sido desenterrado numa rua de Londres, ou imaginando como seria Napoleão. Depois pegaram tudo isso com as mãos limpas (usavam roupas cinzentas; cheiravam a urze) e escovaram os restos, virando o papel, cruzando os joelhos, e disseram alguma coisa de vez em quando, muito brevemente. Só para agradar a si mesma, ela pegava um livro da estante e ficava ali parada, observando o pai escrever, de maneira tão uniforme e organizada, de um lado a outro da página, com uma pequena tosse de vez em quando, ou alguma coisa dita brevemente ao outro velho senhor da frente. E ela pensou, ali parada com o livro aberto, que qualquer pessoa poderia deixar qualquer pensamento se expandir aqui como uma folha na água; e se deu certo aqui, entre os velhos cavalheiros fumando e o The Times estalando,

então estava certo. E observando seu pai enquanto ele escrevia em seu escritório, ela pensou (agora sentada no barco) que ele não era vaidoso, nem tirano e não queria fazer você ter pena dele. Na verdade, se ele visse que ela estava ali, lendo um livro, ele lhe perguntaria, tão gentilmente quanto possível: Não havia nada que ele pudesse lhe dar?

Temendo que isso estivesse errado, ela olhou para ele lendo o livrinho com a capa brilhante manchada como um ovo de tarambola. Não; estava certo. Olhe para ele agora, ela queria dizer em voz alta para James. (Mas James estava de olho na vela.) Ele é um bruto sarcástico, diria James. Ele traz a conversa para si mesmo e para seus livros, diria James. Ele é intoleravelmente egoísta. O pior de tudo é que ele é um tirano. Mas olhe! ela disse, olhando para ele. Olhe para ele agora. Ela olhou para ele lendo o livrinho com as pernas dobradas; o livrinho cujas páginas amareladas ela conhecia, sem saber o que estava escrito nelas. Era pequeno; foi impresso de perto; ela sabia que na folha de guarda ele escrevera que gastara quinze francos no jantar; o vinho tinha sido muito; ele havia dado tanto ao garçom; tudo foi cuidadosamente somado na parte inferior da página. Mas o que poderia estar escrito no livro que tinha as bordas arredondadas no bolso, ela não sabia. O que ele pensava que nenhum deles sabia, Mas ele estava absorto nisso, de modo que quando olhou para cima, como fez agora por um instante, não viu nada; era para definir algum pensamento com mais exatidão. Feito isso, sua mente voltou novamente e ele mergulhou na leitura. Ele lia, pensou ela, como se estivesse guiando alguma coisa, ou adulando um grande rebanho de ovelhas, ou abrindo caminho para cima e para cima por um único caminho estreito; e às vezes ele ia rápido e direto, e abria caminho através do espinheiro, e às vezes parecia que um galho o atingia, um espinheiro o cegava, mas ele não ia se deixar vencer por isso; ele continuou, folheando página após página. E ela

continuou contando para si mesma uma história sobre como escapar de um navio que estava afundando, pois ela estava segura, enquanto ele estava ali sentado; segura, como ela se sentiu quando saiu do jardim e pegou um livro, e o velho cavalheiro, baixando o papel de repente, disse algo muito breve sobre o caráter de Napoleão.

Ela olhou para o mar, para a ilha. Mas a folha estava perdendo a nitidez. Era muito pequeno; estava muito distante. O mar era agora mais importante que a costa. As ondas os cercavam, agitando-se e afundando, com um tronco chafurdando em uma onda; uma gaviota cavalgando em outra. Por aqui, pensou ela, molhando os dedos na água, um navio havia afundado, e ela murmurou, sonhadoramente meio adormecida, como perecemos, cada um sozinho.

## XI

Tanta coisa depende então, pensou Lily Briscoe, olhando para o mar que mal tinha uma mancha, que era tão macio que as velas e as nuvens pareciam fixadas no seu azul, tanta coisa depende, pensou ela, da distância: se as pessoas estão perto de nós ou longe de nós; pois o sentimento dela pelo Sr. Ramsay mudou à medida que ele navegava cada vez mais pela baía. Parecia alongado, esticado; ele parecia se tornar cada vez mais remoto. Ele e seus filhos pareciam absorvidos por aquele azul, por aquela distância; mas aqui, no gramado, bem próximo, o Sr. Carmichael de repente grunhiu. Ela riu. Ele arrancou seu livro da grama. Ele se acomodou novamente na cadeira, bufando e soprando como um monstro marinho. Isso era completamente diferente, porque ele estava muito perto. E agora novamente tudo estava quieto. A essa altura eles já deviam estar fora da cama, ela supôs, olhando para a casa, mas nada apareceu lá. Mas então, ela lembrou, eles sempre iam

embora assim que terminava a refeição, para tratar de assuntos próprios. Tudo estava de acordo com esse silêncio, esse vazio e a irrealdade da madrugada. Às vezes era assim que as coisas aconteciam, pensou ela, demorando-se por um momento e olhando para as longas janelas brilhantes e a nuvem de fumaça azul: tornaram-se irrealis. Assim, ao voltar de uma viagem, ou depois de uma doença, antes que os hábitos tivessem surgido, sentíamos a mesma irrealdade, que era tão surpreendente; sentiu algo emergir. A vida era mais vívida então. Alguém poderia ficar à vontade. Felizmente, não é preciso dizer, muito rapidamente, atravessando o gramado para cumprimentar a velha Sra. Beckwith, que estaria saindo para encontrar um canto para sentar: "Oh, bom dia, Sra. Beckwith! Que dia lindo! Você vai ter a ousadia de se sentar ao sol? Jasper escondeu as cadeiras. Deixe-me encontrar uma para você!" e todo o resto da conversa habitual. Não é preciso falar nada. Deslizava-se, agitava-se as velas (havia muito movimento na baía, os barcos partiam) entre as coisas, além das coisas. Não estava vazio, mas cheio até a borda. Ela parecia estar mergulhada até os lábios em alguma substância, movendo-se, flutuando e afundando nela, sim, pois aquelas águas eram insondavelmente profundas. Neles haviam derramado tantas vidas. Os Ramsays; o infantil; e todos os tipos de coisas abandonadas e perdidas. Uma lavadeira com seu cesto; uma torre, um atizador em brasa; os roxos e verdes acinzentados das flores: algum sentimento comum dominava o todo.

Talvez tenha sido uma sensação de plenitude que, dez anos atrás, estando quase onde estava agora, a fez dizer que devia estar apaixonada pelo lugar. O amor tinha mil formas. Pode haver amantes cujo dom era escolher os elementos das coisas e colocá-los juntos e assim, dando-lhes uma totalidade que não é deles na vida, fazer de alguma cena, ou reunião de pessoas (todas agora desaparecidas e separadas), uma daquelas coisas compactas e

globosas sobre as quais o pensamento permanece e o amor brinca.

Seus olhos pousaram na mancha marrom do barco à vela do Sr. Ramsay. Eles estariam no Farol na hora do almoço, ela supôs. Mas o vento tinha ficado mais fresco e, à medida que o céu mudava ligeiramente e o mar mudava ligeiramente e os barcos alteravam as suas posições, a vista, que um momento antes parecera milagrosamente fixa, era agora insatisfatória. O vento havia espalhado o rastro de fumaça; havia algo desagradável na localização dos navios.

A desproporção parecia perturbar alguma harmonia em sua mente. Ela sentiu uma angústia obscura. Foi confirmado quando ela se virou para seu quadro. Ela estava desperdiçando sua manhã. Por alguma razão, ela não conseguiu atingir aquele equilíbrio entre duas forças opostas; Sr. Ramsay e o quadro; o que era necessário. Talvez houvesse algo errado com o design? Será que seria, ela se perguntou, que a linha do muro queria quebrar, seria que a massa de árvores era muito pesada? Ela sorriu ironicamente; pois ela não pensou, quando começou, que havia resolvido seu problema?

Qual era o problema então? Ela deve tentar se apossar de algo que lhe escapou. Isso lhe escapava quando pensava na Sra. Ramsay; isso lhe escapou agora quando ela pensou em seu quadro. As frases vieram. As visões vieram. Belas imagens. Lindas frases. Mas o que ela queria conseguir era exatamente aquele abalo nos nervos, a coisa em si antes de ser transformada em alguma coisa. Pegue isso e comece de novo; pegue isso e comece de novo; ela disse desesperadamente, lançando-se firmemente diante do cavalete. Era uma máquina miserável, uma máquina ineficiente, pensou ela, o aparelho humano para pintar ou para sentir; sempre quebrava no momento crítico; heroicamente, é preciso forçá-lo. Ela olhou, franzindo a testa. Lá estava a

cerca viva, com certeza. Mas não se ganhava nada solicitando com urgência. Só se conseguia um brilho nos olhos ao olhar para a linha da parede ou ao pensar: ela usava um chapéu cinza. Ela era surpreendentemente linda. Deixe acontecer, ela pensou, se isso acontecer. Pois há momentos em que não se pode pensar nem sentir. E se não se pode pensar nem sentir, pensou ela, onde está?

Aqui na grama, no chão, pensou ela, sentando-se e examinando com o pincel uma pequena colônia de bananas. Pois o gramado estava muito áspero. Aqui, sentada no mundo, pensou ela, pois não conseguia livrar-se da sensação de que tudo naquela manhã estava acontecendo pela primeira vez, talvez pela última vez, como um viajante, embora esteja meio adormecido, sabe, olhando pela janela do trem, que deve olhar agora, pois nunca mais verá aquela cidade, ou aquela carroça puxada por mulas, ou aquela mulher trabalhando nos campos, novamente. O gramado era o mundo; eles estavam aqui juntos, nesta estação elevada, ela pensou, olhando para o velho Sr. Carmichael, que parecia (embora não tivessem dito uma palavra durante todo esse tempo) compartilhar seus pensamentos. E ela nunca mais o veria, talvez. Ele estava envelhecendo. Além disso, ela lembrou, sorrindo para o chinelo pendurado em seu pé, que ele estava ficando famoso. As pessoas diziam que sua poesia era “tão linda”. Eles foram e publicaram coisas que ele havia escrito há quarenta anos. Havia agora um homem famoso chamado Carmichael, ela sorriu, pensando em quantas formas uma pessoa poderia usar, como ele era isso nos jornais, mas aqui o mesmo que sempre foi. Ele parecia o mesmo – mais grisalho, na verdade. Sim, ele parecia o mesmo, mas alguém dissera, ela lembrou, que quando soube da morte de Andrew Ramsay (ele foi morto num segundo por uma bomba; deveria ter sido um grande matemático), o Sr. Carmichael “perdeu todo o interesse pela vida”. O que isso significa - isso?

ela se perguntou. Teria ele marchado pela Trafalgar Square segurando um grande bastão? Será que ele virava as páginas sem parar, sem lê-las, sentado sozinho em seu quarto em St. John's Wood? Ela não sabia o que ele tinha feito quando soube que Andrew havia sido morto, mas mesmo assim sentiu isso nele. Eles apenas murmuravam um para o outro nas escadas; eles olharam para o céu e disseram que vai ficar tudo bem ou não vai ficar bem. Mas esta era uma forma de conhecer as pessoas, pensou ela: conhecer o contorno, não os detalhes, sentar-se no jardim e olhar as encostas de uma colina que descia púrpura até à urze distante. Ela o conhecia dessa maneira. Ela sabia que ele havia mudado de alguma forma. Ela nunca tinha lido um verso de sua poesia. Ela pensou que sabia como tudo acontecia, lenta e sonoramente. Estava temperado e suave. Era sobre o deserto e o camelo. Era sobre a palmeira e o pôr do sol. Foi extremamente impessoal; dizia algo sobre a morte; dizia muito pouco sobre o amor. Havia uma impessoalidade nele. Ele queria muito pouco das outras pessoas. Ele não tinha sempre passado desajeitadamente pela janela da sala com um jornal debaixo do braço, tentando evitar a Sra. Ramsay, de quem, por algum motivo, ele não gostava muito? Por isso, é claro, ela sempre tentaria fazê-lo parar. Ele se curvaria diante dela. Ele pararia de má vontade e se curvaria profundamente. Irritada por ele não querer nada dela, a Sra. Ramsay perguntava a ele (Lily podia ouvi-la) ele não gostaria de um casaco, um tapete, um jornal? Não, ele não queria nada. (Aqui ele fez uma reverência.) Havia nela alguma qualidade da qual ele não gostou muito. Talvez fosse sua maestria, sua positividade, algo prático nela. Ela foi tão direta.

(Um ruído chamou sua atenção para a janela da sala: o rangido de uma dobradiça. A leve brisa brincava com a janela.)

Deve ter havido pessoas que não gostavam muito dela, pensou Lily (Sim; ela percebeu que o degrau da sala de estar estava vazio, mas isso não teve nenhum efeito sobre ela. Ela não queria a Sra. Ramsay agora.) — Pessoas que a consideravam muito segura, muito drástica. Além disso, sua beleza provavelmente ofendeu as pessoas. Que monótono, diriam, e sempre igual! Eles preferiam outro tipo - o sombrio, o vivaz. Então ela estava fraca com o marido. Ela o deixou fazer essas cenas. Então ela foi reservada. Ninguém sabia exatamente o que havia acontecido com ela. E (voltando ao Sr. Carmichael e à sua antipatia) não se poderia imaginar a Sra. Ramsay pintando, deitada lendo, uma manhã inteira no gramado. Era impensável. Sem dizer uma palavra, tendo como único sinal da sua missão um cesto no braço, ela foi para a cidade, para os pobres, para se sentar num quartinho abafado. Muitas e muitas vezes Lily a viu sair silenciosamente no meio de algum jogo, alguma discussão, com a cesta no braço, muito ereta. Ela havia notado seu retorno. Ela pensou, meio rindo (era tão metódica com as xícaras de chá), meio comovida (sua beleza nos tirava o fôlego), olhos que se fecham de dor olharam para você. Você esteve com eles lá.

E então a Sra. Ramsay ficava irritada porque alguém estava atrasado, ou a manteiga não estava fresca, ou o bule estava lascado. E enquanto ela dizia que a manteiga não era fresca, a gente pensava nos templos gregos e em como havia beleza neles naquele quartinho abafado. Ela nunca falou sobre isso - ela foi pontualmente, diretamente. Foi o seu instinto de ir, um instinto como as andorinhas para o sul, as alcachofras para o sol, voltando-a infalivelmente para a raça humana, fazendo-a ninho no seu coração. E isto, como todos os instintos, era um pouco angustiante para as pessoas que não partilhavam dele; para o Sr. Carmichael talvez, para ela mesma certamente. Havia alguma noção em ambos sobre a ineficácia da ação, a supremacia do

pensamento. A partida dela foi uma reprovação para eles, deu uma reviravolta diferente ao mundo, de modo que foram levados a protestar, vendo suas próprias pretensões desaparecerem e agarrando-se a elas desaparecendo. Charles Tansley também fazia isso: era parte do motivo pelo qual não gostávamos dele. Ele perturbou as proporções do mundo de alguém. E o que teria acontecido com ele, ela se perguntou, mexendo preguiçosamente as bananas com o pincel. Ele conseguiu sua bolsa. Ele havia se casado; ele morava em Golder's Green.

Ela foi um dia a um salão e o ouviu falar durante a guerra. Ele estava denunciando alguma coisa: ele estava condenando alguém. Ele estava pregando o amor fraternal. E tudo o que ela sentia era como ele poderia amar sua espécie, que não distinguia uma imagem da outra, que tinha ficado atrás de sua trepada ("cinco pence por onça, Srta. Briscoe") e se esforçando para dizer a ela que as mulheres não sabem escrever, as mulheres não sabem pintar, não tanto que ele acreditasse, mas que por algum motivo estranho ele desejasse isso? Lá ele estava magro, vermelho e rouco, pregando o amor de uma plataforma (havia formigas rastejando entre as bananas que ela mexia com o pincel - formigas vermelhas, enérgicas e brilhantes, mais ou menos como Charles Tansley). Ela olhou para ele ironicamente de seu assento no salão meio vazio, bombeando amor naquele espaço frio, e de repente, lá estava o velho barril ou o que quer que fosse, balançando para cima e para baixo entre as ondas e a Sra. Ramsay procurando seu estojo de óculos entre as pedras. "Oh, querido! Que incômodo! Perdi de novo. Não se preocupe, Sr. Tansley. Eu perco milhares todo verão", ao que ele pressionou o queixo contra o colarinho, como se tivesse medo de sancionar tal exagero, mas conseguia suportar naquela de quem ele gostava, e sorriu muito charmosamente. Ele deve ter confiado nela

em uma daquelas longas expedições em que as pessoas se separavam e voltavam sozinhas. Ele estava educando a irmã mais nova, dissera-lhe a Sra. Ramsay. Foi imensamente para seu crédito. A ideia que ela tinha dele era grotesca, Lily sabia muito bem, mexendo as bananas com o pincel. Afinal de contas, metade das nossas noções sobre outras pessoas eram grotescas. Eles serviam a propósitos privados próprios. Ele fez isso por ela em vez de por um chicoteador. Ela se viu flagelando seus flancos magros quando estava irritada. Se ela quisesse levá-lo a sério, teria de se servir das palavras da Sra. Ramsay, de olhá-lo através dos olhos dela.

Ela ergueu uma pequena montanha para as formigas escalarem. Ela os reduziu a um frenesi de indecisão por esta interferência em sua cosmogonia. Alguns correram para cá, outros para lá.

Seria preciso cinquenta pares de olhos para ver, refletiu ela. Cinquenta pares de olhos não eram suficientes para contornar aquela mulher, pensou ela. Entre eles, deve haver alguém que estava totalmente cego para sua beleza. O que mais se queria era algum sentido secreto, fino como o ar, com o qual pudesse esgueirar-se pelos buracos das fechaduras e cercá-la onde ela estava sentada, tricotando, conversando, sentada em silêncio, sozinha, na janela; que tomou para si e entesourou como o ar que continha a fumaça do vapor, seus pensamentos, suas imaginações, seus desejos. O que significava para ela a sebe, o que significava para ela o jardim, o que significava para ela quando uma onda rebentava? (Lily olhou para cima, como tinha visto a Sra. Ramsay olhar para cima; ela também ouviu uma onda caindo na praia.) E então o que se agitou e tremeu em sua mente quando as crianças gritaram: "Como é isso? Como é isso?" críquete? Ela pararia de tricotar por um segundo. Ela pareceria atenta. Então ela desmaiava novamente, e de repente o Sr. Ramsay parava de andar na frente dela e algum choque curioso passava

por ela e parecia embalá-la em profunda agitação em seu peito quando parando ali ele ficou em cima dela e olhou para ela. Lily podia vê-lo.

Ele estendeu a mão e a levantou da cadeira. De alguma forma, parecia que ele já tinha feito isso antes; como se ele uma vez tivesse se curvado da mesma maneira e a levantado de um barco que, situado a poucos centímetros de alguma ilha, exigia que as damas fossem ajudadas a chegar à costa pelos cavalheiros. Uma cena antiquada que exigia, quase, crinolinas e calças com pregas. Deixando-se ser ajudada por ele, a Sra. Ramsay pensou (supôs Lily) que a hora havia chegado. Sim, ela diria isso agora. Sim, ela se casaria com ele. E ela pisou lenta e silenciosamente na costa. Provavelmente ela disse apenas uma palavra, deixando a mão repousar ainda na dele. Casarei com você, ela poderia ter dito, com a mão na dele; mas não mais. Vez após vez a mesma emoção passou entre eles - obviamente que sim, Lily pensou, abrindo caminho para suas formigas. Ela não estava inventando; ela estava apenas tentando suavizar algo que recebera dobrado há anos; algo que ela tinha visto. Pois na agitação da vida diária, com todas aquelas crianças por perto, todos aqueles visitantes, tínhamos constantemente uma sensação de repetição - de uma coisa caindo onde outra havia caído, criando assim um eco que ressoava no ar e o tornava cheio de vibrações.

Mas seria um erro, pensou ela, pensando em como eles saíram juntos, de braços dados, passando pela estufa, para simplificar o relacionamento. Não era uma monotonia de felicidade — ela com seus impulsos e rapidez; ele com seus arrepios e tristezas. Oh não. A porta do quarto batia violentamente de manhã cedo. Ele começava a sair da mesa irritado. Ele jogaria seu prato pela janela. Então, por toda a casa, havia uma sensação de portas batendo e persianas balançando, como se um vento forte estivesse soprando e as pessoas corresse de um lado para o outro, tentando, apressadamente,

fechar as escotilhas e deixar as coisas em ordem. Ela conheceu Paul Rayley assim um dia na escada. Aparentemente era uma tesourinha. Outras pessoas podem encontrar centopéias. Eles riram e riram.

Mas isso cansou a Sra. Ramsay, intimidou-a um pouco — os pratos zunindo e as portas batendo. E por vezes caíam entre eles silêncios longos e rígidos, quando, num estado de espírito que irritava a Lily nela, meio queixosa, meio ressentida, ela parecia incapaz de superar a tempestade com calma, ou de rir como elas riam, mas em seu cansaço talvez escondesse alguma coisa. Ela meditou e ficou em silêncio. Depois de algum tempo, ele perambulava furtivamente pelos lugares onde ela estava, vagando sob a janela onde ela estava sentada, escrevendo cartas ou conversando, pois ela tomava o cuidado de estar ocupada quando ele passava, e evitava-o e fingia não vê-lo. Então ele se tornaria suave como seda, afável, cortês, e tentaria conquistá-la assim. Ainda assim, ela resistiria e agora afirmaria, por um breve período, alguns daqueles orgulhos e ares devidos à sua beleza, dos quais ela geralmente não tinha; viraria a cabeça; ficaria assim, por cima do ombro, sempre com alguma Minta, Paul ou William Bankes ao seu lado. Por fim, do lado de fora do grupo, a própria figura de um cão de caça faminto (Lily levantou-se da grama e ficou olhando para os degraus, para a janela, onde o vira), ele dizia o nome dela, uma única vez, para todo o mundo, como um lobo latindo na neve, mas ela ainda se continha; e ele dizia isso mais uma vez, e desta vez algo no tom a despertava, e ela ia até ele, deixando-os de repente, e eles caminhavam juntos entre as pereiras, as couves e os canteiros de framboesas. Eles resolveriam tudo juntos. Mas com que atitudes e com que palavras? Tão grande era a dignidade deles nesta relação que, afastando-se, ela, Paul e Minta escondiam a curiosidade e o desconforto, e começavam a colher flores, a atirar bolas, a conversar, até chegar a hora do jantar, e lá

estavam eles, ele numa ponta da mesa, ela na outra, como sempre.

"Por que alguns de vocês não estudam botânica?... Com todas essas pernas e braços, por que nenhum de vocês...?" Então conversavam como sempre, rindo, entre as crianças. Tudo continuaria como sempre, exceto por um tremor, como o de uma lâmina no ar, que ia e vinha entre eles, como se a visão habitual das crianças sentadas em volta dos pratos de sopa tivesse se refrescado em seus olhos depois daquela hora entre as pernas e os repolhos. Especialmente, pensou Lily, a Sra. Ramsay olharia para Prue. Ela se sentava no meio entre irmãos e irmãs, sempre ocupada, ao que parecia, vendo que nada dava errado, de modo que ela mesma mal falava. Como Prue deve ter se culpado por aquela tesourinha no leite! Como ela ficou branca quando o Sr. Ramsay jogou o prato pela janela! Como ela se deixou abater por aqueles longos silêncios entre eles! De qualquer forma, sua mãe agora parece estar compensando-a; garantindo-lhe que estava tudo bem; prometendo a ela que um dia desses essa mesma felicidade seria dela. Ela gostava disso há menos de um ano, no entanto.

Ela tinha deixado as flores caírem da cesta, pensou Lily, apertando os olhos e recuando como se fosse olhar para seu quadro, na qual ela não estava tocando, no entanto, com todas as suas faculdades em transe, congelada superficialmente, mas movendo-se por baixo com extrema velocidade.

Ela deixou as flores caírem da cesta, espalhou-as e jogou-as na grama e, com relutância e hesitação, mas sem questionar ou reclamar - ela não tinha a faculdade de obedecer à perfeição? - foi também. Nos campos, através dos vales, brancos, repletos de flores — era assim que ela o teria pintado. As colinas eram austeras. Foi difícil; era íngreme. As ondas soavam roucas nas pedras abaixo. Eles foram, os três juntos, a Sra. Ramsay andando bem rápido

na frente, como se esperasse encontrar alguém na esquina.

De repente, a janela para a qual ela estava olhando foi esbranquiçada por alguma coisa clara atrás dela. Finalmente alguém entrou na sala; alguém estava sentado na cadeira. Pelo amor de Deus, ela rezou, deixe-os ficar sentados ali e não sair correndo para falar com ela. Felizmente, quem quer que fosse, permaneceu lá dentro; tinha se acomodado por algum golpe de sorte, de modo a lançar uma sombra triangular de formato estranho sobre o degrau. Alterou um pouco a composição da imagem. Foi interessante. Pode ser útil. Seu humor estava voltando para ela. É preciso continuar olhando sem relaxar nem por um segundo a intensidade da emoção, a determinação de não desanimar, de não ser enganado. É preciso manter a cena — assim — num torno e não deixar que nada entre e a estrague. Queria-se, pensou ela, molhando o pincel deliberadamente, estar no mesmo nível da experiência comum, sentir simplesmente que isso é uma cadeira, que isso é uma mesa, e ainda assim, ao mesmo tempo, É um milagre, é um êxtase. Afinal, o problema pode ser resolvido. Ah, mas o que aconteceu? Uma onda branca passou pela vidraça. O ar deve ter agitado alguma agitação na sala. Seu coração saltou sobre ela, agarrou-a e torturou-a.

"Sra. Ramsay! Sra. Ramsay!" ela gritou, sentindo o antigo horror voltar - querer e querer e não ter. Ela ainda poderia infligir isso? E então, silenciosamente, como se ela se abstivesse, isso também se tornou parte da experiência comum, ficou no mesmo nível da cadeira, da mesa. A Sra. Ramsay — isso fazia parte de sua perfeita bondade — ficou ali sentada, muito simplesmente, na cadeira, balançando as agulhas de um lado para o outro, tricotando sua meia marrom-avermelhada, projetando sua sombra no degrau. Lá ela sentou.

E como se tivesse algo que precisasse compartilhar, mas mal pudesse deixar o cavalete, tão ocupada que sua mente estava com o que estava pensando, com o que estava vendo, Lily passou pelo Sr. Carmichael segurando o pincel na beira do gramado. Onde estava aquele barco agora? E o Sr. Ramsay? Ela o queria.

## XII

O Sr. Ramsay estava quase terminando de ler. Uma mão pairou sobre a página como se estivesse pronta para virá-la no exato instante em que a terminasse. Ele ficou ali sentado, com a cabeça descoberta e o vento soprando em seus cabelos, extraordinariamente exposto a tudo. Ele parecia muito velho. Ele parecia, pensou James, encostando a cabeça ora no Farol, ora na vastidão das águas que escorriam para o campo aberto, como uma pedra velha caída na areia; ele parecia ter se tornado fisicamente o que sempre esteve no fundo de suas mentes - aquela solidão que era para ambos a verdade sobre as coisas.

Ele estava lendo muito rapidamente, como se estivesse ansioso para chegar ao fim. Na verdade, eles estavam agora muito perto do Farol. Lá ele se erguia, austero e reto, brilhando em branco e preto, e era possível ver as ondas quebrando em lascas brancas como vidro quebrado nas rochas. Podia-se ver linhas e vincos nas rochas. Podia-se ver claramente as janelas; um pouco de branco em um deles e um pequeno tufo de verde na rocha. Um homem saiu e olhou para eles através de um vidro e entrou novamente. Então era assim, pensou James, o Farol que ele vira do outro lado da baía todos esses anos; era uma torre austera sobre rocha nua. Isso o satisfez. Isso confirmou algum sentimento obscuro dele sobre seu próprio caráter. As velhinhas, pensou ele, pensando no jardim de casa, arrastavam as cadeiras

pelo gramado. A velha Sra. Beckwith, por exemplo, estava sempre dizendo como era bom e como era doce e como eles deveriam estar tão orgulhosos e tão felizes, mas na verdade, James pensou, olhando para o Farol ali em cima de sua rocha, é assim mesmo. Ele olhou para seu pai lendo ferozmente com as pernas bem enroladas. Eles compartilharam esse conhecimento. "Estamos avançando antes de um vendaval — precisamos afundar", começou a dizer para si mesmo, meio em voz alta, exatamente como seu pai dissera.

Ninguém parecia ter falado por muito tempo. Cam estava cansado de olhar para o mar. Pequenos pedaços de cortiça preta haviam passado flutuando; os peixes estavam mortos no fundo do barco. O pai dela ainda lia, e James olhou para ele e ela olhou para ele, e eles juraram que lutariam contra a tirania até a morte, e ele continuou lendo, completamente inconsciente do que eles pensavam. Foi assim que ele escapou, pensou ela. Sim, com sua grande testa e seu grande nariz, segurando firmemente seu livrinho manchado à sua frente, ele escapou. Você pode tentar colocar as mãos nele, mas então, como um pássaro, ele abriu as asas e flutuou para pousar fora de seu alcance em algum lugar distante, em algum toco desolado. Ela olhou para a imensa extensão do mar. A ilha tinha ficado tão pequena que já não parecia mais uma folha. Parecia o topo de uma rocha que alguma onda maior que as outras poderia cobrir. No entanto, na sua fragilidade estavam todos aqueles caminhos, aqueles terraços, aqueles quartos - todas aquelas coisas inumeráveis. Mas assim como, pouco antes de dormir, as coisas se simplificam de modo que apenas um entre todos os inúmeros detalhes tem o poder de se afirmar, então, ela sentiu, olhando sonolenta para a ilha, todos aqueles caminhos e terraços e quartos estavam desaparecendo e desaparecendo, e nada restava além de um incensário azul pálido balançando ritmicamente de um lado para o outro em sua mente. Era um jardim

suspensão; era um vale cheio de pássaros, flores e antílopes... Ela estava adormecendo.

"Venha agora", disse o Sr. Ramsay, fechando subitamente o livro.

Venha para onde? Para que aventura extraordinária? Ela acordou assustada. Aterrissar em algum lugar, subir em algum lugar? Para onde ele os estava levando? Pois depois do seu imenso silêncio, as palavras os assustaram. Mas foi um absurdo. Ele estava com fome, ele disse. Era hora do almoço. Além disso, olhe, ele disse. "Lá está o Farol. Estamos quase lá."

"Ele está muito bem", disse Macalister, elogiando James. "Ele a está mantendo muito estável."

Mas seu pai nunca o elogiou, James pensou severamente.

O Sr. Ramsay abriu o pacote e distribuiu os sanduíches entre eles. Agora ele estava feliz, comendo pão e queijo com aqueles pescadores. Ele teria gostado de morar numa cabana e ficar vagando no porto, cuspidando com os outros velhos, pensou James, observando-o cortar o queijo em finas folhas amarelas com o canivete.

Está certo, é isso, Cam continuou sentindo, enquanto descascava o ovo cozido. Agora ela se sentia como no escritório, quando os velhos liam o Times. Agora posso continuar pensando o que quiser e não cairei num precipício nem me afogarei, pois lá está ele, de olho em mim, pensou ela.

Ao mesmo tempo, eles navegavam tão rápido pelas rochas que era muito emocionante - parecia que estavam fazendo duas coisas ao mesmo tempo; eles estavam almoçando aqui ao sol e também rumando para a segurança de uma grande tempestade após um naufrágio. A água duraria? As provisões

durariam? ela se perguntou, contando uma história para si mesma, mas sabendo ao mesmo tempo qual era a verdade.

Eles logo estariam fora disso, dizia o Sr. Ramsay ao velho Macalister; mas seus filhos viam algumas coisas estranhas. Macalister disse que completou setenta e cinco anos em março passado; O Sr. Ramsay tinha setenta e um anos. Macalister disse que nunca tinha consultado um médico; ele nunca havia perdido um dente. E é assim que eu gostaria que meus filhos vivessem - Cam tinha certeza de que o pai dela estava pensando isso, pois ele a impediu de jogar um sanduíche no mar e disse-lhe, como se estivesse pensando nos pescadores e em como eles viviam, que se ela não quisesse, deveria colocá-lo de volta no pacote. Ela não deveria desperdiçá-lo. Ele disse isso com tanta sabedoria, como se soubesse tão bem de todas as coisas que aconteciam no mundo, que ela o guardou imediatamente, e então ele lhe deu, do próprio embrulho, uma noz de gengibre, como se fosse um grande cavalheiro espanhol, pensou ela, entregando uma flor a uma senhora na janela (tão corteses eram seus modos). Ele era pobre e simples, comendo pão e queijo; e ainda assim ele os liderava em uma grande expedição onde, pelo que ela sabia, eles seriam afogados.

“Foi aí que ela afundou”, disse repentinamente o filho de Macalister.

Três homens morreram afogados onde estamos agora, disse o velho. Ele mesmo os tinha visto agarrados ao mastro. E o Sr. Ramsay dando uma olhada no local estava prestes, James e Cam estavam com medo, a explodir:

Mas eu, sob um mar mais agitado,

e se o fizesse, eles não poderiam suportar; eles gritariam alto; não suportariam outra explosão da paixão que fervia nele; mas, para surpresa

deles, tudo o que ele disse foi "Ah", como se pensasse consigo mesmo: Mas por que fazer barulho por causa disso? Naturalmente, os homens morrem afogados numa tempestade, mas é uma questão perfeitamente simples, e as profundezas do mar (ele salpicou sobre elas as migalhas do papel-sanduíche) são apenas água. Depois de acender o cachimbo, tirou do bolso o relógio. Ele olhou atentamente; ele fez, talvez, alguns cálculos matemáticos. Por fim ele disse, triunfante:

"Muito bem!" James os conduziu como um marinheiro nato.

Lá! Cam pensou, dirigindo-se silenciosamente a James. Você finalmente conseguiu. Pois ela sabia que era isso que James queria, e sabia que agora que ele conseguira, estava tão satisfeito que não olhava para ela, nem para o pai, nem para ninguém. Lá ele estava sentado com a mão no leme, sentado ereto, parecendo bastante mal-humorado e franzindo ligeiramente a testa. Ele ficou tão satisfeito que não permitiria que ninguém compartilhasse um grão de seu prazer. Seu pai o elogiou. Eles devem pensar que ele era perfeitamente indiferente. Mas agora você conseguiu, pensou Cam.

Eles haviam virado e navegavam rapidamente, com alegria, em ondas longas e agitadas que os transportavam de um para outro com uma cadência e alegria extraordinárias ao lado do recife. À esquerda, uma fileira de pedras aparecia marrom através da água, que se tornava mais rala e mais verde, e numa delas, uma rocha mais alta, uma onda quebrava incessantemente e jorrava uma pequena coluna de gotas que caíam numa chuva. Podia-se ouvir o barulho da água e o tamborilar das gotas caindo e uma espécie de som de silêncio e assobio das ondas rolando e saltando e batendo nas rochas como se fossem criaturas selvagens que estavam perfeitamente livres e se agitavam e rolavam e se divertiam assim para sempre.

Agora podiam ver dois homens no Farol, observando-os e preparando-se para recebê-los.

O Sr. Ramsay abotoou o casaco e levantou as calças. Ele pegou o grande embrulho de papel pardo, mal embalado, que Nancy havia preparado e colocou-o sobre os joelhos. Assim, totalmente pronto para desembarcar, ele sentou-se olhando para a ilha. Com seus olhos míopes, talvez ele pudesse ver com bastante clareza a forma diminuída, semelhante a uma folha, em pé sobre uma placa de ouro. O que ele poderia ver? Cam se perguntou. Foi tudo um borrão para ela. O que ele estava pensando agora? ela se perguntou. O que é que ele procurava, tão fixamente, tão intensamente, tão silenciosamente? Eles o observaram, os dois, sentados com a cabeça descoberta e o embrulho no joelho, olhando fixamente para a frágil forma azul que parecia o vapor de algo que havia se queimado. O que você quer? ambos queriam perguntar. Ambos queriam dizer: Pergunte-nos qualquer coisa e nós lhe daremos. Mas ele não perguntou nada a eles. Ele sentou-se e olhou para a ilha e poderia estar pensando: Perecemos, cada um sozinho, ou poderia estar pensando: Cheguei lá. Eu encontrei; mas ele não disse nada.

Então ele colocou o chapéu.

“Traga esses pacotes”, disse ele, balançando a cabeça para as coisas que Nancy havia feito para eles levarem para o Farol. “Os pacotes para os homens do Farol”, disse ele. Ele se levantou e ficou na proa do barco, muito ereto e alto, para todo mundo, pensou James, como se estivesse dizendo: “Deus não existe”, e Cam pensou, como se estivesse saltando no espaço, e os dois se levantaram para segui-lo enquanto ele saltava, levemente como um jovem, segurando seu embrulho, sobre a rocha.

### XIII

"Ele deve ter chegado lá", disse Lily Briscoe em voz alta, sentindo-se subitamente completamente cansada. Pois o Farol tornara-se quase invisível, dissolvera-se numa névoa azul, e o esforço de olhar para ele e o esforço de pensar nele aterrando ali, que pareciam ser o mesmo esforço, tinham esticado o seu corpo e a sua mente ao máximo. Ah, mas ela ficou aliviada. O que quer que ela quisesse dar a ele, quando ele a deixou naquela manhã, ela finalmente lhe deu.

"Ele desembarcou", ela disse em voz alta. "Está terminado." Então, levantando-se, bufando levemente, o velho Sr. Carmichael ficou ao lado dela, parecendo um velho deus pagão, peludo, com ervas daninhas no cabelo e o tridente (era apenas um romance francês) na mão. Ele ficou ao lado dela na beira do gramado, balançando um pouco no corpo e disse, protegendo os olhos com a mão: "Eles devem ter desembarcado", e ela sentiu que estava certa. Eles não precisavam falar. Eles estavam pensando as mesmas coisas e ele respondeu sem que ela perguntasse nada. Ele ficou ali como se estendesse as mãos sobre todas as fraquezas e sofrimentos da humanidade; ela pensou que ele estava examinando, com tolerância e compaixão, seu destino final. Agora ele coroou a ocasião, pensou ela, quando a mão dele caiu lentamente, como se ela o tivesse visto deixar cair de sua grande altura uma coroa de violetas e asfódelos que, flutuando lentamente, jazia finalmente sobre a terra.

Rapidamente, como se algo ali a chamasse de volta, ela se voltou para sua tela. Lá estava - o quadro dela. Sim, com todos os seus verdes e azuis, suas linhas subindo e cruzando, sua tentativa de fazer alguma coisa. Estaria pendurado no sótão, pensou ela; seria destruído. Mas o que isso importava?

ela se perguntou, pegando o pincel novamente. Ela olhou para os degraus; eles estavam vazios; ela olhou para sua tela; estava borrado. Com uma intensidade repentina, como se tivesse visto claramente por um segundo, ela traçou uma linha ali, no centro. Estava feito; estava terminado. Sim, pensou ela, pousando o pincel em extremo cansaço, tive minha visão.